**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

nove moios que recolheu debaixo do mesmo granel, onde os comeram os porcos e galinhas e outras alimárias, pelos deitar ali como perdidos, por não ter onde recolher o trigo novo.

No Morro da vila da Ribeira Grande, e em outras muitas partes desta ilha, respondia a terra a sessenta moios por moio de trigo, e o mesmo de cevada; e tão basto e grado era o pão, que dois ceifões segavam trezentos feixes no dia, e cada feixe dava um alqueire de trigo; e os donos das searas não diziam que Iho apanhassem nem aproveitassem bem, senão que o levassem por cima e segassem pouca palha. Por isso naquele tempo pequenos calcadouros respondiam com muito trigo. E houve uma eira de um Francisco Martins, no Morro da Ribeira Grande, que Ihe deu vinte e cinco moios; mas agora tudo é pobreza. E o calcadouro que naquele tempo dava dez moios, não dá neste quatro, e é tanta a miséria que não há lavrador que queira ver perder uma espiga, perdendo-se tanto pão no campo naquele tempo antigo, em que um João Gonçalves, alfaiate, morador na Maia, bom ceifão, um ano ganhou a segar sete moios de trigo, com empreitadas que tomava. E ordinariamente no verão vinham ceifões do Algarve segar a esta ilha, pelo muito pão que se dava nela, e levavam para sua terra o que ganhavam.

Um Lourenceanes, serrador, vendeu por um barrete vermelho três moios de terra, arriba da Calheta de Pero de Teves junto da ermida de São Gonçalo, na cidade da Ponta Delgada.

Álvaro Lopes, que morava em Bulcão (sic), sobre a vila da Lagoa, perto da ermida de Nossa Senhora dos Remédios, tinha trigo de três anos no granel, melhor ao cabo deste tempo que o trigo novo, que então se recolhia, que se danava muitas vezes, ficando aquele seu velho fresco e inteiro; parece que era isto pela frieza da terra, por morar ele ali, junto da serra.

João Jorge, da vila de Água do Pau, tendo vendido algum trigo barato, depois do navio carregado, sobejando a um mercador um moio, Iho comprou por três galinhas. Este João Jorge e Álvaro Lopes, dos Remédios, pai de Adão Lopes, eram dos mais ricos e abastados homens lavradores do seu tempo. João Jorge, o primeiro verão depois do dilúvio de Vila Franca, já na era de mil e quinhentos e vinte e três, vendeu trinta moios de trigo por sessenta mil réis, a dois mil réis o moio, que era grande preço naquele tempo, e ainda deu de arra trinta alqueires de trigo para biscoito. E na era de mil e quinhentos e vinte e um, nos Fenais da Maia, respondeu a terra a quarenta moios por moio.

Na Ponta da Garça, morava um bom lavrador, chamado João Fernandes; na era de mil e quinhentos e cinquenta e oito, e cinquenta e nove, determinando de se ir para Portugal Ihe perguntaram porque vendia sua fazenda e se queria ir, pois estava rico e à sua vontade. Respondeu que se ia pelo que conhecia desta ilha, que tempo viria que não responderia a cinco moios por moio, porque o tinha experimentado nos anos atrás passados; que no princípio, quando ele fora à Ponta da Garça, Ihe davam as terras à razão de cinquenta e sessenta moios por moio e havia trinta anos que ele começara a fazer seara, e já Ihe não respondiam senão à razão de catorze moios; e, pois desta maneira faltou tanto em tão pouco tempo, que faria ao diante. E, se por isso não quis então deixar de se ir desta terra para a sua de Portugal, melhor se fora, se soubera deste nosso tempo, em que os senhorios levam cinco moios por moio, de renda, sem nenhuma piedade, vendo claramente que não dá, nem responde a terra tanto; e os pobres lavradores não podem, nem querem deixar os arrendamentos, ainda que se perdem neles, por não ter outra vida. São nisto como o pobre murganho, que não sabe mais que um só agulheiro ou buraco, em que se acolhe, pelo que prestes o tomam e morre. Mas, conquanto foi declinando a terra desta ilha de sua fertilidade, e no tempo antigo dando em alguns anos toda a ilha dezasseis mil moios e dezassete mil, e depois veio a dar oito mil, todavia o ano de mil e quinhentos e sessenta e nove deu doze mil, e o de mil e quinhentos e oitenta deu dezoito mil moios de pão, o que nunca se viu nela, porque parece que tornou então a seu princípio, e melhorado. E houve terra que respondeu a sessenta moios, e outras a trinta, e a razão de quarenta moios por moio; e muitos mais foram se não se perdera muito nas eiras, por falta de bom tempo para se poder recolher; que se vinha um dia bom, vinham logo outros chuvosos, por onde teve ruim colheita e estiveram muitos lavradores para cobrirem nas eiras o trigo, e os frescais com palha, como fazendo- lhe casas, em que o deixassem, para debulhar no mês de Maio do ano seguinte, por na era de oitenta não fazer tempo para isso, em que muito trigo nasceu nas eiras e ainda por todo o mês de Outubro não estava acabado de recolher todo, em toda a ilha. Valeu em todo o verão a três mil réis o moio, o menos; aos alqueires, o davam a dois vinténs o alqueire; e o ano de mil e quinhentos e oitenta e um, ainda que não renderam tanto as searas como dantes, deu tanto ou mais trigo que o ano de oitenta, por se semearem mais terras, porque se roçaram muitas de silvas, e

***Capítulo LII*** 239

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

todas as que chamam as cabeçadas, e aos pés dos picos e pelas faldras deles foram semeadas, e qualquer homem pobre fez seara, por Ihe não faltar trigo para semente do ano abundoso atrás passado. De centeio não se faz caso nesta terra, senão para alcacér, manjar de gado, e para se aproveitarem da palha dele nos enxergões.

É muito fértil esta ilha, não somente de trigo e cevada, mas de muitos legumes, como são favas, ervilhas, chícharos, lentilhas, tremoços e junça, em todo o tempo depois que foi descoberta até agora. E o trigo, a era de treze, quase não teve valia, mas daí por diante até este ano de mil e quinhentos e oitenta e oito, sendo o moio de sessenta alqueires, que é a medida que corre nestas ilhas, teve as valias seguintes, justificadas as mais antigas pela justiça no cartório de João Lopes, tabelião, que foi de Gaspar de Freitas, onde se há-de notar que, o ano que tinha dois preços, quem não pagava no verão, pagava depois na maior valia de todo o ano. E, ainda que nesta terra haja trigo de diversas maneiras, como é anafil, barbela, tremez, canôco e pelado, e o anafil só o primeiro ano que se semeia permaneça (sic) o seu ser, e mesmo semeado preço do (296segundo ).

ano por diante se torna barbela, todo um e outro tem cada ano o

***Capítulo LII*** 240

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

**CAPÍTULO LIII (297)**

DA VALIA DO TRIGO EM TEMPOS DIVERSOS DE 1513 ATÉ 1589

No ano de 1513, valeu o trigo, por todo o ano, a seiscentos réis o moio .......................... 600

No ano de 1514, valeu no verão, geralmente a mil e quatrocentos réis o moio ............ 1.400

No ano de 1515, a oitocentos réis o moio ......................................................................... 800

No ano de 1516, a mil réis .............................................................................................. 1.000

No ano de 1517, a mil réis .............................................................................................. 1.000

No ano de 1518, a mil e seiscentos réis ......................................................................... 1.600

No ano de 1519, a mil e quinhentos réis ......................................................................... 1.500

No ano de 1520, a dois mil réis ....................................................................................... 2.000

No ano de 1521, a dois mil réis ....................................................................................... 2.000

No ano de 1522 a dois mil e quinhentos ......................................................................... 2.500

No ano de 1523 a mil réis ............................................................................................... 1.000

No ano de 1524, a três mil e cento ................................................................................. 3.100

No ano de 1525, a mil réis o moio .................................................................................. 1.000

No ano de 1526 a mil e oitocentos réis ........................................................................... 1.800

No ano de 1527 a dois mil réis ........................................................................................ 2.000

No ano de 1528, a dois mil e duzentos ........................................................................... 2.200

No ano de 1529, a três mil réis ....................................................................................... 3.000

No ano de 1530, a três mil e trezentos réis .................................................................... 3.300

No ano de 1531, a três mil e duzentos réis .................................................................... 3.200

No ano de 1532, a mil e seiscentos réis ......................................................................... 1.600

No ano de 1533, a dois mil réis ....................................................................................... 2.000

No ano de 1534, a dois mil réis ....................................................................................... 2.000

No ano de 1535 a dois mil e duzentos ............................................................................ 2.200

No ano de 1536 a dois mil réis ........................................................................................ 2.000

No ano de 1537, a mil e novecentos réis ........................................................................ 1.900

No ano de 1538, no verão, a dois mil réis ...................................................................... 2.000

e por todo o ano valeu a dois mil e setecentos réis ........................................................ 2.700

No ano de 1539, valeu no verão a três mil réis .............................................................. 3.000

e por todo o ano a três mil e novecentos réis ................................................................. 3.900

No ano de 1540, a três mil reis no verão ........................................................................ 3.000

e por todo o ano a três mil e novecentos ........................................................................ 3.900

No ano de 1541, a três mil e seiscentos réis .................................................................. 3.600

***Capítulo LIII*** 241

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

e por todo o ano, a quatro mil e duzentos ...................................................................... 4.200

No ano de 1542, a dois mil e setecentos ........................................................................ 2.700

No ano de 1543, a três mil e seiscentos ......................................................................... 3.600

No ano de 1544, a dois mil e setecentos ........................................................................ 2.700

No ano de 1545, a quatro mil e quinhentos .................................................................... 4.500

No ano de 1546, a quatro mil e duzentos ....................................................................... 4.200

No ano de 1547, no verão, a dois mil e quatrocentos .................................................... 2.400

e por todo o ano, a dois mil e setecentos ....................................................................... 2.700

No ano de 1548, no verão, a dois mil e quatrocentos .................................................... 2.400

e por todo o ano, a três mil e seiscentos ........................................................................ 3.600

No ano de 1549, no verão, a dois mil e setecentos ........................................................ 2.700

e por todo o ano, a três mil e seiscentos ........................................................................ 3.600

No ano de 1550, no verão, a dois mil e oitocentos réis .................................................. 2.800

e por todo o ano, a três e seiscentos .............................................................................. 3.600

No ano de 1551, no verão, a quatro mil e duzentos ....................................................... 4.200

e por todo o ano, a quatro mil e oitocentos ..................................................................... 4.800

No ano de 1552, a três mil réis ....................................................................................... 3.000

No ano de 1553, a três mil réis ....................................................................................... 3.000

No ano de 1554, a três mil réis ....................................................................................... 3.000

No ano de 1555, a cinco mil e quatrocentos réis ............................................................ 5.400

No ano de 1556, a cinco mil e quatrocentos réis ............................................................ 5.400

No ano de 1557, a quatro mil e oitocentos, no verão ..................................................... 4.800

e por todo o ano, a seis mil réis ...................................................................................... 6.000

No ano de 1558, no verão a dois mil e quatro-centos réis ............................................. 2.400

e por todo o ano, a quatro mil e duzentos ...................................................................... 4.200

No ano de 1559 a três mil réis ........................................................................................ 3.000

No ano de 1560 a dois mil e quatrocentos réis, no verão ............................................... 2.400

e por todo o ano, a três mil réis ....................................................................................... 3.000

No ano de 1561, no verão, a quatro mil e duzentos ....................................................... 4.200

e por todo o ano a seis mil réis ....................................................................................... 6.000

No ano de 1562, no verão, a quatro mil e oitocentos ..................................................... 4.800

e por todo o ano, a seis mil réis ...................................................................................... 6.000

No ano de 1563, a quatro mil e oitocentos, no verão ..................................................... 4.800

e por todo o ano, a seis mil réis ...................................................................................... 6.000

No ano de 1564, no verão, a três mil e quinhentos ........................................................ 3.500

e por todo o ano, a quatro mil e oitocentos ..................................................................... 4.800

No ano de 1565, no verão, a três mil e seiscentos réis .................................................. 3.600

e por todo o ano, a quatro mil e duzentos ...................................................................... 4.200

No ano de 1566, no verão, a quatro mil e oitocentos ..................................................... 4.800

e por todo o ano, a seis mil réis ...................................................................................... 6.000

***Capítulo LIII*** 242

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

No ano de 1567, no verão, a quatro mil e oito-centos réis ............................................. 4.800

e por todo o ano, seis mil réis ......................................................................................... 6.000

No ano de 1568, no verão, a três mil réis ....................................................................... 3.000

e por todo o ano, a quatro mil e duzentos ...................................................................... 4.200

No ano de 1569, no verão, a três mil e trezentos ........................................................... 3.300

e por todo o ano, a quatro mil e duzentos ...................................................................... 4.200

No ano de 1570, no verão, a quatro mil e duzentos ....................................................... 4.200

e por todo o ano, a seis mil reis ...................................................................................... 6.000

No ano de 1571, no verão, a quatro mil e duzentos ....................................................... 4.200

e por todo o ano, a seis mil réis ...................................................................................... 6.000

No ano de 1572, no verão, a quatro mil e duzentos ....................................................... 4.200

e por todo o ano, a seis mil réis ...................................................................................... 6.000

No ano de 1573, no verão, a quatro mil e duzentos ....................................................... 4.200

e por todo o ano, a quatro mil e oitocentos ..................................................................... 4.800

No ano de 1574, no verão, a quatro mil e duzentos ....................................................... 4.200

e por todo o ano, a seis mil réis ...................................................................................... 6.000

No ano de 1575, por todo o ano, a sete mil e quinhentos .............................................. 7.500

e foi o ano de tanta esterilidade que algumas pessoas o venderam a duzentos e a trezentos réis o alqueire, que era a doze mil réis e a dezoito mil o moio.

No ano de 1576, a seis mil réis o moio ........................................................................... 6.000

No ano de 1577 a seis mil réis ........................................................................................ 6.000

No ano de 1578 a seis mil réis ........................................................................................ 6.000

No ano de 1579, a seis mil réis ....................................................................................... 6.000

No ano de 1580, a três mil réis no verão; e quase todo o ano ....................................... 3.000

No ano de 1581, no verão e quase todo o ano, a três mil réis ....................................... 3.000

e no cabo do ano, antes de se recolher trigo novo, como havia muitos navios, valeu a quatro mil réis .................................................................................................................................. 4.000

O ano de 1582, no verão, pela taussa (sic), a seis mil réis ............................................ 6.000

O ano de 1583, no verão a seis mil réis .......................................................................... 6.000

e pelo mais tempo do ano, a sete mil e duzentos e a mais ............................................ 7.200

O ano de 1584, a seis mil réis ......................................................................................... 6.000

O ano de 1585, a seis mil réis ......................................................................................... 6.000

O ano de 1586, também a seis mil réis ........................................................................... 6.000

O ano de 1587, valeu a seis mil reis o moio ................................................................... 6.000

e, pelo tempo adiante, a muito mais, por diversos preços, até chegar a dez e doze mil réis. O ano de 1588, valeu, logo em se recolhendo, a (298) seis mil ....................................... 6.000

e pelo tempo adiante a mais, até chegar a nove mil. O ano de 1589, valeu no novo a seis mil réis ........................................................................................................................................ 6.000

***Capítulo LIII*** 243

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

**CAPÍTULO LIV**

DA MULTIPLICAÇÃO DE GADO DE TODA A SORTE E DO MUITO PESCADO QUE

HOUVE NA ILHA DE SÃO MIGUEL NOS PRIMEIROS ANOS DEPOIS DE SER DESCOBERTA

Ordinariamente, qualquer ilha nova em seus princípios depois de achada, parece um paraíso terreal e é fértil em tudo, quando dantes de povoada se deitam nela as sementes das coisas necessárias à vida humana, e Ihe dão espaço em que se criem e cresçam e possam multiplicar para uso e mantimento dos povoadores vindouros. Assim foi esta ilha de São Miguel que, sendo achada na era de mil e quatrocentos e quarenta e quatro anos por Gonçalo Velho, comendador de Almourol, enviado pelo Infante D. Henrique, de gloriosa memória, a seu descobrimento, que depois foi Capitão dela, dali a cinco anos, que foi na era de mil e quatrocentos e quarenta e nove, com licença de el-Rei D. Afonso, quinto do nome, tornou a mandar deitar muito gado de toda a sorte e outras sementes nela que multiplicaram tanto, que quando dali a pouco tempo a vieram a povoar, faltava a fome a seus primeiros povoadores para tanto mantimento quanto nela achavam, principalmente de gado de toda a sorte e de pescado, como agora direi.

Em diversas partes desta ilha, foi deitado gado entre o espesso mato dela; em partes, deitaram carneiros e ovelhas, e em outras, bodes e cabras, em outras, porcos e porcas, e em outras, cavalos e éguas, asnos e burras. Tudo multiplicou tanto entre o basto arvoredo, com os bons pastos que havia de erva e rama, que quando vieram os primeiros povoadores, dali a alguns anos, achavam grandes manadas deste gado em toda ela, e muito mais nas partes onde o deitaram; pelo que havia tanta fartura nesta terra, que não se cortava naquele tempo carne nos açougues, nem os havia, mas cada um fazia açougue em sua casa, tomando os bois, carneiros e cabras, e mortos os dependuravam à porta em uma árvore, e dali partiam e comiam quanto queriam, até que começava a ter mau cheiro e então deitavam o que sobejava da rez fora, em alguma grota ou apartado de casa.

Na Lomba da Ribeira Seca, termo da Ribeira Grande, houve uns homens honrados e forçosos, chamados os Fanecas de alcunha, que eram João Gonçalves, Rui da Ponte, Pero da Ponte, João Velho e seu pai deles, os quais, perto de suas casas, matavam cada um sua vaca e a dependuravam à porta, e todos os que passavam e queriam cortar, levavam a que Ihe contentava; e, como cheirava mal, não curavam de a salgar, mas cortando-a por riba, pelos pernis, a iam deitar por uma grota ou rocha abaixo, ou na ribeira aos cães.

Havia nesta ilha, logo no princípio de seu descobrimento, tão grandes malvas como árvores, nas quais dependuravam também os bois e vacas que tomavam, e dali repartiam a carne delas pela maneira sobredita, o que queriam e a quem a queria, e assim se proviam de carne sem haver mais açougue, senão o que cada um tinha à sua porta; de modo que não tinha preço a carne de toda a sorte, e de graça a comiam, e pouco era isto, se aproveitaram o que sobejava, mas deixavam apodrecer e perder muita por razão da grande multidão do gado, cuidando que nunca faltaria, e também por haver pouco sal na terra.

E outra se perdia no mato, onde matavam algum gado, para somente se aproveitarem das peles. Os mais dos homens, então, se prezavam de fragueiros e monteiros, e aqueles que eram mais valentes traziam do mato as reses que tomavam para si e para seus vizinhos. Depois, passados alguns anos, veio a valer a carne quase de graça, e mais além algum tempo se começou a cortar a quatro, seis e sete ceitis o arrátel e por discurso do tempo se foram alevantando os preços.

Afora o gado bravo que andava na serra, outras reses e bois já mansos se iam dos povoados, das casas de seus donos, metendo-se pelo mato, sem saberem tornar nem os

***Capítulo LIV*** 244

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

poderem achar, porque eram tão bastas as árvores que em muitas partes um cão não podia passar por entre elas, nem por debaixo delas; e muitas vezes se andava grande espaço de terra, sem porem os homens os pés no chão, senão por cima das árvores, que estavam verdes, deitadas e alastradas umas por cima das outras; não porque os ventos as tivessem derribadas, senão por se tecerem os ramos de través uns com os outros, com que ficavam liados e cobriam toda a terra, pelo que não havia caminho senão por cima delas, e alguns bois se perdiam e andavam a serra três e quatro anos.

E depois os machos das pernas deles cresciam tanto que faziam volta, e Ihe vinham fincar nas canelas das pernas, da banda de detrás, fazendo com aqueles machos uns vãos entre os mesmos machos e as canelas, na volta que davam, por onde caberia um dedo da mão de um homem e por onde se poderiam prender como por um tornel ou argola de ferro, e em vez de crescerem aquelas unhas e machos para baixo, cresciam tanto que viravam para cima e se fincavam nas pernas e canelas.

Os touros bravos tomados com um laço e presos a um pau ou árvore, três ou quatro dias, sem Ihe darem de comer, assim os amansavam, para se servirem deles, e depois sofriam a carrega (sic) esfaimados; e os que não podiam ter estes da terra mandavam comprar bois mansos à ilha de Santa Maria, para fazerem seu serviço e lavoura.

Os porcos do monte eram tantos e tão bravos que davam grande trabalho aos monteiros. Havia infinidade deles além da cidade da Ponta Delgada, para aquela banda de Santa Clara, até a casa de Francisco Ramalho, onde os iam montear os moradores de Vila Franca, levando mantimento em seus batéis para alguns dias, nos quais, fazendo salga neles, se tornavam com muitos para a mesma Vila. Mas, muito mais número deles havia na ribeira da Salga, da banda do norte, onde parece que deitaram alguns no princípio, e lá iam da vila da Ribeira Grande e de outras partes muitos homens a montear e, fazendo grande matança e salga neles, se tornavam para suas casas, providos para muitos dias.

Não se aproveitavam em muitos anos nesta terra cabeças e fressuras, nem tripas, nem miúdos alguns de qualquer outra rês, tanta era a fartura nela.

Também se achavam grande número de asnos bravos, principalmente na concavidade das Sete Cidades, onde se acolheram do lugar donde primeiramente os desembarcaram, com as unhas muito crescidas, tão ferozes que se enviavam à gente como bravos touros e mais dificultosos eram de tomar que eles; porque o touro, esperando-o em uma vereda por onde passava, Ihe deitavam um laço ou Ihe cortavam uma perna, e assim o tomavam e se aproveitavam dele. Mas os asnos, por entre as alagoas das Sete Cidades e ao redor delas e por entre o arvoredo espesso, se Ihe cortassem as pernas, não aproveitariam para nada, pois Ihe não podiam comer a carne, como a do touro que jarretavam; pelo que era tão dificultosa de tomar esta caça que não havia coisa tão forte de tomar como eles, porque mais facilmente se tomava um porco montês ou um touro. E, na verdade, muita experiência temos todos que os animais desta sorte, ainda que tenham outra figura, sempre foram duros e maus de domar, donde vem que ainda agora melhor se atreve um cão filhar um touro que um asno, porque o touro, se não acerta ferir com o corno (como muitas vezes acontece), não Ihe faz mais mal, mas os asnos bravos mordiam muito com os dentes e magoavam muito mais com os coices. E desta maneira os pregadores que ladram com a palavra de Deus e doutrina do Evangelho mais asinha convertem e filham com ela um nobre e discreto que um baixo e rudo.

Já pelo tempo mais adiante, valeu o gado mais. Um Afonso Anes, da Ribeira Grande, tinha um vaqueiro, chamado Fernão Pousado, a que dava a guardar o gado de meias; o qual, querendo-se ir para Portugal, o partiu com seu amo e vendeu dele a Rui Garcia, pai de Roque Roiz, escrivão da Câmara da dita vila, vinte vacas prenhes e muito grandes, por vinte cruzados.

Um Gonçalo Fernandes, da Ribeira Grande, de quarenta porcas parideiras, de que havia muitos e grandes e gordos leitões, mandando vender à vila alguns a dez réis cada um, muitas vezes os tornavam a levar para casa, por não achar quem os comprasse. E porque a carne dos porcos do monte sabia a baga de louro e sanguinho, ainda que eram muito gordos, mandava cevar com trigo os que se haviam de comer em casa, sem Ihe dar a comer outra coisa, e com isto os engordavam. Mas, os filhos e netos dos que levavam esta vida e tinham este viço são agora nesta terra como o filho pródigo fora da casa de seu pai, que muitas vezes desejam de se fartar de pão dos farelos que agora os porcos comem, quanto mais do trigo que então comiam.

***Capítulo LIV*** 245

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

João d’Outeiro, da Ribeira Grande, tinha um curral de gado nas Feiteiras, e era tanto o leite, que de contínuo tinham na cafua os pastores cinco e seis cestos grandes de leite escorrido, porque deitavam feitos debaixo dos cestos e o leite em cima a escorrer, o qual davam a comer aos porcos e às galinhas; e, para ordenhar às vezes as vacas em um dia, deitavam o leite dos outros dias fora.

Um vizinho de Jorge Afonso, da Relva, tendo um monte grande de cevada em sua eira, por não ter granel em que a ter, passados alguns dias, estava por cima toda nascida e verde, onde acharam nela um pequeno buraco e, olhando por ele o que estava dentro, saiu um porco de monte, e após ele outro e outros, até quatro, tantos eram naquele tempo, que se vinham às eiras; e atentando a concavidade donde saíram e comiam e dormiam, dentro acharam a cevada muito sã, que parecia ser àquela hora debulhada, senão só a que estava nascida na côdea de cima, a qual com as raízes e rama entrapou e fez coberta como de palha, com que defendia a água da chuva à que debaixo estava. E veio depois tempo em que um porco de dois e três anos, cevado, de chiqueiro, valeu por grande preço um cruzado, que agora valerá três e quatro mil réis.

As lavouras e debulhas, ordinariamente, se faziam nesta ilha com gado vacum, mas quem o não podia haver, lavrava, gradava e debulhava com os asnos, éguas e cavalos, de que também havia muito grande quantidade; dos quais se acharam mais principalmente no pico dos Ginetes, pela qual razão, afora as outras já ditas, parece que Ihe ficou este nome.

Na era de mil e quinhentos e dezassete e dezoito valia o arrátel de carne de vaca a real e meio; e tanta era a fartura até ali em todos os moradores, que não havia quem comprasse coisa alguma, tudo quase tinham sem dinheiro. E carne de vaca e de porco, muitos de fartos a não comiam. E era tão gordo o gado que uma porca dava doze canadas de manteiga. Abasta que naqueles primeiros anos, quase todos, matando uma rês, a dependuravam e dela comiam, e como Ihe sentiam bafio, a deitavam aos cães e tornavam ao mato buscar outra; desta maneira, e não nos açougues, se proviam de carne. Era tanta abundância na terra que, havendo na Ribeira Grande um carniceiro, chamado João Garcia, esfolava as reses e deitava fora as cabeças e mais miúdos para quem os queria levar, sem haver quem os levasse; e uma Inês Gonçalves, viúva, foi a primeira que nesta ilha aproveitou os pés dos bois, por causa da graxa, que saía das canas dos tutanos delas, para a candeia; e o mais se dava aos cães. Deitava o carniceiro então os miúdos fora, por valer a carne tão barata que dava a quatro ceitis o arrátel; agora muitos não têm miúdos para comprar os miúdos, quanto mais a carne.

Havendo aqui no tempo antigo pouca louça, coziam a carne em cabaças, e às vezes cozinhavam um carneiro e uma cabra, ou carne de vaca, cozendo-a e assando-a na pele, fazendo uma fogueira na terra, e depois de muito quente, faziam uma cova nela, e embrulhando a carne do gado que matavam na mesma pele, a metiam na cova, tornando-a a cobrir com a cinza e rescaldo da fogueira, e tornando a fazer outra fogueira em cima, assim se cozia. O pescado de toda a sorte, chernes, peixe escolar, peixe galo, crongos, gatas, gorazes, pargos, garoupas, abróteas, sargos, salmonetes e outras sortes, lagostas, lagostins e cavacos, muito dele era tanto nesta terra, que do porto de Santa Eiria levavam seves (sic) cheias em carros carregados dele à vila da Ribeira Grande. E agora tudo é miséria, parece que até o mar, e não tão somente a terra, se fez estéril e nega o que soía a dar de si com grande abundância.

Depois de achada esta ilha. mais de cinco anos, não havia homem que tivesse hanzolo (sic). Costumavam fazer uma isca grande de carne, amarrando a uma linha e atando a linha a uma vara de ginja, por não haver ainda canas nesta terra; desta maneira pescavam, e era tanto o peixe que então matavam, e mais dele sem hanzolo, que agora com ele.

Um Lopo Gonçalves engordava os porcos com o pescado que Ihe sobejava do muito que pescava na boca da ribeira da vila da Ribeira Grande, onde vivia.

Depois, era o pescado tanto e tão barato, que ninguém o queria comer salgado, do qual mandavam deitar fora as gamelas cheias, quando vinha outro fresco. Na era de mil e quinhentos e dezasseis, comprou um João Lourenço, na Maia, noventa gorazes por três vinténs, que agora vale cada um daquele tamanho, pelo menos, um vintém. Mas naquele tempo não havia dinheiro na terra.

Às vezes tomavam no princípio muito peixe de toda a sorte com pregos dobrados; e outras vezes sem pregos e sem hanzolos, senão somente com as mãos tomavam peixes que

***Capítulo LIV*** 246

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

andavam à borda de água. E tomou-se já tanta sardinha, na Ponta Delgada, sendo vila, que o bacio, que cada um dos que iam comprar levava, Iho enchiam delas os pescadores por um real, e davam seis cavalas ao real; afora outras baratezas que seria longo processo de contar e, por não enfadar, as calo.

Um pargo grande e qualquer peixe gordo, só das ventrechas dele se aproveitavam, do mais não fazendo caso, como também o não faziam das miudezas de toda carne.

Veio tempo que já não queriam comer em muitas casas carne de vaca, porque a tinham por ruim e grosseira, enfastiados dela, como os filhos de Israel do maná, no deserto, e não comiam senão galinhas, cordeiros, pombos, mélroas, pardelas e outras aves que agora direi.

***Capítulo LIV*** 247

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

**CAPÍTULO LV**

DA INFINIDADE DE AVES DIVERSAS QUE HOUVE NA ILHA DE SÃO MIGUEL, NOS

PRIMEIROS ANOS DE SUA POVOAÇÃO, ENTRE SEU ESPESSO ARVOREDO

Costumam dizer os ignorantes, ouvindo alguma coisa dos segredos de filosofia e efeitos da poderosa natureza, que Ihe não cabe em seu entendimento: — ó grande mentira de filósofos; ao que eu não sei dar outra mais certa resposta, senão dizendo: — ó grande parvoíce de néscios, pois não alcançam que há muitas coisas sobre seu baixo entendimento que Ihe ficam tão altas, que nem com altíssimas escadas, de ordenados e compassados degraus de razões e claras demonstrações, podem lá subir, para descobrir do alto, empinados, o que do chão, rasteiros, ver não alcançam. Donde se conhece o seguro descanso que é tratar e comunicar com sábios, e o grande trabalho que é conversar e falar com néscios; porque o sabedor entende a razão do que se diz e fica satisfeito, e o ignorante e tosco, sem nunca se satisfazer, reprende (sic) o que não entende e fica desta maneira o filósofo douto com o néscio atado ao pé, que (como se diz) é o maior trabalho que pode ter nesta vida. Digo isto para refrear as línguas de alguns que em algum tempo ouvirem algumas coisas que agora contar quero, que terão por impossíveis porque as não viram. Aos quais responderei que quem as viu era de tão boa consciência e tão verdadeiro como eles, e se não houvéssemos de crer senão o que se vê com os olhos, muito tempo há que fora já destruída a república humana. O que agora contarei das aves domésticas e bravas que houve nesta ilha entre os espessos arvoredos dela, ainda que parece impossível, são coisas vistas, tratadas e palpadas por pessoas graves e dignas de fé, como irei dizendo.

Estava esta ilha, logo quando se achou, muito cheia de alto, fresco e grosso arvoredo de cedros, louros, ginjas, sanguinho, faias, pau branco e outras sortes de árvores; e em alguns lugares estavam espaços de serra cobertos somente de cedros e outros de louros, outros de ginjas, outros de sanguinhos e alguns de teixos, outros de pau branco e outros de faias, como foi o Faial, que tomou este nome das faias de que estava povoado. Entre estas árvores, havia em alguns lugares malvais, de tão altas e grossas malvas, como qualquer das árvores suas vizinhas, em as quais dependuravam um boi ou uma vaca morta, e ali a esfolavam e partiam para comer; o mesmo faziam aos porcos e carneiros. E de algumas malvas menos grossas faziam temões, arados e cangas. Nem se deve ninguém espantar disto, pois maiores coisas há no mundo, como pudera contar muitas, mas só uma lembrarei: que em Maluco há canas de grande altura, cheias de excelente água, de grossura de três palmos, de que bebe o Rei e a gente, e são pelo pé cortadas, levadas a terras muito longe, por mar e por terra, e têm meia pipa de água cada uma, que se gasta canudo e canudo, sem água nunca minguar delas; que é maior coisa que haver malvas grandes nesta terra, como houve no tempo antigo. Um Pero Gonçalves Carreiro, fidalgo dos Carreiros de Portugal, dava testemunho que havia muitas e à sua porta tinha uma em que dependurava as reses que no mato tomava, o qual também afirmou que na praça de Ponta Delgada, antes de ser vila e cidade, junto do lugar onde esteve o pelourinho velho, defronte da cadeia dos presos, vira estar algum tempo uma malva tão alta como uma grande árvore, com tronco tão grosso como uma pipa; e era homem verdadeiro, como ainda hoje muitos vivos sabem dele.

Algumas aves havia nesta terra bravas, e outras vieram de fora, de muitas maneiras. Depois que trouxeram a ela galinhas domésticas, multiplicaram tanto, que enchiam os campos. Um Gonçalo Fernandes, morador na ribeira do Salto, junto da vila da Ribeira Grande, trazia tantas que não Ihe sabia conta e eram tantos os ovos, frangos e frangas, que de serem muitos perdiam o valor, porque quando mandava vender alguns à vila, dando trinta ovos por meio vintém e a três e quatro réis cada frangão, muitas vezes os tornavam para casa, por não se achar quem os comprasse; e em sua casa se aconteceu achar-se uma tina cheia de ovos, que contados foram oitocentos e oitenta. Estes eram dos que se apanhavam por casa somente,

***Capítulo LV*** 248

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

porque no campo, entre o arvoredo, se perdiam muitos, de que não faziam conta. E algumas vezes, por folgar, um seu filho, Pedro Gonçalves, com outros filhos de seus vizinhos, coziam caldeiradas deles, e esburgando-os depois de cozidos atiravam com eles uns contra os outros, em tão pouca estima os tinham, e tantos eram, que usavam então deste jogo com ovos muitas vezes, como em dia de entrudo usam neste tempo do jogo das laranjadas, sendo um só dia no ano. Porque então tanta era a fartura que todos os dias eram dias de entrudo; e depois veio a coresma (299) faminta, da fome que agora há, em que todos jejuam. Enchiam as suas galinhas aquele campo todo da ribeira do Salto até o pico da Murta, da parte da vila da banda do ponente, e da banda do oriente até a eira do Picão, e da banda do norte até as rochas do mar, porque era em si um mar de galinhas. E quando queriam tomar algumas, para irem vender, as iam ameijoando, até as agasalhar por feitais e murtas e pés de cepos, que queimaram nas roças já feitas, e sendo noite, depois de estarem ameijoadas, iam com uns grandes cestos de vimes, pondo-os em cima das moutas, e assim as tomavam debaixo e iam vender a dez réis cada uma, tão baratas que não sei qual era mais trabalho, se o ameijoá-las, se tomá-las nas moutas, se levá-las à vila, se torná-las a casa, quando assim tão baratas não achavam quem Ihas comprasse, estando agora em tempo que nem muito caras e magras se pode achar quem as venda. Valia finalmente então mais o trabalho de as ameijoar e tomar, que o proveito e riqueza de as vender e lograr. Tudo foi então assim farto e tudo vai agora faminto, e muitos dos que gozaram daquela fartura provam agora desta fome e pobreza. Não Ihe vejo consolação a sua miséria, se não se for a com que um João de Abrantes, barbeiro e pedinte pelas portas, se consolava, que havendo alcançado deste bem naquele tempo, pedindo depois esmola, dizia:— se agora sou pobre, já fui rico; se agora sou velho, já fui mancebo; se agora morro de fome, já fui farto. Conhecia o bem passado e o mal presente, e a volta da Fortuna já virada, e tinha peito forte e duro para estar no baixo e áspero, como o teve brando e mimoso para passar os mimos e regalos que prestes passam e desandam, pondo os altos nos baixos e os baixos nos altos, fazendo a mosca leão e o leão mosca, o cônsul plebeu e o plebeu pretor, a Bajazeto estribeiro e ao pastor Tarmolão (sic) (300) grão senhor.

Havia, como disse, sítios de terra, como esta, onde estas galinhas andavam, que tudo era loural, ginjal e outros faial e outras partes de cedros e muitas lombas de pau branco, outras tamujais e murtais, que se dividiram em dadas logo no princípio, algumas pelos primeiros Capitães Gonçalo Velho, comendador de Almourol, e João Soares de Albergaria, seu sobrinho; e, sendo ele absente, pelo primeiro almoxarife destas ilhas, Gonçalo de Teves, em tempo de Gonçalo Rois e de Pedro Anes de Alpoem, juízes ordinários em Vila Franca, por mandado e carta da Infanta D. Beatriz, mulher do Infante D. Fernando, comendador de Cristo destas ilhas e pai de D. Diogo, que depois foi Duque de Viseu, por ele então ser de pouca idade e o dito João Soares não ter ainda sua capitania confirmada, se deram outras dadas no lugar da Ponta Delgada e no de Água do Pau, estando presentes Gonçalo Roiz, juiz ordinário, e Nuno Gonçalves, seu genro, Vasco de Torres, Antão Fernandes e António Anes, e outros, aos dezasseis dias do mês de Abril de mil e quatrocentos e setenta e dois anos, delas de duzentas, delas de cento e trinta passadas de largura, direito para a serra, quanto os possuidores pudessem romper com condição que a cortassem até cinco anos, que chamam sesmaria por algumas razões, e desta palavra — semo — italiana, que quere dizer — dividir e desbastar — porque para isso davam as terras, deixando o caminho necessário para o concelho; e, da banda do mar, oitenta passadas, para canadas e pasto dos gados que se houvessem de criar.

Vestida estava esta ilha de diversas árvores de várias cores e cheiros, a cuja sombra se criavam as galinhas, e em cujos ramos pousavam muitas aves; e a cobiça dos homens foi tanta que o que Deus, mediante a natureza, Ihe deu em tantos anos, em um dia de roça, ou em uma hora de fogo, tudo brevemente Ihe despiram, esbulharam e desfizeram de tal modo que com razão se aqueixara com as palavras de David, como se fora homem, dizendo: — Vi o mau alevantado como os cedros do monte Líbano, em passando ou virando a cabeça e tornando a olhar, já não aparece fumo do que nalgum tempo era; tudo aqui foi e não é, pois foi quando ninguém se lograva dele e, depois que era e o viram, tão prestes desapareceu que era e não é, como se nunca fora. Secou-se a hera de Jonas e a era dos anos, que já foi e nunca virá, nem será, e,se vier a ser, será como empréstimo (como dizem) que quem empresta não cobra, e se cobra não sempre, e se sempre não todo, e se todo não tal e se tal inimigo mortal; pois, sobre estas tais courelas de terras e pequenas coisas, inventaram os homens entre si compridas demandas, litígios e brigas e forjam e tecem grandes e diabólicos ódios, urdidos pelo demónio.

Um João Afonso, morador na Relva, trazia ao redor de sua casa tantas galinhas que, quando se espantavam de alguma gente que viam, pareciam bando de estorninhos, e se

***Capítulo LV*** 249

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

quisera buscar os ovos que punham em um pomar que tinha, se se puderam ensacar, enchera cada dia um saco.

Houve outra maneira de galinhas bravas nesta ilha, que se chamavam galinhas de Guiné. Parece-me que primeiro vieram de Guiné à ilha da Madeira, e de lá as mandou trazer a esta terra Rui Gonçalves da Câmara, quinto Capitão e segundo do nome; as quais multiplicaram tanto que por debaixo do arvoredo havia grandes bandos delas, que eram algum tanto mais pequenas que as domésticas e pintadas de preto, branco e cinzento, com as cristas mais pequenas, pelo que pareciam ter os pescoços e cabeças mais agudas, e eram mais perinaltas (sic) que as nossas e por isso corriam mais ligeiras, mas voavam pesadamente, como as outras caseiras; punham os ovos pardos, e, deitando-os às galinhas mansas, os tiravam e depois de saídos não queriam seguir a mãe que os tirava e morriam. Era tanta a multidão delas que entravam nos povoados e nas casas e se iam aos poleiros ajuntar e comer com as galinhas mansas e ali as matavam. Um Frei Estêvão, vigairo de Água do Pau, se ia às vezes com seus moços ao campo, onde a cosso as tomavam, pondo um moço em uma parte, outro em outra, e outro em outro cabo, alevantando-as, voavam elas, indo ter onde os outros estavam, já cansadas, e correndo após elas, como pousavam no chão, as tomavam. Especialmente, houve muitas na lomba da Correia, da parte de Vila Franca, e na ribeira da Praia, onde as iam montear com cães, pondo-se alguns da banda da ribeira e outros de outra, e enxotando-as de uma banda para a outra, tornando-as a cossar de cá para além, assim cansadas, não podendo voar se emboscavam por os ramos e ervas, onde com os cães tomavam muitas; até que vieram a perder-se de todo.

As derradeiras galinhas, destas de Guiné, que se tomaram nesta ilha, foi entre os Fenais e Rabo de Peixe, arriba das Calhetas, junto dos biscoitos de Jácome Dias Correia, as quais tomou um Manuel Tavares que foi um grande caçador e pescador de pesqueiros e o melhor besteiro que houve nesta terra; tomou-as, cevando-as primeiro alguns dias, e ali se acabaram, porque não havia mais que aquelas que ele então tomou, em toda a ilha, havendo dantes tantas que faziam grandes bandos como de estorninhos. Voavam pouco como as perdizes que no primeiro voo cansam logo, mas corriam muito.

Posto que muitas aves vieram aqui de fora a esta terra, nela se acharam algumas maneiras de pombos, como naturais dela, uns pretos que chamavam pombos da serra, que matavam às trochadas com paus e aguilhadas e com lanças, nos paus e nas árvores, tão tolos eram, pela pouca comunicação da gente, que tudo esperavam; estes eram da terra. Outros houve cinzentos, que chamavam torcazes, que eu cuido serem naturais, mas alguns dizem que vieram depois aqui de fora, porque dantes os não havia, e multiplicaram tanto que agora há aí muitos, nas Furnas e na serra sobre a Povoação Velha. E há tão grande número deles na Achada e Fenais da Maia, que cobrem as terras como entra Março, e às vezes fazem perda nas novidades de trigo e linho, derribando as paveias no campo. Estes sempre foram mais recatados e dificultosos de caçar e tomar; mas os pretos, indo-os a caçar, atirando-lhe do pé da árvore com a besta a um, derribando aquele, os outros que na árvore estavam, olhando abaixo para aquele que caía, se deixavam estar quedos e tornando a atirar a outros e a derribá-los mortos, os que ficavam em cima da árvore faziam o mesmo, deixando-se estar tolamente, até que o besteiro matava deles quantos queria.

Pero Gonçalves Carreiro, morador na cidade da Ponta Delgada, indo à serra, pondo uma capela de ramos verdes na cabeça, os pombos Ihe vinham pousar nela, e ele tomava os que achava gordos e os magros soltava. 0 mesmo faziam outros muitos, onde estavam, à ermida de São Brás, junto da fortaleza da cidade da Ponta Delgada, antigamente, uns zimbros, em que pousavam muitos pombos; e algumas mulheres que por ali moravam os iam tomar com laços, escolhendo os mais gordos deles, e deixando os mais magros, como se foram escolher algumas galinhas do seu poleiro, e eles esperavam sem fugir e se deixavam tomar pelo pouco uso da comunicação da gente; pelo que chamavam os de Portugal aos homens das ilhas — pombos das ilhas — por serem confiados como eles, ainda que vissem e entendessem o laço dos maliciosos, se deixavam enganar, sem se querer apartar do engano que Ihe faziam. Uma Beatriz Vaz, viúva, da vila da Ribeira Grande, tinha à sua porta um azevinho onde muitos pombos iam dormir como galinhas em poleiro, e de noite, ela e as filhas, com candeia, tomavam e matavam os gordos e deixavam os magros.

Um Lopo Gonçalves, que morava no Morro da Ribeira Grande, por ser dos primeiros que vieram a esta terra, pondo-se nu entre o mato com os braços estendidos, vinham os pombos a pousar nele e ali escolhia os que pareciam melhores e mais gordos, e os magros deixava. Tão

***Capítulo LV*** 250

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

pouco uso tinham os pombos da gente, que nunca viram, que parece parecerem-lhe os homens árvores e por isso pousavam neles.

A mãe de Roque Roiz, escrivão da câmara da vila da Ribeira Grande, e outras mulheres ao redor de sua casa, que tudo era mato, punham um laço em uma cana com que tomavam facilmente os pombos pretos, que chamavam da serra, escolhendo os gordos e soltando os magros.

Por muitas vezes, um Gonçalo Fernandes, vizinho da Ribeira Grande, saía de sua casa, todo enramado e coberto de ramos e se metia em um loural e mato de outras árvores, e, deixando-se estar quedo e agachado, vinham os pombos e pousando ao redor dele, com as mãos os tomava, e, se via que eram gordos, metia-lhe os dentes na cabeça, deixando-os cair no chão, e soltava os magros, tornando para casa com trinta ou quarenta deles. Na vila de Água do Pau, um Manuel Álvares matou um dia outros tantos com a besta. As mulheres e moços, com laços postos em canas compridas, tomavam muitos, escolhendo os gordos e soltando os magros. E estando muitos em um pau ou ramo, tomando-se um deles, se chegava logo outro àquele lugar donde o outro caía. As pombas bravas também eram tantas nas rochas que não tinham conto nem preço, e quando se vendiam era quase de graça.

Também se acharam nesta ilha pardelas, estapagados e garajaus; os estapagados eram tão grandes como pombos torcazes ou frangas, brancos pela barriga e pretos pelas costas, tinham pouca coisa o bico retorto na ponta.

Eram tantas as pardelas e estapagados que em casa de um Manuel Fernandes, o Tosquiado de alcunha, uma véspera de Páscoa, tomaram setecentas, entre umas e outras, das quais vendeu seu pai a um Álvaro Dorta duzentas por duzentos réis, a real cada uma. E sua mãe mandava chamar as vizinhas que Ihe viessem depenar as pardelas, com condição que Ihe deixassem a pena e levassem a carne. O qual Manuel Fernandes, com outros, ao pico da Murta, ia fazer fogueiras, pondo-se o sol, atravessando um pau na ribeira e deitados outros de per alto postos em baixo, encostados ao pau que tinham atravessado, com que ficava feita uma grade onde as pardelas cegas com o fogo se tivessem, caindo ali, e não fossem pela ribeira abaixo; e os cães que levavam, indo pelo pau atravessado, tomavam as pardelas que na grade embarravam e uma e uma as deitavam fora da água, tão destros andavam neste ofício; trazia cada cão seu chocalho, para que os caçadores de noite fossem tomar a caça onde os ouvissem.

Têm as pardelas esta qualidade que ainda que caiam fora do fogo com que se encandeiam grande espaço, vendo a fogueira, vão direito a ela, e ali as tomavam. São pretas como corvos, mas têm o corpo pesado como patas, e têm o bico revolto como gavião; depois de depenadas, de feição de adem. Das novas se fazia mais azeite, não fazendo mais que depená-las e esfolá- las e da pele se fazia mais quantidade por ser tudo gordura e a carne não se aproveitava. Indo tomar as novas nas covas onde estavam, logo Ihe iam com a mão ao pescoço e Iho apertavam, para que não deitassem o azeite fora, porque se Iho não apertavam elas o deitavam logo todo pela boca fora, que parece criá-lo dentro em si, além do que Ihe tiravam da pele quando a derretiam. Estando os caçadores em casa e acertando de bolir com os chocalhos, logo os cães eram espertos e se alevantavam olhando para eles, parecendo-lhe que já queriam ir caçar às pardelas, como costumavam, e algumas vezes não podendo trazer tantas, com carros as iam buscar ao mato.

O mesmo Manuel Fernandes, com seu pai Estêvão Fernandes e um João Jorge, todos da Ribeira Grande, em uma noite, véspera da Ascensão, mataram sete mil e seiscentas, afora outras muitas que apanharam outros caçadores o dia seguinte, onde ficaram embrenhadas pelas moutas e buracos da terra, porque são aves que se não alevantam de dia, ainda que as deitam a voar e logo caem no chão, pelas cegar o ar claro. A pena delas é tão boa como a das patas, e ainda melhor. Não comem senão peixe. Sendo novas, não cria um casal senão outro; parece que criarão muitas vezes no ano, pois tanto multiplicam. Era tanta a gordura nelas que um Salvador Fernandes e seu cunhado Manuel Fernandes faziam delas, cada dia que iam ao mato caçá-las, uma jarra de três canadas de azeite, entre o que deitavam pela boca e da gordura da pele delas, que esfolavam. E um Bartolomeu Roiz Cariboino, morador no Telhal da Ribeira Grande, com Sebastião Vaz, mulato de Baltasar Vaz de Sousa, foram à caça delas uma noite na ribeira da Praia, com fogueiras, onde tomaram mil e setecentas.

Um João Gonçalves, o Grande, caçador de pardelas, pelo que se chamou João Gonçalves Pardela, e um seu filho que chamavam depois Gaspar Gonçalves, o Pardelinha, por herdar

***Capítulo LV*** 251

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

este nome do pai, uma noite no pico da Murta, depois de ter a fogueira feita, choveu tanta água que Iha apagou, e ele andou resguardando dois tições para a tornar a reformar, não fazendo senão assoprar e roçar um tição ao outro, por se Ihe não apagarem; ali caíam as pardelas sobre ele e sobre os tições, com que tomou grande soma delas e pelas caçar sem fogueira, com os tições somente, se maravilhavam todos, dizendo: — assim tomou este tantas pardelas — e dali Ihe ficou chamarem-lhe João Gonçalves Pardela. Cada dez pardelas, ordinariamente, davam uma canada de azeite e mais as caçavam por ele, que por elas.

Ainda que tomavam no tempo antigo tanto número de pardelas, e na ribeira da Praia, da banda de Vila Franca, matavam em uma noite dez mil estapagados, há anos que são desinçados, assim eles como as pardelas. Dizem que desapareceram depois que houve nesta ilha furões que as degolavam todas nas covas, como fazem às galinhas nos poleiros; e de maravilha se acha alguma em alguma rocha. E na verdade parece que as não matavam, mas elas mesmas se matavam a si, caindo nas fogueiras, principalmente em tempo de névoa, em que com a claridade e fumo do lume desciam mais número delas, e não podendo os cães tomar todas, ficavam muitas embrenhadas pelas tocas da terra, cuidando que ali estavam seguras; mas ao outro dia outros caçadores vinham carregados delas e em uma só cova achavam vinte, trinta ovos, não porque pusesse uma mais de dois, senão porque punham muitas no mesmo lugar e se encovavam em uma mesma cova, da qual tirando às vezes uma e tornando a meter a mão achavam outra, e aquela fora, tiravam outra, até vinte e trinta.

Na entrada de Fevereiro, vinham os estapagados do mar à terra a limpar suas covas, e dali se retinham os dias que não vinham e depois tornavam no mês de Março, em que pondo seus ovos, se deitavam em choco. E as pardelas vinham do mar a criar à terra da entrada de Maio. Uns e outros, dizem alguns, que não criavam mais de um pintão; outros afirmam que dois. Os estapagados, em chocar e criar, punham três meses, Março, Abril e Maio, e as pardelas punham cinco, Maio, Junho, Julho, Agosto e Setembro. Eram tão gordos os filhos que cada onze, doze, treze, davam uma canada de graxa, e às vezes, quando as traziam do monte, vinha correndo delas o azeite pelo caminho, ou pela boca ou porque arrebentavam de gordas, e enchiam os fatos dos caçadores, os quais pareciam lagareiros que andam em lagar de azeite; e por se Ihe não vasar pela boca, às vezes Ihe atavam os pescoços, e em caldeiras e panelas as derretiam, como uma banha de porco, e ficava no mato grande ruma de carne delas perdida, depois de tirarem o azeite dela. No tempo que estavam em choco, eram as velhas mais gordas que antes que chocassem matavam-nas na cova com cães de busca e eram tantas que ainda que fossem dez caçadores, uns após outros, pelo mesmo lugar, no mesmo dia e em muitos dias a reo (sic), nos dois meses que chocavam, Maio e Junho, e dentro nos outros dois meses depois de criadas, Agosto e Setembro, sempre achavam que tirar e cada um dos caçadores enchia seu saco, em que trazia setenta ou oitenta, noventa, cento.

É de notar que em Maio e Junho era a matança das velhas nas covas e fogueiras, para comer, e em Agosto e Setembro, para azeite. Estas aves, estapagados e pardelas, dizem que no inverno andam muitas em África, onde parece que se vão recolher naquele tempo, por ser terra quente, e no verão vêm criar a outras partes, e não em África, por ser lá a areia em que costumam criar tão quente que Ihe gora os ovos de tal maneira que não criam pintãos, pela qual razão vêm cá criar em outras terras mais temperadas, onde a areia ou terra temperada Ihe não gora os ovos.

Um Pero Gonçalves, da Ribeira Grande, ia muitas vezes a caçar pardelas e com quatro achas que acendia matava setecentas, oitocentas juntas; e eram tantas as que caíam que quase matavam o lume por se cegarem com ele, e tinha trabalho de ter mão nelas e tomá-las antes que se metessem na fogueira, as quais não sentiam cair senão quando as viam com a claridade do lume e os cães davam com elas, por cairem caladas. Mas os estapagados como vinham bradando logo eram sentidos. Valiam oito, nove, dez pardelas meio vintém, que eram do tamanho de grandes frangas.

Nas Prainhas, arriba da tufeira da ribeira do Salto, termo da Ribeira Grande, tinha Gonçalo Fernandes, pai do dito Pero Gonçalves, uma terra que Ihe deram, da banda da dita vila, de mato maninho, com condição que a roçasse dentro em quatro anos, e começando-a de roçar não toda a reo, porque não podia tanto, mas a lugares, aqui um pouco, acolá outro pouco, vindo uma noite grande tormenta, derribou toda a madeira que estava erguida na roça; porque desta maneira costumavam todos roçar as terras, roçando primeiro um grande eito e, como naquele tempo começava de cair a madeira, ela mesma quebrava e derribava a outra que estava junto e diante de si, tão basta era; dali a certos dias Ihe foi este Gonçalo Fernandes pôr

***Capítulo LV*** 252

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

o fogo para a queimar e alimpar as terras da madeira derribada, e acertou aquela noite que ardeu a madeira fazer névoa e chuva; indo ele ao outro dia a ver se estava queimada, achou tantas pardelas que cobriam todo o campo da roça, das quais levou muitas para casa. Dando disto conta aos vizinhos, foram muitas pessoas da vila a buscá-las e tornaram carregadas delas.

De mélroas houve e há tanto número que davam trinta, quarenta por meio vintém, e poucos as compravam, por saberem a monte, como também pela mesma razão nestes tempos não fazem caso os moradores desta terra de muita diversidade de pássaros que há nela. As mélroas eram tantas que um dia antes do Natal, na era de mil e quinhentos e catorze, um João Lourenço, pedreiro, matou setecentas.

Antes da era de mil e quinhentos e dez, não havia aqui codornizes, pelo que parece que então as mandou trazer Rui Gonçalves da Câmara, quinto Capitão desta ilha e segundo do nome; e dali por diante multiplicaram tanto, que vieram a dar trinta, quarenta, ordinariamente, por meio vintém, e à quinta-feira, à tarde, davam mais. Depois do dilúvio de Vila Franca houve muito mais, porque com varas ia um homem armar ante-manhã, e em amanhecendo indo ver se andavam porcos nelas (porque havia muitos) achava, setenta, oitenta e noventa nos laços; e tomando-as, tornando a armar e dar logo vista às varas, achava todas cheias de codornizes, como aconteceu a um Jorge Afonso, da Relva, que por não se deter a tirá-las dos laços, arrancou as varas e se foi para casa com elas às costas, com as codornizes dependuradas, de que dava quarenta por meio vintém. Da mesma maneira tomava as mélroas e por o mesmo preço as vendia. Quase as mais das vezes que iam a caçar codornizes, com rede manta, tomavam tantas que, enfadando-se de as contar, as repartiam aos alqueires, enchendo um alqueire delas a um, e outro ao outro. E diziam no tempo antigo os caçadores de varas uns aos outros: — vamos caçar codornizes que já valem trinta por meio vintém -, tendo aquele por grande preço e ganho. Tomavam os caçadores cada noite quinhentas, seiscentas. Mas já agora tomam poucas, por não haver tantas.

O Capitão Manuel da Câmara mandou trazer perdizes a esta terra, que multiplicaram muito, porque as que seu pai Rui Gonçalves da Câmara tinha mandado trazer dantes morreram sem fruto; mas agora há tantas que arreceio que façam muita perda e venham a comer as searas, como já começam, pelo que, ainda que por uma parte sejam proveitosas, pela outra serão praga na terra. As daqui não são tão grandes como as de Portugal, nem tão boas; como não são acossadas e perseguidas com açores ou cães de rasto, e com fios ou telas, ou caçadas com boi, esperam muito com tiro de arcabuz e de besta, com que matam poucas, e também com rede manta, mas muitas mais em eixós e de noite com candeio.

Há nesta ilha infinidade de pássaros de diversas sortes, canários, toutinegras, tentilhões, algumas alvéloas e outros de várias sortes, que fazem o mato saudoso, pousando e cantando sobre o espesso arvoredo dele. Faltam aqui tordos, os quais por S. Miguel vêm a Portugal, e então se vão dele as andorinhas, não se sabe para onde, pois não se vêem em África; parece que se irão para algumas ilhas ou terras que estão por descobrir. E costumam dizer que, encontrando-se no caminho, as andorinhas dizem a eles: — donde vindes, loucos, que fostes muitos e vindes poucos? —, porque os caçaram lá onde eles foram, por serem bons para comer, o que as andorinhas não são, e por isso as não matam. E os tordos respondem: — donde vindes, putas, que fostes poucas e vindes muitas? —, porque levam já filhos que cá em Portugal no verão criaram.

Os pássaros também se vão, antes de S. Miguel, de Portugal não se sabe para onde, e ajuntam-se voando alto em uma só parte e parece que adivinham quando se acabam de ajuntar. Então se põem em esquadrão como uma lua contrária da que fazem os mouros quando pelejam, porque as dos mouros levam as pontas para diante e a lua das aves estorninhos e outras desta sorte levam as pontas para trás, e no meio do campo da lua vai um pássaro diante, como por guia e capitão, a que toda aquela lua deles vai seguindo; pelo que claro se vê que os pássaros passam o mar de umas terras a outras, como foi no princípio da povoação destas ilhas e antes de serem descobertas, que delas iriam os pássaros para outras e de outras viriam para elas.

Das aves boas para comer, como eram galinhas domésticas e de Guiné, pombos da serra e torcazes, codornizes, pardelas, estapagados e mélroas, havia tanta abundância que abastava para escusar e fazer esquecer a carne de vaca. Agora há tanta falta desta que sobeja para fazer mortais saudades da fartura das outras, que durou do descobrimento desta ilha até a era

***Capítulo LV*** 253

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

de mil e quinhentos e vinte e dois em que, com os tremores grandes da terra e a parte dela que correu, se alagou a principal vila dela, chamada Vila Franca do Campo, com que ficou alagada e sepultada toda a fartura que tinha, com a mais nobre gente que dantes havia. E começou aqui novo mundo, assim nos moradores que ficaram vivos, como na carestia e preço de todas as coisas que ela dava e dá, e vem de fora e vinha, atentando ao passado, ainda que logo por alguns anos seguintes muito barato, a respeito do de outras terras e do que nesta mesma valem.

Há também aqui petos e uns pássaros muito mais pequenos que as carreiras de Portugal, de cor parda, verde e amarela, que têm uma estrelinha na testa mui amarela e são muito mansos; e há outros que chamam prioles, na serra, maiores que tentilhões, quase tão grandes como estorninhos e de cor parda; e outros de diversas maneiras, grandor e cores que se vêem a tempos, pelo que parece serem de outra terra, para onde vão quando desta desaparecem. Também se vêem aqui andorinhas, em alguns tempos, e vêm de fora falcões, açores, corvos, patas bravas e outras aves grandes e pequenas, não conhecidas, e rolas, afora as que mandou trazer o Conde D. Rui Gonçalves da Câmara, das quais já se acham e matam algumas junto das rochas.

***Capítulo LV*** 254

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

**CAPÍTULO LVI**

DA GRANDE ABUNDÂNCIA E FARTURA DE VINHO, DE FORA E DA TERRA, E DE OUTRAS COISAS DIVERSAS E DE ALGUNS COSTUMES QUE HOUVE NA ILHA DE SÃO MIGUEL

Da muita abundância de vinho de fora e da terra, e de outras coisas diversas, e de alguns antigos costumes que houve nesta ilha, não me atrevo, Senhora, contar com ordem; sem ela, as irei dizendo, como me forem lembrando.

Ainda que em Portugal e Castela, e outras partes, se dá o vinho em terras lavradias, nesta ilha de São Miguel não costumam fazer vinhas senão sobre pedras que, no tempo passado, com terramotos e incêndios de enxofre e salitre, e outros materiais, brotaram de debaixo da terra e correram em ribeiras de fogo sobre a superfície dela, as quais, resfriadas da quentura com que corriam, ficaram feitas pedras e áspera penedia, sobre a qual pelo tempo em diante se criou e nasceu basto e altíssimo arvoredo, o qual roçando depois os moradores desta ilha, por aqueles biscoitais não prestarem para terra de pão nem de outros legumes, prantaram neles vinhas.

Na era de mil e quinhentos, pouco mais ou menos, aconteceu porem fogo a uns bardos dentro nos biscoitos do lugar de Rosto de Cão, o qual se ateou tanto que foi ardendo pelas raízes dos paus e queimando muita madeira, fazendo grande destruição; e por dito de um João Gonçalves, Fadigas por alcunha, homem antigo de mais de cem anos, que o veio dizer à Praça, bradando que se perdia um grande tesouro em deixarem arder aqueles biscoitos, acudiram a isto os oficiais da Câmara da vila da Ponta Delgada, e atalharam ao fogo, fazendo um valado grande, arrancando muita madeira para que não passasse adiante; e por dito deste João Gonçalves Fadigas se prantaram as primeiras vinhas naqueles biscoitais, que então arderam e nada valiam, que agora são um grande tesouro, que ele bradava que neles se perdia.

Foi tido em tão pouca conta o vinho da terra desta ilha, que Jorge Gonçalves Cavaleiro, morador na vila da Ribeira Grande, mandou com ele amassar cal para umas casas que fazia na mesma vila. E agora com o da ilha da Madeira amassam gesso, tanto é o que Ihe deitam. Nem o vinho da terra se faz bom, senão a poder de gesso, ou com caldeiras do mesmo vinho cozido e deitado com o mais.

Deu esta ilha, em ano de boa novidade, perto de duas mil pipas de vinho, sc., setecentas na cidade, outras tantas na vila da Alagoa, quatrocentas na Ribeira Grande, e as mais no Nordeste e Povoação, e em toda a ilha. Agora, em bom ano, dá quase cinco mil pipas.

Valia o vinho da ilha da Madeira a oito réis a canada; depois a dez e a doze, e no ano de mil e quinhentos e quinze valeu a treze réis; depois foi subindo o preço até cinquenta, sessenta, setenta e oitenta réis, como valeu o ano de mil e quinhentos e oitenta e nove (301).

Na era de mil e quinhentos e setenta e quatro anos, sendo nesta ilha, na cidade da Ponta Delgada, juiz de fora o licenciado Gaspar Leitão, digno de grandes cargos, se achou por conta, pelo rendimento da imposição da dita cidade que, sem se arrendar, se mandou arrecadar pela Câmara, que saíram desta ilha para fora dela, de vinhos que vieram de outras partes, afora os que ela deu, que foram muitos, doze mil cruzados, convém a saber, seis mil para a ilha Terceira e outras ilhas de baixo, de vinhos que delas vieram, e cinco mil para a ilha da Madeira e mil para Portugal. Foi este ano em que os homens trabalhadores levavam de jornal por dia a dois tostões, dando-lhe a farinha feita, carne e pescado, pedindo um toucinho para cozer na carne, e outro vinho da ilha da Madeira, enjeitando o da terra, afora outras peitas; e, tendo prometido a muitos, iam trabalhar com o primeiro que os ia depois buscar, sem pejo nenhum de faltarem com os outros, tanta pressa havia no trabalho dos pastéis e de outras coisas. Mas

***Capítulo LVI*** 255

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

nem por isso ficaram mais ricos, porque tudo comiam e bebiam, que esta terra ficou costumada e aforada de seu primeiro princípio, seguindo tão abondoso ainda (302a ), fartura e farto.

em

Dizia Rui Fernandes, beneficiado da igreja Matriz de São Sebastião da cidade da Ponta Delgada, que no tempo antigo não se sentia nesta ilha necessidade alguma, e davam trinta codornizes por meio vintém e que, tornando da igreja pelo adro para sua casa, muitas vezes levava na sobrepeliz uma e duas dúzias de galinhas e adens, que entre a muita e crescida erva nele achava. E tanta era a abundância da terra que, no octavário dos Santos, muitas vezes deitavam fora e derramavam o vinho que na igreja ofertavam, da ilha da Madeira, o dia de antes, para recolherem nos potes o que novamente vinha. Era tanta a fartura de todos os moradores desta ilha que não havia quem comprasse coisa alguma, nem se achava pobre a que se pudesse dar uma esmola. Carne de vaca, nem de porco, muitos de fartos a não comiam; até das codornizes se tinha fastio, como os filhos de Israel do maná no deserto, porque dando-as a comer aos moços e criados de casa, choravam e se aqueixavam, dizendo: — sempre nos hão-de dar a comer codornizes. E agora choram, porque ainda os não fartam de cebolas ou abóbora.

Na era de mil e quinhentos e dez valia a canada de mel de canas, da ilha da Madeira, a dez réis, e do de abelhas a vinte.

Valendo o vinho da ilha da Madeira a oito réis a canada, o mercador que o vendia dava a canada do mel de canas a cinco réis, e a de mel de abelhas, que vinha então de Safim, valia a trinta réis.

Na era de mil e quinhentos e quinze, valia a real e meio o arrátel da carne de vaca; vinte codornizes por meio vintém, e outros tantos ovos pelo mesmo preço por que também davam cinco pombas, cinco pardelas e cinco estapagados, que sabiam a peixe, que é o pasto deles e das pardelas; o mel de abelhas a trinta réis a canada, o de canas a vinte e quatro; umas botas, oito vinténs, uns borzeguins lavrados com muita laçaria, cento e cinquenta réis; a carne de chibarro, a real o arrátel; três cavalas, um real; das candeias de cebo, tão grandes como círios, a real cada uma, porque valia uma arroba dele seis vinténs e menos.

Na era de dez e onze, davam um porco gordo da junça por dois tostões, que agora vale três ou quatro mil réis.

Dava esta terra, no princípio, muito linho mourisco e comprido, e não galego, como o de agora; mas as mulheres não faziam caso dele, nem fiavam, e vendo fiar alguma, ou tomar roca na mão, escarneciam dela. Era isto, ou porque o pano de linho, que traziam aqui a vender de Portugal, era muito e barato, ou por o linho da terra ser tão forte que por sua fortidão não tomava fêvara (sic), e por isso acendiam os fornos com ele. Mas, há tanto linho galego e tão bom da mesma terra, que dele e de pano que dele aqui se faz se provê esta terra e outras muitas terras; e está claro, por conta do dízimo que se paga ordinariamente, que só do termo da vila da Ribeira Grande se colhem quatrocentos mil molhos de linho cada ano, afora o mais que se dá em muitas partes da ilha.

Nesta terra não havia muito dinheiro, mas era muita a fartura e a despesa pouca, pelo que com pouco dinheiro era um homem muito rico; como se viu em dois ricos, um chamado Fernão Pires, dos Fenais, e outro Fernão de Anes, da cidade da Ponta Delgada, que, praticando ambos um dia, aqueixando-se o Fernão Pires que não tinha dinheiro, Ihe respondeu Fernão de Anes: — calai-vos, compadre, que aqui tenho na bolsa três tostões para gastar este ano — não abastando agora aqueles para um só dia.

Tão moderados eram os homens do tempo antigo nesta ilha em seu vestir, que Jácome Dias Correia, muito nobre, liberal e rico, e de mui abastada casa, e em todas suas obras de magnífica condição, que seus descendentes herdaram juntamente com sua fazenda, querendo dar uma saia de cetim ou tafetá a uma de suas filhas, o consultou com seus filhos Jordão Jácome Raposo e Barão Jácome Raposo se era bom dar-lha e se murmurariam por isso dele, pois era coisa nova que naquele tempo se não costumava na terra, porque todos vestiam vestidos honestos, sem pompa, nem vaidade alguma, e muitos de pano de míscara (sic), que faziam da lã de suas ovelhas. E neste tempo consultam e julgam os pobres não serem quem são, se não se vestirem de seda, sendo seu tesouro de cobre, pelo que não é maravilha a grande pobreza, fome, miséria e necessidade que há neste tempo de agora nesta ilha, pois não vestem os homens como podem, nem podem como vestem.

***Capítulo LVI*** 256

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

Se não eram então os homens curiosos nos vestidos, a curiosidade que neles Ihe faltava punham nos cabelos, porque costumavam trazer cabeleiras postiças, as quais pela semana tinham curadas, loiras, formosas, guardadas e imprensadas, para trazerem por festa aos domingos e pelas Festas.

Um Fernão d’Álvres, medidor das terras, que fez fazer a ponte da Ribeira Grande, por Ihe ser encarregada por arrematação, faleceu de idade de cento e dez anos; era de catorze quando veio a esta terra e viveu nela noventa e seis anos sem nunca cortar o cabelo, mas com o mesmo com que nasceu o enterraram.

O primeiro homem que nesta ilha se trosquiou (sic) foi um Estêvão Fernandes, morador na vila da Ribeira Grande, e por isso Ihe puseram nome o Trosquiado, donde ficou esta alcunha a seus filhos e netos e mais descendentes, porque naquele tempo e dantes todos traziam o cabelo comprido e as barbas rapadas; somente cortavam na testa, por desafrontar o rosto, o cabelo que Ihe dava pelos ombros. O que o trazia mais comprido, esse se tinha por mais galante, e os que não tinham bom cabelo o compravam a outros e traziam cabeleiras postiças por Domingos galanteria Pires, e as sobrinho levavam (sic), (como (303) disse) de por festa, aos domingos e dias santos, à igreja. A um Estêvão Martins, da Ribeira Grande, davam um vestido pelo seu cabelo e não o quis dar por se prezar muito dele. Costumavam os homens curar os cabelos como as mulheres costumam, trazendo-os toda a semana metidos em coifas e copados dentro nelas, para no domingo sairem com eles loiros, copados e louçãos. Isto usavam também alguns homens nobres, porque António Carneiro e Sebastião Álvares de Abreu, fidalgos e discretos, tinham cabeleiras postiças, que eram então grande primor pelo costume da terra. Não se usavam sombreiros; somente costumavam os honrados trazer barretes de cantos e os outros do povo carapuças dos panos que vestiam quando iam os dias de guarda à igreja, porque pela semana traziam carapuças de linho, onde traziam os cabelos imprensados, e havia alguns que nem ao domingo os queriam tirar delas, pelo que, na vila da Ribeira Grande, um Afonso Pires, meirinho dos clérigos, quando alçavam a Deus, andava pela igreja apanhando-lhes das cabeças as coifas por perdidas, sem Ihe dar outra pena.

Quando o Bispo D. Duarte dava ordens, o clérigo ou moço que tomava o cabelo aos que se prezavam mais dele, para Iho cortar por cima e ficar danificado, se punha a grande perigo, porque houve homens tão tomados, corridos e agastados disso, que determinavam de se vingar depois do clérigo ou do moço que Iho cortara tanto.

Assim como os homens no tempo antigo eram singelos no vestido e costume das cabeleiras (que não somente nesta ilha, mas também em Portugal se costumavam) assim o eram na verdade e justiça singela que usavam; porque ainda, nesta ilha, na era de mil e quinhentos e vinte, ambos os juízes que se costumam fazer em cada vila, estavam assentados na seda e juntamente faziam audiência, e aquele que ouvia as partes, mandando alguma coisa, perguntava ao parceiro que estava junto dele (tomando seu parecer) se mandava bem no que dizia, e dizendo-lhe de sim, respondia ele que fosse avante, que bem mandava. Como aconteceu na era de mil e quinhentos e vinte, na vila da Ribeira Grande, a um Gonçalo Anes Bulcão, morador no lugar de Rabo de Peixe, e a Pero Teixeira, que morava na dita vila, o qual teve treze ou catorze moios de terra lavradia de pão e outros tantos ou mais de criação, e, sem casar filho nem filha, veio depois a pedir pelas portas esmolas, sendo de 80 anos quando faleceu; em tão breve vida teve tão grande mudança que chegou de extremo de riqueza a extremo de pobreza, não gastando nada com os filhos, nem em demandas, senão em comer e beber e levar boa vida, procurando só o presente, sem Ihe lembrar o porvir. Da mesma maneira, foram muitos muito ricos nesta terra, que deixaram seus filhos muito pobres.

Um Fernão do (sic) Afonso, natural da Serra da Estrela, deixando lá sua mulher com quatro filhos, veio a esta ilha, onde havendo uma dada do Capitão na Achadinha, da banda do norte, foi o primeiro homem que ali fez casa e prantou pomar e vinhas, por espaço de sete anos, os quais passados, foi buscar sua mulher que não queria vir com ele, dizendo que a queria trazer para as ínsuas do mar desterrada; mas, louvando-lhe ele a fertilidade desta terra, a persuadiu vir para ela, onde viveram muito abastados na sua dada, já dantes beneficiada por ele. E, não tendo naquele tempo potes, nem talhas, nem outra louça, se serviam de cabaças em seu lugar e de bacios e escudelas de pau, e o mais grave bacio que tinham era de pau de sanguinho, com um corte dentro no meio, como talho de carniceiro, em que cortavam a carne; e no mesmo punham muitas vezes de comer ao Capitão Rui Gonçalves, primeiro do nome, quando ia à Achada, servindo-se com cabaças, que se davam naquele tempo muito grandes. Se as mulheres ou filhas dele e dos outros Ihe quebravam alguma, escondiam os pedaços dela pelos

***Capítulo LVI*** 257

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

não verem seus maridos, como neste tempo, quebrando uma rica porcelana da Índia, se abscondem os testos dela, para que se não soubesse a grande perda que se fazia em uma cabaça. E não somente serviam de água, mas de cozer nelas carne, cortados os colos, e postas um pouco debaixo da terra ou sobre ela, barradas ou cercadas de barro e pondo o fogo ao redor delas. Esta era a louça de que então se servia a mais da gente, porque traziam pouca de Portugal e escassamente vinha a esta ilha um navio de ano em ano. Faziam isto alguns por se enfadarem de comer came assada. Seria isto na era de 1501 e de 1502. Também então, com haver tanta madeira de cedro e de outras muitas árvores, por haver falta de oficiais, careciam de caixas e em muitas casas tinham (como em Portugal) o pão em um cesto dependurado.

Naquele tempo, não tinham os homens outro passatempo, nem exercício em que se desenfadar, senão em jogar os mancais de ferro, ou a pela, ou em correr as pedras, que se costumava muito nesta ilha, pondo certo número delas em um lugar e dali as havia um de passar a outro, uma e uma, enquanto o outro fosse e tornasse a uma parte ou lugar fora daquele em que a aposta se fazia; e se chegava primeiro, antes que aquele as acabasse de mudar, ganhava o prémio, e, se depois, perdia. Estando muita gente vendo aquele jogo, dizendo uns: — tendes aqui tantas pedras, bem as podeis mudar ante que o outro chegue, e ganhar-Ihe. Um Mateus Mendes, na vila da Ribeira Grande, com andar devagar, mas por aturar muito no andar mudando as pedras, ganhava muitas apostas destas. Este era o desenfadamento que então tinham, sem gastar o tempo em murmuração de vidas alheias, como alguns fazem, cuidando que para isso Ihe são dados os domingos e dias de festa.

Também se desenfadavam em ver pelejar touros na praça ou em algum campo tapado, onde os ia ver muita gente, fazendo seus donos aposta, com condição que nenhum falasse ao seu touro, ainda que o visse covardo, o que não podendo alguns deixar de fazer, se armavam às vezes grandes brigas e jogos de cutiladas.

Os coelhos pardos, que mandou trazer o Capitão Rui Gonçalves da Câmara, primeiro do nome, e os pretos que fez vir a esta ilha Tomé Vaz Pacheco, morador que foi em Porto Formoso, multiplicaram tanto, que destruíram as searas; dos quais tomavam e tomam grande número os caçadores, com cães e furão, e com candeio e fios, pelo que valiam no princípio quase de graça e depois vieram a valer três por meio vintém, e pelo tempo adiante dois; e depois três por um vintém, até que chegaram a dez e a vinte réis cada um, e agora comummente os dão a este preço e a mais.

Não somente aproveitaram as vinhas para darem, como dão, muito vinho, o melhor do qual é o da Povoação Velha, mas aproveitam e servem agora as vides delas de lenha para os fornos; e entre elas, nos biscoitos, em fajã de terra, estão prantados muitos, grandes e riquíssimos pomares de toda sorte de fruta de espinho, extremada de boa, em grande quantidade, e de outras muitas frutas, maçãs, peros, peras, albricoques, damascos, fruta nova e várias enxertias, marmeleiros, pessegueiros, melocotões, amoreiras, figueiras de diversas sortes, e todas mui baratas. E depois do dilúvio de Vila Franca, na terra que sobre ela correu, se prantaram muitos e ricos pomares, de que se carregavam navios de maçãs, pêssegos e outras frutas para a ilha Terceira e outras ilhas de baixo; como também se levavam para lá, das riquíssimas hortas desta ilha, muitos e bons melões, os mais finos dos quais eram os da vila da Ribeira Grande.

Em toda a ilha há infinidade de abóboras, cebolas e alhos, e vária e extremada hortaliça, a melhor da qual é a do termo da cidade da Ponta Delgada, onde se dão nabos tão grandes, cada um como a cabeça de um homem, e iguais a jarras de quarta de arroba, que vêm de Sevilha com azeite, e alguns maiores. Um Bartolomeu Roiz da Serra achou em uma sua horta um rabão mais grosso que um homem e, colhendo-o, o achou oco por dentro, com um vão tão largo que bem podia passar um menino de três anos por ele; também achou em um seu pomar uma maçã tão grande que, ajuntando ambos os palmos das mãos arcados, tocando as pontas dos dedos umas com outras, enchia a maçã aquela concavidade delas; de que se espantou muito um António de Macedo, corregedor com alçada nesta ilha, a quem a ele deu, dizendo que estudara em Paris, Bolonha e Salamanca e correra muitas terras, e nunca vira nem tal cuidara ver, como aquele pomo. Pelo que foi esta ilha uma das mais frescas, fértiles, abastadas, baratas, fartas e viçosas terras que se podia achar no mundo todo. E ainda agora, como afirmam não somente os naturais, mas confessam os estrangeiros que nela moram, a sua esterilidade é mais fértil que a fertilidade de outras muitas terras.

***Capítulo LVI*** 258

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

Não cria esta ilha serpentes, cobras, lagartos nem lagartixas, nem animais peçonhentos, nem feros, nem raposas; e, os mais venenosos e feros que cria, são aranhas e formigas, pelo que pode cada um dormir descansado em qualquer lugar e caminhar seguro por qualquer parte. Não havendo cágados nesta ilha, somente trouxeram a ela uns para um filho de Pedro Roiz da Câmara, que se fazia ético, o qual, indo para se curar em Portugal, foi tomar embarcação a Vila Franca e pousando em casa de João da Grã, Ihe ficaram nela dois cágados que levava para comer, por conselho dos médicos, e Ihe esqueceram ao embarcar, dos quais, um João Dias Mourisco, ali vizinho, comeu um pelo achar em uma horta sua que estava defronte; e o outro que ficou, mandou João da Grã deitar em um seu jardim que tinha na mesma Vila Franca, acima da cadeia, e cuidando que era morto por não aparecer, o achou seu filho, de João da Grã, a cabo de mais de quarenta e quatro anos que era ali lançado. Estes cágados se criariam bem nesta terra por esta experiência que se achou, como se criam doninhas e infinidade de ratos.

Na era de mil e quinhentos e dez, havia nesta ilha um Lopo das Cortes (de que já tenho dito que morava na vila da Ribeira Grande, às Covas de longo do mar, junto do porto de Santa Eria, onde havia muito mato de sanguinhal), o qual, querendo comer mel fresco de abelhas, mandava a um seu filho, chamado Bertholameu Lopes, pai de Adão Lopes, que morou depois dentro na dita vila, junto da bica velha, que derramasse o mel que tinha em casa em umas cabaças e fosse buscar outro fresco ao sanguinhal, nas tocas e buracos das árvores e sanguinhos, onde as abelhas criavam muito. Tanta fartura havia de tudo nesta ilha, sem indústria nem trabalho de seus moradores.

***Capítulo LVI*** 259

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

**CAPÍTULO LVII**

DO PASTEL QUE DÁ A ILHA DE SÃO MIGUEL

Esta ilha de São Miguel tem tão grossa e fértil terra, que pelo grande rendimento dela se pode chamar mina de ouro, principalmente pelo que rende em pastel que dá, cuja semente dizem que mandou trazer de Tolosa Rui Gonçalves da Câmara, terceiro Capitão, e outros dizem que o quinto. E os moradores desta ilha, que roçavam os matos e queimavam a madeira, além do trigo que semeavam nas roças, começaram também semear pastel, o que se dava muito forte e viçoso. Somente o trigo em alguns lugares com as névoas se tomava, e como correu a fama do muito trigo e pastel que dava esta terra, acudiu muita gente do Reino a morar nela e haverem dadas de terras, e também muitos castelhanos de Córdova e Sevilha e de outras partes de Castela, à fama do pastel que dantes não havia senão em Tolosa, de França, e traziam mercadorias de toda sorte, alguns dos quais ficaram na terra que agora têm seus netos e bisnetos. Vendo os moradores que se dava bem o pastel e que era grosso o trato, vieram fazer contrato com o Infante D. Henrique (segundo alguns dizem), o que parece não poder ser, antes parece mais certo fazerem o assento e contrato com o Rei, que então era, que Ihes desse a semente do pastel e pedras dos engenhos para o moer, porque madeira não Ihe faltava, por ser muita.

Outros dizem que o engenho feito e a costa segura de cossairos, e que Ihe pagariam dízimo e vintena por Ihes ter segura a costa e dar sementes e engenhos. O qual se paga, hoje em dia, que de cem quintais vêm dez ao dízimo e ficam noventa, e de noventa vem a vintena, que são quatro quintais e meio, e são assim, de cem quintais, catorze e meio, de que houve escrituras e forais, que depois dizem ser escondidos, porque nesta ilha não era como na ilha da Madeira, onde o açúcar alevantava e engrossava muito os homens, e aqui somente estavam viçosos. Por isso o Infante e el-Rei faziam favores aos moradores, que tinham foral, de Ihe não pagarem dízimo de muitas coisas miúdas, para assim povoarem a terra e não sairem dela. Mas, pelo tempo em diante, desapareceu o foral e contrato antigo, e, por às vezes os oficiais de el-Rei darem mau aviamento de moendas de engenhos aos lavradores, veio cada um fazer em sua fazenda engenho particular à sua própria custa, pelo que cessaram os engenhos de el-Rei, mas o tributo do pastel ficou inteiro de dízimo e vintena para sempre sobre os cansados lavradores. E ainda que de tudo o que entra e sai nesta ilha, vindo de fora do Reino, ou indo para fora dele, se paga de dez um, dos pastéis se paga a el-Rei dízimo, vintena e saída, que vem a ser vinte e quatro por cento, sc., de cento e vinte e quatro se pagam os vinte e quatro e se carregam os cento, que é quase o que se paga a Sua Majestade a quinta parte; quando se carrega pastel, em que entram os direitos do lavrador e mercador, sc., o lavrador paga de sete um, a que chama dízimo e vintena, e o mercador, por saída de dez um. E além destes direitos se paga mais para a Fortaleza, de todo pastel e açúcar que se carrega, a dois por cento; como tudo (tirando os pastéis) se contém no foral, escrito no Livro do Tombo da alfândega da cidade da Ponta Delgada, concedido por el-Rei D. João, terceiro do nome, feito aos trinta de Julho de mil e quinhentos e vinte e seis anos, que é o mesmo foral da ilha da Madeira.

Pelo grande rendimento do pastel (como tenho dito), pode ter esta ilha nome de minas de ouro, porque as da prata muitos dizem que as têm, pela muita marquesita, que nela se acha, que é sinal de haver prata debaixo da terra, direito da tal escória, ainda que pode não haver prata, havendo marquesita, por não a fitarem bem direito os raios do sol ou da lua (que ela é a causa natural da prata, segundo alguns dizem, e o sol do ouro) nesta terra, para criar, fazer gerar e refinar nas entranhas dela a prata pura e ficarem só nos vieiros das minas a marquesita e escória por cozer e apurar, parecendo prata sem o ser; sendo o pastel mais fina prata ou ouro, sem o parecer, porque, segundo já tenho dito, que dizia João Lopes Henriques, magnífico, prudentíssimo e riquíssimo mercador, um moio de terra das mais fértiles desta ilha, semeada de trigo, dá ordinariamente quinze moios, de que el-Rei tem um moio e meio de

***Capítulo LVII*** 260

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

dízimo, que vale um ano por outro quinze cruzados, e esta mesma terra, semeada de pastel, faz muitos custos e despesas, e tendo os lavradores quem Iho compre e Ihes dê o necessário para o fazerem, soe a dar trezentos quintais de pastel, do qual el-Rei tem de direitos a quinta parte, que são noventa e tantos quintais, que valem mais de duzentos e cinquenta cruzados.

No princípio, nas terras mais fracas, se dava o pão e deitavam trigo velho fora, para recolher o novo, e as terras do Morro da Ribeira Grande, e algumas outras, todas eram pampilhal bravo e ervilhaca, almeirão, saramago e junça brava, as quais terras vieram a quebrar com fazerem pastelais nelas, dando cada alqueire de terra, cada colhedura, quatro carradas de folha, que passava de quintal cada carrada, tendo uma carrada quintal e meio, e quintal e arroba; o qual se moía na Ribeira Grande em dois engenhos de água que estavam dentro na vila e em outras partes, em engenhos de besta, aos quais levavam o pastel em sebes. E valia naquele tempo a cento e cinquenta e a nove vinténs o quintal, mas agora não dá um alqueire de terra do Morro, e de outras boas da ilha, mais que uma carrada cada colhedura, e o mais dele azouga e se perde e seca. E vale ao tempo presente o quintal em bolos a setecentos réis e a dois cruzados; o quintal granado, que valia a cruzado, comummente, vale agora a três e a quatro, que vêm os ingreses buscar, carregados de roupa e dinheiro, sendo tão caro; e quando valia barato Iho levavam os mercadores desta ilha a Inglaterra, — tanta mudança faz o tempo nas coisas e preços e comércio delas. Como também vale agora um boi dez mil réis, que naquele tempo antigo valia mil réis e menos. E havendo tanta lenha, já agora queimam muitos bosta de boi, arestas, palha de tremoços, bestiagas e silvas. E vale a arroba do azeite, de mais pequena medida, a dois cruzados, valendo dantes e de mor medida a dois tostões e a menos. E um porco, que valia um cruzado, vale agora três mil réis e dez cruzados. A mesma carestia tem a carne, o vinho, o mel e as mais coisas, que por diversas eras e anos tiveram diversos preços, até se empinarem tanto que não há quem lá chegue. O pastel de soca que fica para o segundo ano, depois de semeado, é mais fino e melhor que o do primeiro ano e sobre todo é melhor o pastel de roças novas em terra de mato, novamente roçado e queimado, para se fazer de novo o primeiro pastel nela, e a todo dão quatro ou cinco colheduras, cortando a folha com toucinos (sic), para depois a moerem.

É o pastel um quarto género de alfaces, de que usam os tintureiros para dar cor azul, sobre a qual se dá melhor a cor preta; como diz dele Plínio: — *est quartum genus lactucarum glastum vocant, quo infectores lanarum utuntu*r; o qual, apanhado em folha, se moe nos engenhos que disse, e está em um tabuleiro a massa dele até o outro dia, escorrendo algum sumo, e então são obrigados os lavradores a o embolarem, fazendo uns bolos redondos, cada um quanto podem compreender ambas as mãos no meio, e, depois de embolado, se põe a enxugar em uns caniços ao sol e ao vento, e seco se guarda em casa até o mês de Janeiro, Fevereiro e Março, em os quais o pesam e recebem os mercadores e recolhem em suas tulhas ladrilhadas e retocadas, onde quebrando aqueles bolos, a cada dez quintais, pouco mais ou menos, botam uma pipa de água, com que o trazem trinta dias ganhando grande quentura e virando-o cada dia. Passados os trinta dias por algum espaço de tempo, o viram cada dois dias, e depois o vem a virar o granador, que o grana dois dias na semana até se enxugar, e depois o vendem os da terra aos de fora ou aos da mesma terra; se não vai bem enxuto Ihe dão suas quebras. Dizem que o primeiro que fez pastel nesta ilha foi um Govarte Luís (304), estrangeiro, de nação framengo, que viveu em Vila Franca do Campo. As cabras são doidas por pastel e comendo-o endoidecem e morrem, e o pastel as mata; assim que o pastel que dá vida aos lavradores e mercadores, esse a tira às cabras, pois Ihe causa sua morte. Adiante direi mais largo do princípio do pastel nestas ilhas.

***Capítulo LVII*** 261

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

**CAPÍTULO LVIII**

DO AÇÚQUERE E BETATAS (305) QUE HÁ NA ILHA DE SÃO MIGUEL

Também dá esta terra açúquere. O primeiro que o experimentou foi Lopeanes de Araújo, que mandou em sua casa pisar e espremer umas canas de casa de um Sebastião Pires, que foi o primeiro que prantou um alqueire de terra, ou dois, delas, e, cozendo o sumo e deitando- lhe senrada, acabado de alimpar e escumar, ficou o melado perfeito, o que vendo Lopo Anes disse: — açúquere temos. Então, que foi na era de mil e quinhentos e quarenta, moeu Sebastião Pires as outras canas que tinha, em um engenho como de pastel, com sua mó e alfarge com uma besta, e fez até obra de quinze pães de açúquere, que foram os primeiros que fizeram nesta ilha. E depois um Sebastião Gonçalves, filho de Hierónimo Gonçalves, morador também em Vila Franca, por ver que havia boa mostra do açúquere e esperança de se poder fazer bom, foi à ilha da Madeira e fez concerto com Baltazar Pardo, que veio com ele a esta ilha e morou nas casas de Marcos Dias, na Praça, trazendo consigo um Fernão Ligeiro, mestre de fazer engenhos de açúquere, o qual fez ao dito Sebastião Gonçalves o primeiro engenho na Água de Alto, arriba do caminho do concelho, em Vila Franca. E depois fez o segundo na mesma lomba da Água de Alto, de Gabriel Coelho, na fazenda de Simão da Mota, que também tinha parte nele. Feitos estes dois engenhos, se tornou Fernão Ligeiro para a ilha da Madeira e ficou um seu criado, chamado Afonso Pires, por alcunha o Pé de Chumbo a que depois chamaram Chumbo, também mestre de engenhos, e fez o terceiro engenho, de André Gonçalves de Sampaio, e de Diogo Gonçalves e de João Anes, mercadores, na Água de Alto, ao longo do mar. Depois, este mesmo mestre Chumbo fez o quarto engenho, de Lopo Anes de Araújo e de Rui Vaz, morador na cidade do Porto, na Ribeira Seca, na fazenda do dito Lopo Anes, junto do caminho que vai para a Maia.

E todos quatro estiveram moentes e correntes alguns anos, mas desfizeram-se como a hera de Jonas, depois que entrou o bicho nas canas, tirando o de André Gonçalves que ainda está em pé, mas não moe, e outro de Lopo Anes que custou seiscentos mil réis de fazer, e foi vendido a Sebastião de Crasto por sessenta mil réis, o qual somente moe agora e tiveram seus filhos António de Crasto e Manuel de Crasto, e depois sua mãe e Diogo Leite, seu cunhado, onde se faz muito açúquere, como nos outros se fazia, mas não tão bom como o da ilha da Madeira.

Naquele mesmo tempo se fez outro engenho do Capitão Manuel da Câmara, abaixo da vila de Água do Pau, o qual também moeu, mas também cessou e se desfez por causa do bicho das canas. Depois destes, se fizeram dois engenhos na vila da Ribeira Grande, um de Diogo de Morim e de Fernão Correia, que foi o primeiro, e outro de Jorge Gonçalves Cavaleiro e de outros companheiros, que também pela mesma causa se desfizeram.

Outros dizem que o açúquere nesta ilha de São Miguel começou desta maneira. Dando-lhe princípio o dito Sebastião Pires, natural de Guimarães, morador em Vila Franca do Campo, abaixo da ermida de Santa Catarina (o qual lugar agora serve de açougue dos misteres) onde tratava de mercador, e no primeiro terramoto perdeu quanto tinha e, vendo-se desbarratado (sic), fez-se serrador de madeira, e sua mulher, vendendo vinho, azeite, mel e outras mercadorias alheias, ganhava assim sua vida; e, vindo a ter alguma posse, ordenaram fazer algumas camas de roupas, dando pousadas a pessoas que as haviam mister, de maneira que era sua casa estalagem onde se recolhiam muitos estrangeiros que acudiam e iam ter àquela vila, pola (sic) alfândega que nela estava. Vindo da ilha da Madeira uns mercadores que se agasalharam em sua casa, deram a sua mulher algumas canas de açúquere que traziam, das quais ela, como coisa por demais ou por curiosidade, prantou em um quintal pequeno da casa uns pedaços, que em pouco tempo arrebentaram e cresceram. Vendo-as perfeitas e formosas, as colheu e foi prantar em um sarrado que tinha abaixo da Abegoaria, onde depois viveu muito

***Capítulo LVIII*** 262

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

tempo e agora vive um seu filho, chamado Francisco Pires, e ali se deram muito melhores que as que havia trazido do quintal de sua casa. Dali se começaram de espalhar e repartir por muitas pessoas da dita vila, que prantavam quem uma dúzia de canas, quem mais, quem menos, como cada um as podia haver. Foram assim multiplicando tanto, que em pouco tempo o dito Sebastião Pires e outras pessoas, como Lopo Anes de Araújo, Cristóvão Dias, Manuel Lopes, Marcos Dias, vieram a ter uns alqueires de terra prantados delas, mui douradas e formosas, mas não serviam de mais, até então, que de as comerem, venderem e darem, e assim se gastavam e espalhavam pela ilha.

Mas, Lopo Anes de Araújo, parecendo-lhe que se poderia delas fazer açuquere, disse a Bastião (sic) Pires: — quereis, compadre, que façamos ensaio e experiência destas canas, se se fará açúquere delas? Disse Bastião Pires: — e quem saberá fazer isso? Respondeu Lopo Anes: — eu sei quem o fará. E logo fez ir da Ponta Delgada um Fernão Vaz, homem honrado, natural da ilha da Madeira, casado e morador na dita vila, que agora é cidade, o qual deu ordem como se fez um engenho de besta, como de pastel, mas o assento da mó diferente, porque era de uma pedra grande e mui cavada, a maneira de gamela e furada pelo fundo, por onde o sumo das canas, que dentro nela se moiam, ia por debaixo do chão, por uma calle (sic) ou bica, sair fora do andaimo da besta que moía, e assim fez fazer também um fuso e caixa para espremer o bagaço, e uma fornalha com uma caldeira em cima, a maior que então se achou, onde cozia aquela calda, e cozida a deitava em uma tacha e ao outro dia fazia o mesmo, até que fez cópia de melado para se poder fazer açúquere. Um Diogo Gomes, morador na Relva, da dita vila, se ofereceu a o temperar e purgar, por haver estado na ilha da Madeira, em casa de um seu tio, senhor de um engenho onde ele comunicava, ainda que não era oficial do mesmo engenho, e fez logo dois pães de açúquere muito fino; mas não moíam senão as meias das canas, que é o perfeito delas, pelo que parece que, com sua pouca ciência e menos experiência, saiu aquele açúquere assim tão bom e tão fino.

Neste meio tempo, veio a ter a Vila Franca um mancebo da ilha da Madeira, que lá servia de caldeireiro, que dali por diante temperava o assuquere (sic) que se fazia, até que acaso veio da Canária um castelhano, mestre de açúqueres, o qual fez no mesmo engenho (sem se fazer outro) algum açúquere. Logo depois deste, de Sebastião Pires, fez Cristóvão Roiz sete pães, já melhor que o de Sebastião Pires. Fez isto tanto alvoroço na gente e moradores da dita vila, vendo principalmente escusarem-se custos de água para regarem as canas, pois sem regadia se davam mui formosas, que mandou logo Lopo Anes de Araújo buscar à ilha da Madeira um navio de canas para prantar, e foi o primeiro que começou a entender nesta granjearia com alguma companhia; ao qual seguiram outros, como foi um Sebastião Gonçalves com companhia de um Baltazar Pardo, da ilha da Madeira, que fizeram engenho, e Lopo Anes outro. Mas, como viram o princípio não ser como se cuidou (porque os custos foram mui grandes e o proveito não tal) e por causa da lenha que importava muito e os açúqures baixos, não quiseram sustentar isto para diante; perderam tanto que se lançaram desta granjearia, e vendeu Lopo Anes seu engenho, dizem que a Gabriel Coelho, que nele tinha parte e aos Crastos. Francisco Vaz e Gabriel Coelho tinha (sic) outro com companhia de António de Pesqueira, burgalês, que nesta ilha residiu, onde também Simão da Mota tinha sua parte, o qual engenho se desbaratou e receberam seus autores muita perda. Pero da Costa fez outro com companhia de Sebastião Dias, de Água de Alto, que sustentaram algum tempo e também cessou pelo pouco proveito que nele acharam. E assim cessaram os outros todos, tirando o de Lopo Anes que houveram os Crastos, o qual sustentaram, por serem muito ricos, até a era de mil e quinhentos e oitenta e quatro anos, em que faleceu Manuel de Crasto, derradeiro herdeiro deste apelido, morador que foi na dita vila, e depois sua mãe e Diogo Leite, seu genro, casado com D. Helena, irmã dos ditos Crastos, cuja fazenda valeria quarenta mil cruzados. Os que vieram depois dele, quer herdeiros, quer compradores de sua fazenda, não sei o que farão, se serão curiosos de sustentarem esta doce e rica mercadoria na terra.

Depois dos ditos engenhos se fizeram outros (como tenho dito) e se carregaram alguns navios de assúqure (sic); mas, pela vaidade que entrava nos homens com esta riqueza, desfez Deus as canas com um bicho, como a hera de Jonas. E não havendo canas, cessaram os engenhos todos, excepto o dos Crastos, que até esta era de mil e quinhentos e oitenta e oito permanece.

Ultimamente, o senhor (306) Conde Rui Gonçalves da Câmara, de grande curiosidade, fazendo prantar muitas canas no sítio das Furnas, onde trazia muita gente trabalhando nelas,

***Capítulo LVIII*** 263

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

também desistiu de fazer ali engenho e povoação como pretendia fazer, pelo pouco proveito e muito custo delas.

Também há nesta ilha muitas betatas (sic), que se criam debaixo da terra, em canteiros feitos à enxada, a modo de lavoura de camalhão, mas muito maiores, onde prantam a rama delas, que é delgada e tem o talo e folhas como de hera e deita raízes que vão engrossando e crescendo, e são as mesmas betatas; as quais tiveram princípio nesta ilha em casa do dito Sebastião Pires, pelo modo que começaram as canas de açúquere (sic) porque vindo à dita Vila Franca uma nau das Índias de Castela e recolhendo-se em sua casa alguns passageiros, deram a sua mulher umas betatas pequenas, delgadas e murchas, como são todas as que de lá vêm, as quais ela prantou no seu quintal, onde nasceram e se fizeram muito formosas. Dali começaram a levar algumas pessoas alguns raminhos que prantaram nos quintais, com que em pouco tempo se foram multiplicando. Depois de haver alguns betatais (sic) vieram a criar-se nelas (sic) uns bichos grandes, Iistrados de verde e amarelo, tão grossos como um grosso revitado dedo, (307), de mais de meio os quais se acham palmo de comprido, com a boca e e criam também no orjavão e na pimenta cara carrancuda e rabo redonda do Brasil, que não queima, e nas oliveiras; e, como nesta terra não havia outros senão os bichinhos das hortas, que se criam nas couves e outra hortaliça, tiveram estes por peçonhentos como na verdade o são, e assi aborrecidos e temerosos deles, dizem que largaram a granjearia das betatas e se vieram quase a perder. Mas, correndo tempo e não se achando algum dano que eles fizessem, se tornaram a aproveitar delas e fazerem searas desta fruta (que parece inhame e é melhor que ele) como de trigo, de que carregam navios para o Reino, e na mesma terra serve de mantimento à gente pobre e de gulodice à rica, comendo as betatas assadas ou cozidas, as quais já agora não criam tantos bichos, como dantes criavam.

***Capítulo LVIII*** 264

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

**CAPÍTULO LIX**

DAS SILVAS QUE HÁ NA ILHA DE SÃO MIGUEL E DOS PRIMEIROS QUE AS

TROUXERAM A ELA

Uma mulher do Amo, chamada Maria Gonçalves, trouxe as silvas, primeiramente, a esta ilha de São Miguel, para com elas fazer tapume nos pomares, hortas e campos, na vila da Ponta Delgada, onde morou. E depois o Capitão Rui Gonçalves da Câmara, segundo do nome, mandou trazer algumas para tapar o seu rico pomar que mandou prantar no Cavouco, junto da vila da Alagoa. E um Fernandafonso (sic) chamado da Horta, grande hortelão, por vender hortaliça, morador na vila da Ribeira Grande, junto da ermida de Santa Luzia, onde viveu Pedro Dias, da Achada, e Sebastião Pires Paiva com dois asnos bravos, que amansou e ensinou, lavrava e carreava, indo ao mato buscar lenha em carro, com eles, chamando a um Malícia e a outro Ruindade. Este, indo buscar sua mulher a Portugal e tornando com ela, foi o primeiro que trouxe as silvas à vila da Ribeira Grande, onde era morador, em um caixão de terra. Outros dizem que as trouxe da ilha Terceira, em uma corda esfregada e untada com a semente das silvas, e, enterrando a corda ao comprido estendida, nasceu um silvado. O primeiro lugar, onde as prantou, foi em um sarrado que tinha detrás de suas casas em que morava, perto da dita ermida de Santa Luzia, para se tapar com elas.

Tanto as guardavam e prezavam naquele tempo, que as não dava quem as tinha senão a grandes amigos e a pessoas a que tinha muita obrigação, estimando-se por grandes presentes os que de alguns ramos delas se faziam; e se Ihas furtavam, armavam grandes arruídos e jogos de cutilados, sobre elas. Tanto as cobiçavam alguns, que se ajuntavam de noite e as iam furtar para as prantarem em suas fazendas e terras, que vieram a ficar tão iscadas delas, assim por pegarem bem, não somente com as raízes na terra, mas com qualquer ponta que toca no chão ou nas pedras e logo ali deitam raízes, como por os pássaros comerem das suas amoras e irem estercar a semente pelos campos. E assim multiplicaram tanto, que com elas está perdida uma grande parte da ilha; e, se a deixassem despovoada quatro anos, se tornaria um mato e silvado bravo, e acabaria de se perder toda com elas.

Este Fernando Afonso deu um raminho, com raiz desta pranta, a Baltasar Vaz de Sousa, donde encheu a ribeira do Telhal delas, e dali a ilha toda e cuido que as mais ilhas. Se não fossem as cabras, que as comem, já fora meia ilha coberta de silvado, ou quase toda.

Mas o que agora é sobejo e danoso, cuido que há-de ser minguado e proveitoso, que como vai faltando a lenha, ao menos para os fornos hão elas de ser grande remédio. E este há-de ser o mato de que mais se há-de usar nalgum tempo. E já neste de agora algumas pessoas as não querem deixar cortar nas suas terras e as defendem, porque a necessidade, boa mestra, Ihes vai ensinando e mostrando que são boa lenha.

Toda a estima desta pranta era porque eram defensão das terras; por isso as prantavam como enxertos ou fruteiras de boa pomagem e davam pesentes para que repartissem delas com eles, como foi um João Fernandes, morador na freguesia da Fajã, ao Charco da Madeira, termo da cidade da Ponta Delgada, que levou um presente de capões e galinhas ao Capitão Rui Gonçalves da Câmara, segundo do nome, ao Cavouco, onde ele então morava, para que Ihe desse umas prantas de silvas, poucas, que o dito Capitão mandara trazer de fora, para tapume daquele seu pomar. Havendo-as com presentes e rogos, e às vezes furtando-as, e semeando-as os pássaros que comiam a semente, onde os homens as não prantavam, se inçou (como disse) toda esta ilha delas, tanto que vieram a maior parte das terras a não aproveitarem mais que para comedias de cabras, sem darem outro fruto nem proveito.

Mas, andando o tempo que tudo muda, de maneira que as terras feitas, debaixo, não queriam já dar novidade, de cansadas, tanto que os pastéis, a que soíam dar quatro e cinco

***Capítulo LIX*** 265

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

colheduras, dando-lhe a primeira se secavam logo, que era grande perda dos lavradores, Ihe foi forçado roçarem as silvas e cavarem as terras à enxada, com muito trabalho, para fazerem pastelais que, nas tais roças, com o esterco das ditas silvas que queimavam e roçavam, se dava muito bem, como em terras novas. Mas, correram alguns anos que não rompiam as terras senão para o dito pastel e não semeavam trigo nelas, porquanto a casta do trigo que na terra se semeava, chamado comummente barbela, se tomava e perdia, por serem terras altas e sujeitas aos ventos e às névoas; mas, proveu Nosso Senhor com uma espécie de trigo que se chama canoco ou, para melhor dizer, pelado, porquanto não tem pargana (sic), que veio de fora, e primeiramente da ilha da Madeira, enviado a João de Arruda da Costa, morador na sua quinta, junto da cidade da Ponta Delgada, com aviso que se dava melhor nas terras frias, de cima, junto da serra, que nas de baixo, perto da costa do mar, para ele semear nas suas campinas. De maneira que, quando no melhor ano de pão, o melhor moio de terra, das baixas junto do mar, que eram as melhores de todas, dava vinte moios, era espanto e o tinham e julgavam por grande rendimento.

Mas, agora as ditas roças das silvas dão comummente de trigo pelado, que não se toma tanto como o barbela, a razão de trinta e vinte e cinco e, ao menos, vinte moios, e muitas vezes chegam a razão de quarenta moios por moio e daí para cima. E antes que viesse à terra este trigo pelado, ainda que roçassem as silvas para na roça fazerem o dito pastel, não colhiam os lavradores mais que aquela novidade daquele só ano, e logo se tornavam a cobrir e encher as terras das mesmas silvas, com que tinham os homens grande trabalho e custo e pouco proveito. Mas, depois que veio à terra o trigo pelado, acabando de recolher a novidade do pastel, da terra de roças das silvas, logo o segundo ano e o terceiro seguinte, dá a dita roça duas novidades do mesmo trigo que lhe semeiam depois da novidade do pastel, e assim ficam três novidades em três anos contínuos, sc., no primeiro ano da roça a novidade do pastel, e nos dois seguintes as do trigo, por onde as ditas roças e terras ficam limpas de todo. E, com Ihe semearem logo o quarto ano de tremoço, que foi outro dom de Deus, ficam capazes de darem outras duas novidades a reo (sic) ou contínuas e juntas, de trigo; e se Ihe semearem a primeira de pastel, e a segunda de trigo, as dará muito melhor. E, se há algumas terras de silvas que não são capazes de darem novidades, por serem fragosas ou pedregosas, servem-se das silvas para os fornos, como em Portugal se servem dos tojos; e, se algumas pessoas as têm nas suas herdades, sem terem delas necessidade, pelas deixarem roçar para os ditos fornos, Ihe dão dinheiro por elas. E outros silvados, que estão em lugares onde se podem prantar vinhas, arrancadas e queimadas as silvas, se prantam as vides em seu lugar e dão muito proveito, pelo que já se não agastam com elas. E, se as há tão longe que não possam usar delas para isto e para os fornos, criam-se com elas muitas cabras nas serras, onde as há, porque são para este gado cabrum o melhor pasto de todos.

Daqui se vê claramente que foram duas mercês grandes de Deus, que fez a esta terra, uma, a das silvas e outra a dos tremoços, de que logo tratarei; que foi tanto como achar-se outra ilha nova, tão grande como esta, ao longo dela. Doutra maneira não havendo estes dois remédios que Deus deu, se despovoara muita parte desta ilha, porque pouco tempo há que se despovoaram os lugares de alguns moradores, como Santo António, a Bretanha, o Nordeste e outros muitos, pela fraqueza das terras, antes do tremoço, e agora com ele dão mais pão do que dão as melhores terras da ilha, sem o dito tremoço. Porque, se houvessem de estercar um moio de terra com esterco, não bastaria a valia da mesma terra para ficar capaz de dar trigo, e com dois moios de tremoço, que custam dois mil réis e menos, semeados em um moio de terra, somente em cabelo, sem a lavrar nem fazer mais custos, fica tão estercada que muitas vezes o viço Ihe faz mal, como agora direi.

***Capítulo LIX*** 266

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

**CAPÍTULO LX**

DOS TREMOÇOS COM QUE SE RESTAURARAM MUITAS TERRAS DA ILHA DE SÃO

MIGUEL, QUE JÁ IAM ENFRAQUECENDO

De pequenas coisas faz Deus, muitas vezes, e costuma fazer, grandes remédios, para mostrar seu grande poder e saber, e usar com os homens de sua misericórdia, como de fracos e quebradiços óculos de vidro remedeia a fraca, cansada e quase perdida vista dos antigos velhos, e das baixas, rasas, pequeninas e humildes ervinhas do campo faz mezinhas e antídotos para grandes e arreigadas enfermidades, e de muito amargosas drogas ordena (como bom médico) purgas para dar ao enfermo a doce e desejada saúde. Assim de uma amargosa erva, mais baixa e grosseira das ervas, como é o tremoço, fez Deus mezinha para curar a envelhecida, fraca, cansada e estéril terra desta ilha, para poder com ela, como com óculos, ver a fertilidade que já dantes não via, e como com amargoso medicamento curar a debilidade e fraqueza de sua cansada e fraca natureza tão estéril, e tornar desta maneira a terra inútil muito fértil e frutuosa; porque, como Deus não deixa nada sem remédio e, quando falta o humano, acode logo com o divino, para que os homens entendam melhor que da sua mão nos vem e há-de vir todo o bem e socorro, havendo aqui, nesta ilha de São Miguel, terras fracas e cansadas, em que os lavradores se perdiam com o pouco rendimento delas, acudiu o Senhor com a sua costumada misericórdia e bondade, e descobriu o remédio de atremoçar as terras para as fazer fértiles e frutuosas, as quais com esta mezinha, como com purga amargosa, de doentes ficaram sãs, e de fracas fortes, e expirando reviveram.

Um Barão Fernandes, que morava à Grota de João Bom, entre os Mosteiros e a Bretanha, no ano de mil e quinhentos e cinquenta, pouco mais ou menos, foi o primeiro que inventou ou começou a tremoçar a terra, depois que enfraquecia, semeando os tremoços ao redor de sua seara de trigo, junto dos caminhos, em uma leira ou carreiro deles, como nesta ilha costumaram depois muitos; e depois semeou um alqueire de terra deles como agora semeiam um alqueire de chícharos para comer curtidos, sem saber o mais proveito que dali podia vir. Depois deste homem, veio um de Portugal, chamado Lopo Pessoa, o qual inventou os tremoços para proveito das terras, vendo que onde se semeavam um ano, para o ano seguinte Ihe dava ali trigo forte e melhor; donde veio a tremoçar mais quantidade de terra por suspeitar que dos tremoços Ihe vinha dar melhor novidade. E, achando melhoria nas novidades, daí veio a outonar com tremoços e semear as terras e relvas de um ano para o outro, primeiramente no lugar de Santo António, que parece que este Santo, na sua freguesia da banda do norte, descobriu, deparou e achou primeiro este remédio e mezinha para as terras que ali estavam já como perdidas; e depois o começaram usar em toda a ilha, de que se acharam muito bem os lavradores e com proveito. O mesmo efeito têm as favas e legumes todos e o linho que fazem a terra, onde os semeiam, ser depois mais frutífera, ainda que ela de si seja fraca e estéril para pão, como quase já eram as terras do dito lugar de Santo António, limite da cidade da Ponta Delgada, e outras muitas.

O outono dos tremoços, que se corta em verde, também dizem que esterca a terra com sua rama, que nela, logo lavrada apodrece, e assim estercada fica mais frutuosa. Outros dizem que, com a sombra que à terra fazem, cobrindo-a com sua rama, defendendo-a do frio e calma, que a não corte, tendo-a assim mimosa e macia, vem cobrar a terra fôlego, força e vigor para ao diante dar mais e melhor fruto. Todas estas razões podem ajudar a isso, mas ainda que nisto houve e há diversas opiniões e razões, a mais certa é que os tremoços são grosseiros e amargosos, e por se nutrirem e criarem dos mais grossos e piores humores da terra, chupam a salsugem e pior dela, como fazem também as favas e outros legumes, mas muito mais o tremoço, por ser o pior e mais grosseiro legume, e assim fica a terra defecada e como purgada e limpa dos humores mais grosseiros, e, com os melhores que Ihe ficam, está, depois do tremoço de um ano ou do outono, criando e nutrindo o trigo melhor e com mais abundância que

***Capítulo LX*** 267

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

dantes. Este foi um notável e singular remédio para as terras desta ilha, que já iam muito enfraquecendo, poderem dar melhores novidades de pão e de algumas outras coisas, como outonadas dão melhor linho.

É o tremoço uma erva de muita folha e de muitas hastes em um pé, de altura que dá a um homem pela cinta; cujo fruto, que dá em umas vaginhas, como de favas, deitado de molho na água doce ou salgada, e dando-lhe primeiro uma boa fervura ao fogo, de amargoso se torna doce e se deixa comer sem acabar de fartar a quem o come, apetitoso ao gosto, como são as ervilhas; e tanto que o semeiam e vem a ter rama e folha, tem tal qualidade que sempre traz a mesma folha e haste virada ao sol, sc., ao nascente do sol, pela manhã, está toda a ele inclinada, e assim como o sol se vai empinando, assim vai virando; quando vem ao meio dia, está direita; e tanto que desce o sol para o ponente, assim vão as folhas, flores e hastes do tremoço virando, de maneira que ao pôr do sol Ihe ficam inclinadas e viradas daquela parte onde ele está e se põem; e pela manhã, que vem da noite seguinte, se tornam a virar ao nascente a receber o sol da parte donde ele nasce.

Depois de se inventar primeiramente o atremoçar as terras no lugar de Santo António, segundariamente se começou a usar no lugar das Feiteiras, e por verem o grande proveito e muito rendimento que têm as terras atremoçadas, se usa o mesmo já agora em toda a ilha geralmente.

E quem tem poder, o melhor dela é tremoço velho, de um ano para o outro, sc., atremoçando a terra um ano, que não dá mais novidade o mesmo ano que o próprio tremoço que Ihe semeiam. O qual tem três proveitos: o primeiro, o tremoço que soe valer, os mais dos anos, a vinte e cinco, a trinta e quarenta réis o alqueire, de que se carrega algum para fora da ilha; o segundo proveito é a palha dele, depois de malhado, que é boa lenha para os fornos, e vale cada carrada, o menos, dois tostões; o terceiro proveito é que a terra daquele ano semeada de tremoço velho, está nela, para o outro, certa a novidade de trigo ou pastel, mais que de terra de relva ou alqueive, porque a terra que fica de relva não tem mais virtude que estar folgada e não ser lavrada aquele ano, nem dá mais novidade que a erva de pasto, que também dá bom rendimento ao dono dela, porque ordinariamente se arrenda a terra, que fica de relva, para pasto de gado, apastorado ou preso à corda, a dois ou três alqueires por alqueire, segundo é o pasto da terra. Mas, a que fica semeada de tremoço velho tem mais virtude, por ficar purgada dos maus humores com que ele se nutre, como já disse, e por causa da sombra que Ihe faz a rama do mesmo tremoço, que é altura de ametade e, às vezes, de um homem, com que fica a terra mimosa e sombria, sem ser cortada das calmas; e também por causa da folhada do tremoço que cai na mesma terra que, depois de apodrecer nela, parece ingoento (308) com que se engrossa. E, assim, dizem os que a lavram que Ihe parece andarem com os pés sobre algum ingoento, ou sobre veludo, tão macia e amorosa a acham, o que não tem a terra que fica de relva, a qual acham mais áspera. Costumam, sobre a terra de tremoço velho, semear pastel e o segundo ano trigo, e ambas estas novidades dá abastantemente, a qual melhor, da maneira que atrás tenho dito, quando tratei das silvas.

Há outro modo de atremoçar a terra, que se chama outonar, porque no outono, começando e acabando em o mês de Octubro, fazendo primeiro umas velgas (sic) (309) com o arado, e semeando o tremoço por elas, a lavram depois, com que fica o tremoço nela soterrado; e, nascendo e crescendo altura de três ou quatro palmos, no mês de Dezembro e Janeiro o decepam com espadas, para tornar a lavrar a mesma terra, onde apodrece aquela rama, com que fica a terra como estercada com ela às vezes dois anos, sem ter necessidade neles de mais outro benefício. E, se se faz seara deste outono, ou de tremoço velho, ao longo de outra que não tem tremoço, não tem necessidade de haver extrema entre elas, porque de longe, quanto mais de perto, se divisa e diferença uma seara de outra, pela grande vantagem que faz a do tremoço àquela terra que o não teve. E, como já disse, o mesmo proveito fazem as favas e alguns outros legumes, como são abóboras e melões que com sua folhada cobrem a terra que se não corte da calma. E, onde o tremoço está basto, nenhuma erva cresce debaixo dele que venha a ter semente, e por isso o semeiam desta maneira nas terras em que querem desinçar o saramago e as ruins sementes, com que ficam as searas do ano seguinte com menos monda; e alguns lavradores, que não podem atremoçar toda a sua terra, dão parte dela a outras pessoas que a semeiam de tremoço velho e levam o grão e palha dele, contentando-se com Ihe ficar a terra purgada e limpa, para depois fazer nela sua sementeira de trigo ou pastel, como está dito.

***Capítulo LX*** 268

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

Mas, agora já alguns se guardam de atremoçar a terra, porque dizem que um bicho branco e pequeno, que algumas vezes, em alguns anos, se acha dentro, acima do primeiro nó da palha do trigo, junto da raiz, que faz perder a espiga, o tremoço é causa dele; e alguns dizem que é também causa de alforra. E assim como as drogas e mezinhas, como estão muito tempo na botica, não somente perdem sua força, mas podem e vêm a fazer algum dano e trabalho ao que delas usa, assim já alguns não querem usar da mezinha dos tremoços em suas terras, por dizerem que são causa de nascerem dentro na palha do trigo, junto à raiz, sobre o primeiro nó (como nascem), uns bichinhos brancos e curtos, como bichos de carne, que logo tomam e murcham a espiga; e outros dizem que do muito atremoçar as terras nasceu a alforra de que adiante direi.

Dizem que o tremoço, que faz bem às terras desta ilha, faz mal às terras de Portugal. Parece a razão disto ser porque aqui as terras são salgadas e rociadas do mar, a qual salsugem Ihe chupa o tremoço, que se cria do pior humor da terra, ou as favas e outros legumes com que ficam defecadas e purgadas, para dar melhor novidade. Mas, em Portugal, onde a terra não tem esta salsugem, chupam os tremoços o bom e doce humor dela, e assim fica estéril.

***Capítulo LX*** 269

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

**CAPÍTULO LXI**

DAS FORÇAS DE ALGUMAS PESSOAS DA ILHA DE SÃO MIGUEL

Afora o gado que, por mandado de el-Rei e do Infante D. Henrique, foi deitado nesta ilha de São Miguel, logo no princípio de seu descobrimento, trouxeram a ela, da ilha de Santa Maria, sua vizinha, outro muito: porcos, de que se inçou; e antes de virem bois, lavravam com bestas asnais, como fazia um Luís Femandes da Costa, pai de Manuel da Costa, e outros muitos. E foi tanta a multiplicação do gado vacaril e porcos, que durou por tempos não poderem desinçar os touros e vacas e porcos bravos, carneiros e cabras, e eram tantos os porcos, que danavam os pastos ao gado vacum com seu fossar; pelo que os mais dos moradores eram fragueiros, forçosos e ligeiros, por causa do exercício que tinham de ir a montear e caçar este gado diverso, dos quais contarei alguns que alcancei saber.

Um Afonso Soeiro, irmão de Leonor Soeira, primeira mulher de Garcia Roiz, e Bertolameu Roiz, pai de Baltasar Roiz, que morava além de Santa Clara, da Ponta Delgada, e um Francisco Anes, Moreão de alcunha, e Bertolameu Afonso Pereira, de alcunha o Rato, indo à serra, dentro nas Sete Cidades, a montear e fazer carnes, com Baltasar Vaz de Sousa, porque no seu Telhal, que tinha acima da Ribeira Grande, gastava muitas carnes, Ihe aconteceu que, andando eles dentro nas Sete Cidades, onde havia muito gado bravo e sem ferro, nem sinal, acharam um bravo touro e foram para o matar, o qual tomou a Baltasar Vaz nos cornos e entre eles o trouxe um grande espaço, abarcando-se ele tão fortemente com ele, pelo pescoço, que nunca o touro o pôde matar, nem ferir, somente o pisou e tratou muito mal em uma barreira, onde deu com ele. E Francisco Anes, de riba da rocha, quisera tirar ao touro com uma meia lança que levava, mas Baltasar Vaz de Sousa Ihe disse que não atirasse, que o erraria e mataria a ele, e que o encomendasse a Deus e o deixasse, que não houvesse medo que o touro o matasse. Indo assim por uma grota abaixo o touro com ele nos cornos, lançou mão de um louro, que estava atravessado na grota, e ficou ali dependurado nele, e o touro passou adiante seu caminho. E ele ficou tão pisado e mal aviado que o tomaram os companheiros e o levaram à vila da Ribeira Grande onde morava, e o sangraram duas ou três vezes e o envolveram em um lançol (sic) molhado em vinho; e depois de são, ele e um mourisco que tinha, com um cão de filha (sic) e um cachorro de rodeio e outros cães, se tornou em busca do touro às Sete Cidades e o perseguiu tanto com os cães, que se acolheu o touro a uma alagoa grande que dentro está, chamada a alagoa Azul, por ser muito funda. Baltasar Vaz se deitou a nado, a ele, com um sedenho na mão, e se pôs em cima do pescoço do touro, escanchado, com as mãos pegadas nos cornos, e tanto andou sobre ele, que de cansado se Ihe abriu o cesso e enchendo-se de água se afogou, que é propriedade ou qualidade das bestas, sc., cavalos e asnos e bois, afogarem-se por detrás, pelo cesso; como o porco com as unhas se degola nadando pela garganta, e o homem se afoga pela boca e ventas. Depois de afogado o touro, Ihe deitou o sedenho nos cornos, atando-o com ele, e o chegou à borda de água; e então Ihe acudiu o mouro e outra gente que andava dentro na serra, e Iho ajudaram a esfolar e esquartejar, e o levou em bestas, caminho da Ribeira Grande, onde ele era morador.

O mesmo Baltasar Vaz e Vasco Fernandes, moradores no Telhal, da Ribeira Grande, tendo notícia que andava acima do Telhal, onde eles moravam, onde se chama o Cortado, um grande touro bravo, determinaram de o ir tomar e, indo à serra, o viram. Disse então Baltasar Vaz a Vasco Fernandes que se fosse pôr à passagem da pedreira, e que ele o acossaria e iria com ele e ali o decepariam ou matariam com uma chuça que levava Vasco Fernandes; o qual Vasco Fernandes se foi pôr naquela passagem, indo Baltasar Vaz sempre após o touro, que não foi ter aonde estava Vasco Fernandes, mas a outra passagem do pico das Mós, seguindo-o sempre Baltasar Vaz, e ali escorregando o touro caiu, e Baltasar Vaz, quando o viu caído, se foi a ele e o socornou (sic) e afogou com terra que Ihe achegava para a boca. Estando nisto, chegou Vasco Fernandes, que se veio do passo onde estava, por tardar o touro

***Capítulo LXI*** 270

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

e não ir ter com ele onde esperava, suspeitando que havia de ir ter à outra passagem, debaixo do pico das Mós; foi-se à dita passagem, onde achado o rasto do touro e de Baltasar Vaz que eram já passados, seguindo-os, viu o touro caído e Baltasar Vaz em cima dele, tendo-o socornado e afogando- o com terra, e disse-lhe que o não acabasse de afogar, sem que primeiro o sangrassem; e assim o fizeram e ali o acabaram de matar. Depois de esfolado, estando-o partindo, sentiram vir gente que vinham ao mato cortar e dar rama aos bois, e porque não soubesse o Capitão que eles andavam a monte, pelo ter defendido com penas de dinheiro e degredo, partiram o touro pelo meio, os quartos trazeiros a uma banda e os dianteiros a outra; tomou Baltasar Vaz às costas os trazeiros e o couro, e Vasco Fernandes os dianteiros, e assim o trouxeram de sobre o Cavouco, onde o mataram, até suas casas, que tinham no Telhal, perto de uma légua dali.

Também outro dia, indo ambos a monte, viram estar umas novilhas que determinaram matar; e fazendo Vasco Fernandes um tiro com uma chuça a uma delas, camarinha, pintada de branco e vermelho, fugiu a novilha e de caminho, indo após ela, decepou duas novilhas das que ficaram; e depois de haver buscado a camarinha, achando só a haste da chuça, que parece que passando ela entre umas árvores, embaraçando-se com ela nelas, a quebrou e deixou ali; e, passando adiante, nunca a puderam achar, nem morta, nem viva. Depois de muito buscada, voltando onde deixaram as outras duas novilhas, as esfolaram e trouxeram cada um a sua às costas, para casa, trazendo Baltasar Vaz mais os dois couros com a sua novilha, em que levava avantagem ao Vasco Fernandes. Tornando a montear no mesmo lugar, daí a um ano, foram dar com a própria novilha camarinha e, indo após ela, a mataram e acharam-lhe a costura soldada por onde Ihe deram com a chuça no couro, e logo dentro outra costura no bucho, no meio do qual estava o ferro da chuça, amolado e luzente, como que se então saíra do escamel da mão do barbeiro.

Um Pero Ribeiro, natural do Nordeste, estando com um Fernandeanes, morador na ribeira do Salto, entrando um dia no curral, onde estava o gado vacum encurralado, uma vaca se enviou a ele e Ihe deu uma encontrada grande na barriga, sem o fazer mover, nem mudar para parte nenhuma. Vendo ele isto, disse assim: dessa maneira sois vós; prometo-vos que vos hei-de ordenhar como cabra. Tomou-a então por uma perna e metendo-a na sua curva dele, ali a teve mão, sem ela mais bolir, e a esteve ordenhando como quem ordenha uma cabra. E a um touro que na ribeira do Salto, no pico Mocho, se vinha às novidades, sem ousar alguém aparecer diante, ele o tomou pelo rabo e Ihe deu tanta pancada que nunca mais prestou.

Este mesmo Pero Ribeiro, indo o corregedor fazer correição ao Nordeste e achando-o culpado, o quisera prender. Indo ele fugindo à justiça, vendo estar por debaixo de um granel um buraco por onde entrava um porco, se meteu por ele e, saindo pela outra banda, acolheu-se a uma ermida de Nossa Senhora de Nazaré. Indo lá o corregedor, Ihe perguntou como coubera por tão pequeno buraco, sendo homem tão grande, respondeu ele: se vossa mercê chegara mais cedo, vira o granel estar ainda tremendo, porque todo o levava eu às costas. Era grande de corpo e alevantava uma grande âncora até os peitos. Comia, só a um jantar ou ceia, uma cabra, por grande que fosse, e esfolando-a com os dentes, sem mais outra ferramenta.

Este Pero Ribeiro foi com o Capitão Manuel da Câmara a Cabo de Gué, e, quando tomaram a vila, tomou ele um montante nas mãos e matou tantos mouros que fez um bardo antre si e eles, tão grande que quase o não podiam passar e chegar a ele; e, vendo-se cansado, sem poder mais pelejar, disse aos contrairos: ora cães, comei-me agora e ali o mataram.

Houve nesta ilha um João Lopes dos Mosteiros, por morar no lugar deste nome, pai de João Lopes, que foi meirinho muitos anos, o qual teve tantas forças que, andando debulhando junto de uma rocha com uma cobra de gado e tirando-se o tamueiro do mourão, começaram as reses a cair pela rocha abaixo; arremeteu ele e pegou na que andava no mourão e fazendo finca-pé, teve todo o gado, estando já algumas penduradas na rocha, e se afogaram uma ou duas. Se um carro ia com dois bois, carregado, e por alguma subida cansava algum deles, o desapunha e no seu lugar com o outro subia o carro.

Tomava qualquer boi, e, pelo pé ou pelo corno, o fazia estar quedo.

Também seu filho, João Lopes, meirinho, e outro, Manuel Lopes, eram de grandes forças; e uma filha sua, chamada Maria Lopes, muito virtuosa e honrada, casada com Manuel de Oliveira, nobre e rico, é de tanta força, que uma mó que havia mister dois homens para a tirar e pôr na atafona, ela a tomava, metendo o braço pelo olho da mó e a tirava e tornava a pôr, sem

***Capítulo LXI*** 271

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

nenhuma ajuda, mui facilmente. Também tomava qualquer boi ou touro pelo corno ou perna e o fazia estar quedo.

E seu pai, João Lopes, no porto dos Mosteiros, tomou às costas um quarteiro de trigo, em dois sacos, e uma tarrafa cheia de peixe, e levou tudo para sua casa, caminho que passava de légua; e assim trazia qualquer boi ou vaca morta, da serra, como se fosse uma cabra. Tomava também um asno pelas mãos, com uma mão, e com outra, pelos pés, sem mais o atar, e, pondo-lhe a cabeça na barriga, o alevantava às costas e levava para onde queria; e alevantava outros mores pesos.

João do Monte, o Velho, filho de João de Piamonte, da vila da Ribeira Grande, tomava uma mó de engenho de pastel e a carregava só, sem ajuda de outrem, em cima de um carro.

Um Belchior Lucas, morador na vila da Alagoa, tem tanta força que, quando Ihe cansa um boi, serve em seu lugar por ele.

Baltasar Roiz de Sousa, que morava a Santa Clara, junto da cidade da Ponta Delgada, tomando qualquer touro pelo corno e, com a outra mão, pelo queixo, o derribava. Este mesmo, vendo em uma rua da dita cidade arrancar dois homens, não levando ele espada, arremeteu a um cão que viu e tomando-o por uma perna, esgrimindo com ele entre os que pelejavam, os apartou logo com esta arma.

O mesmo Baltasar Roiz de Sousa, trazendo-lhe um homem honrado, seu amigo, a casa um seu mouro que Ihe havia fugido, rogando-lhe que o não castigasse por aquela vez, por amor dele, prometeu que assim o faria, dizendo ao mouro que se mais fugia o havia de açoitar cruelmente. Resmungando o mouro, Ihe mandou que se calasse, senão que o açoitaria. E dizendo o mouro: si, açoitar como afirmando que o não podia fazer, arremeteu a ele e tomando-o com as mãos pela barriga, o deitou no chão, dando-he alguns coices. Acudindo-lhe então os que com ele estavam jogando e folgando, viram correr muito sangue da barriga do mouro, que Ihe acharam aberta, com as tripas fora, pelo lugar por onde o senhor o tomou com as mãos, com sua muita força.

Este mesmo, prendendo o ouvidor do Capitão, André Fernandes Fafes, a seu irmão Pero Roiz, que andava em um arruído na praça, fazendo com uma partezana (sic) grandes finezas, vendo preso seu irmão, com a capa e espada que trazia, fez tal caminho pela gente que andava no arruído, que chegou onde o ouvidor o tinha preso e Iho tirou das mãos. E, sendo ambos somente, se defenderam mais de uma hora, até que Pero Roiz segunda vez se pôs nas mãos do ouvidor, obedecendo à justiça, e Baltasar Roiz o fez soltar outra vez; em a qual envolta, achando-se o ouvidor ferido no rosto, deu um brado, que da parte de el-Rei o prendessem, e toda a justiça, com mais de duzentos homens que ali se acharam, os não puderam prender e se foram para suas casas. O ouvidor o acusava que ele o ferira, e ele defendendo-se, entre outros artigos em sua defesa, fez um em que dizia ser homem de tanta força que, ainda que quisera dar pequeno golpe, não pudera, por onde se via claro que o mesmo ouvidor se ferira nas guardas da sua espada.

Vindo ele um dia de pescar e estando para jantar, Ihe deram aviso que o ouvidor, com toda a justiça e muita gente, se faziam prestes para o prenderem; perguntando ele se iam já e dizendo-Ihe que não, se pôs a jantar mui quieto, pondo todavia uma espia que Ihe desse sinal. Estando comendo, avisado que já iam, se pôs a cavalo com muita desenvoltura, tomando uma lança em uma mão e adarga na outra; e em vez de acolher à serra, se foi passeando para a cidade e chegando uma carreira de cavalo de Santa Clara, chegava a justiça, com mais de cem pessoas, à mesma ermida. Enristou ele então a lança, batendo as pernas ao cavalo, com grande brado que se guardassem, e, arredando-se todos da grande fúria que levava, se acolheu à dita ermida.

Estando em sua casa, sendo ainda mancebo, foi ter com ele Lopo Cabral de Melo, grande cavaleiro, para ver um seu cavalo, bom ginete, mas desenfreado; e cavalgando nele em um sarrado (sic) detrás de suas casas, o botava a uma mão e à outra, com muito ar e desenvoltura; mas, correndo uma carreira, o não pôde parar, e vendo que o cavalo se ia meter entre as casas, se botou fora da sela, quase ficando como afrontado disso. Então cavalgou Baltasar Roiz e, correndo, fez o cavalo outro tanto com ele, e não ousando de tirar rijo pelo freio, receando de o quebrar, abaixando-se, o tomou pela barbela e tirou com tanta força, que pôs o rosto do cavalo na sua coxa e o fez estar quase de todo quedo.

***Capítulo LXI*** 272

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

Também em uns sarrados abaixo da Serra Gorda, tomou um poldro, que ia a quatro anos, muito bravo e furioso, e com uma corda o teve sem bulir pé, nem mão, o que muitos homens juntos não puderam fazer.

Apostando ele com um seu vizinho de cortar de um golpe um cão grande de filha (sic), pelo meio, o cortou pelo lombo, ficando quase em dois, pegado somente pelo couro da barriga. Cortava também, de um golpe, um porco grande, dependurado, pelo meio; e, uma vez, tomou um burro e o pôs além de uma parede, pela não derribar o almocreve que por ali passava. Também Ihe viram quebrar com as mãos duas ferraduras juntas e alevantar pelos pentes uma pipa de vinho. E, abaixo de sua casa, estando cinco ou seis homens sem poder tirar uma égua de uma rilheira de carro, muito funda com as chuvas, onde caíra, junto da rocha, ele só, fazendo uma homens borrecas cova (sic) para (310afirmar ).

os pés, a tomou pela cabeça e botou fora, chamando àqueles

Indo o mesmo Baltasar Roiz ao lugar dos Mosteiros, sobre um cavalo, ao longo de um grotilhão, quebrou a terra com ele, e deitando-se fora da sela, caiu o cavalo em baixo, onde ele desceu; e, metendo-se debaixo dele, o alevantou e pôs fora do grotilhão, selado e enfreiado como estava. Teve um irmão chamado Pero Roiz (como já disse), mui valente e de grandes forças; como tem também dois filhos, Pero Roiz de Sousa e Brás Coelho, mui esforçados, forçosos e animosos. E seu pai, chamado Bartolomeu Roiz, também teve as mesmas forças e valentia, o qual, indo a montear à serra, tomava uma vaca e, matando-a, Ihe tirava as tripas fora e levava só, às costas, grande espaço, até achar lugar limpo onde a pudesse esfolar e esquartejar.

Na freguesia da Bretanha, houve um mancebo, chamado o Casco, que levava às costas vinte alqueires de trigo.

Um João Teixeira, da vila da Ribeira Grande, foi de grandes forças; o qual, estando uma vez para tomar uma novilha de dois anos, muito brava, para debulhar, e não querendo ela ir à cobra, disse ele aos que ali estavam: — ora, deixai-me com ela, que eu vo-la trarei —. Foi-se a ela e tomando-a em peso nos braços, como se fora uma criança, a levou à eira, onde a meteu na cobra.

Seu filho, Bartolomeu Teixeira, também foi tão forçoso que, levando uma vez um carro de lenha e vendo um dos bois fraco, o tirou dos canzis, e tomando a canga nos braços, com o outro boi que ficou, tirou o carro por um arrebentão e ladeira acima. E saindo-se-lhe uma vez o eixo de um carro, carregado de lenha, dos coucões, ele só, alevantou o carro pelo arrecavem (sic), por detrás, e outro Ihe tornou a meter o rodeiro nos coucões. Também era de tanta força que nos Biscoitos, de Rabo de Peixe, quebrava qualquer barra, por grande e grossa que fosse, metendo-a em rocha forte. Tendo um boi tachoso, que não queria ir à canga, como ele desejava, o tomou pelos cornos e de tal maneira Ihe pôs as mãos, com tão grande força, que Ihe desarreigou um corno. Correndo os touros na praça da Ribeira Grande, um dia de festa, saltou um touro o palanque, e indo fugindo pela ponte, por onde o Bartolomeu Teixeira vinha, vendo o touro junto de si, deixou cair a capa e desviando-se dele, lançou mão do rabo, e depois de uma perna, e ali o teve quedo, até que veio gente, que o tornaram a levar ao corro (sic). Este homem ao presente é vivo e, ainda que muito velho, não perdeu muita parte das forças.

Um Nuno Vaz, da Ribeira Grande, era de tanta força que, por grande que o touro fosse, se Ihe lançava mão do corno, tinha mão nele e, tomando-o com a outra mão pela barba, o derribava. O mesmo fazia Manuel Roiz, o Potás.

Um Francisco Gonçalves, lavrador, da governança da vila do Nordeste, era tão forçoso que indo uma vez com um carro pelo espigão do porto da dita vila abaixo, que é muito íngreme e temeroso, por ter rocha mui alta de ambas as bandas, quebrando-lhe o canzil da canga a um boi e não tendo com que o remediar, se pôs em lugar do boi solto, ajudando ao outro, e assim levou o mesmo carro, carregado com um moio de trigo, abaixo ao porto — que não parecerá tanto a quem o ouvir, quanto a quem souber aquele dificultoso caminho

Aires Jácome Correia é homem de tão grandes forças e esforço que, acendendo-se o fogo no rio de Lisboa, em um galeão de el-Rei, que tinha duas naus da Índia, uma de uma parte e outra da outra banda, em que se houvera de apegar o mesmo fogo e arder tudo em cuja companhia ele fora da ilha Terceira, encarregado por João da Silva do Canto, acudiu ele em um batelão e, desamarrando o galeão, o apartou das naus da Índia e Ihe valeu com Ihe cortar

***Capítulo LXI*** 273

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

as varandas e obras mortas do castelo de avante, com que se salvou ele e as naus da Índia, e com pouco custo se tornou a consertar; ficando Aires Jácome escaldado pelos lombos, do alcatrão que derretido, de riba das obras mortas, Ihe caiu pelo pescoço abaixo, de que ficou assinalado pelas costas, com uma malha branca na carne.

Cristóvão Luís, filho de Pero Luís, morador na vila de Água do Pau, foi extremado cavaleiro e teve tão grande força que atirava com um dardo, tanto como uma besta tira uma seta, ou mais.

***Capítulo LXI*** 274

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

**CAPÍTULO LXII**

DA VALENTIA, ESFORÇO, MANHAS E DESTREZAS DE ALGUMAS PESSOAS DA ILHA

DE SÃO MIGUEL

Já que tratei das forças, direi também a valentia e esforço, manhas e destrezas de algumas pessoas desta ilha, porque de todas não pude saber.

Um Rui Dias se foi desta ilha, sendo muito mancebo, e se pôs com um senhor em Castela e, por ser bom cavalgador, o serviu de Ihe amansar cavalos. Daí se passou para Arzila, onde Ihe aconteceram muitas coisas com os mouros, e deles foi muitas vezes cativo; entre outras, Ihe aconteceu uma mais notável, que agora direi.

Sendo capitão em Arzila D. Manuel Mascarenhas, em absência do conde do Redondo, D. João Coutinho, estavam na dita vila dois cavaleiros, naturais desta ilha, sc., Roque Afonso, do lugar de São Roque, e o dito Rui Dias, de Vila Franca, filho de Diogo Dias Brandão, morador nas Grotas Fundas, da Ponta da Garça, ao qual aconteceu o que ouvireis. Um dia, um mourisco já cristão, que era almocadém em Arzila (que assim se chama o que vai por capitão de alguma gente, quer muita, quer pouca), chamado António da Silveira, valoroso cavaleiro e muito estimado do capitão, determinou ir tomar um par de porcos, para o que escolheu certos mancebos, filhos de cavaleiros, a que não soube os nomes, e convidou para esta caça a Rui Dias, o qual não se podendo escusar, por serem muito amigos e compadres, foi com ele contra sua vontade; e como não iam mais que a caçar, por terem certeza que eram os alcaides por el-Rei a Fez chamados, não levavam mais armas que lanças de monte, sem adargas. Chegados duns ao almoguavres lugar (311onde ) começaram a caça, viu o mouros que se iam abscondendo almocadém António da Silveira a trazeira para uma serra e, chamando a Rui Dias, se puseram em conselho sobre o que fariam, entendendo que eram já sentidos dos mouros, parecendo-lhes que Ihes tinham dado na trilha. Não sendo assim, e vendo que não eram os mouros mais de treze, se determinaram escaramuçar com eles. Chamados os mancebos que andavam embaraçados na caça, os esforçou e animou a pelejar; e com muito esforço se descobriram e mostraram aos mouros. Indo marchando para eles, os mouros se iam desviando, parece que para reconhecerem se era alguma cilada. Perguntou então António da Silveira a Rui Dias se os conhecia, porque tinha conhecimento de muita gente daquela fronteira; disse-lhe que perguntasse quem era o seu almocadém, e respondendo-lhe com o nome dele, Ihe tornou a dizer que, pois fora sempre cavaleiro, porque se mostrava então judeu, sendo treze contra sete, que virassem; os mouros o fizeram. E de tal maneira pelejaram cinco mancebos, com o favor do almocadém e de Rui Dias, que os desbarataram.

A Rui Dias aconteceu que, encontrando-o um mouro, Ihe desviou com sua lança de monte o encontro, e vindo a braços, levando o mouro de uma gomia, Ihe atravessou uma coxa a Rui Dias; o qual, tomando-lha da mão, o matou com ela. Nisto o encontrou outro, atravessando-o com a lança; e, caindo do cavalo, acertou de tomar a lança do mouro que tinha morto, e levantando-se enrestou (sic) com o mouro que o tinha ferido, o qual vinha já com outro golpe sobre ele, e, como o viu determinado, temeu, dando-lhe as costas; mas, por trazer já o cavalo tão cansado, se não pôde sair tão presto, que primeiro o alcançou Rui Dias por cima do arção e o derribou, atravessado na lança. Nisto caiu Rui Dias, arrevesando, esvaído do muito sangue, que Ihe corria das feridas; onde veio ter com ele o almocadém, quase morto, porque estando já ferido de algumas feridas, acabando de matar um mouro, outro de través Ihe deu uma lançada pela garganta, da qual dali a pouco morreu, porque depois de Rui Dias ser ferido, não teve quem o guardasse. A este tempo tinham já mortos, dos mouros, os dez; os três escaparam embrenhados e bem feridos, e os nossos quase todos feridos de morte. Mas, assim feridos, tomaram todos os treze cavalos e caminharam para Arzila, mui louvados, pelo

***Capítulo LXII*** 275

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

caminho, do seu almocadém António da Silveira que, chegando a uma légua de Arzila, lhe morreu, sendo um dos bons cavaleiros que então havia.

Rui Dias correu muito perigo e os mais dos outros estiveram à morte; mas muito mais perto dela Rui Dias, que todavia convalesceu e esteve por fronteiro em Arzila até que el-Rei a largou. Então tornou a esta ilha, seu natural, e daqui se foi para as Índias de Castela, donde mais não houve novas dele. Quiseram dizer que falecera em uma nau que vinha de lá e se perdeu na costa do norte desta ilha, defronte do lugar dos Fanais, termo da cidade da Ponta Delgada, mas não se sabe a certeza.

António de Sá, filho de João de Betencor e de D. Guiomar de Sá (312), moradores e naturais da cidade da Ponta Delgada, era homem comprido, alvo do rosto, formoso, bem posto e delgado do corpo, tão forçoso e valente que dizem que no cerco de Cabo de Gué (onde ele havia ido com o Capitão Manuel da Câmara, quando foi lá em favor do dito cerco), saiu um mouro, valente cavaleiro, desafiando aos portugueses, e querendo sair a ele este António de Sá, Iho não consentiu o Capitão Manuel da Câmara. Ele, tomando a licença que Ihe não queriam dar, dizem alguns que saltando pelo muro ou buscando maneira para sair por alguma porta ou postigo, foi ter com o mouro que o estava esperando dentro das tranqueiras, e tendo ali seu desafio, ambos a pé, arremeteu António de Sá ao mouro, e, como era homem grande e de grandes forças, o tomou às costas e levou ao Capitão, o qual ainda que se alegrou com tal vitória, para aviso de outros que se não desmandassem como ele, o mandou prender. Alguns dizem que esta prisão foi sobre palavras que António de Sá disse ao Capitão, por Ihe querer tomar o mouro, sabendo que era pessoa de grande preço e estava certo por ele. Outros afirmam por mais certo que saiu António de Sá de noite, para tomar língua, e achando um mouro, bom cavaleiro, o venceu e trazendo-o às costas Ihe fez o mouro uma grande ferida, mas nem por isso o deixou de trazer preso diante do seu Capitão.

Era este António de Sá tão forçoso que alevantava dois homens do chão, postos com os pés nas palmas das mãos. Também se punha em pé, dizendo que Ihe dessem com uma tranca nas curvas das pernas quão grande porrada quisessem, que o não fariam acurvar; e assim o fazia. Vindo a esta ilha um capitão de uma caravela de armada, que el-Rei mandou, buscar um cofre de dinheiro que aqui tinha, das rendas desta ilha, sendo um homem muito grande de corpo e valente, perguntou por este António de Sá, em Vila Franca, onde surgiu, por não o deixar o tempo tomar a vila da Ponta Delgada; e sabendo que havia pouco tempo que era falecido António de Sá, na mesma vila da Ponta Delgada, mostrou grande sentimento e tristeza de sua morte, por haverem sido ambos companheiros na guerra, e contava muitas coisas de sua valentia, dizendo que se António de Sá mostrara mais gravidade da que mostrava e se prezara das coisas sinaladas que fazia, sempre tivera grandes cargos, porque os merecia bem pelo valor e esforço de sua pessoa, os quais também não desmerecia por sua linhagem e sangue de que procedia.

Dizem também de um Gaspar Vaz (parente de Baltasar Vaz de Sousa, morador que foi e natural da vila da Ribeira Grande), que, andando nas guerras de Itália, mereceu por seu ânimo, valor e esforço, a capitania de uma companhia, e que, em um encontro que teve com os mouros, os venceu e Ihe tomou as insígnias e bandeiras, uma das quais foi um mui formoso e grande estendarte (sic) de damasco cremezim (sic) em que estavam as armas e divisa dos imigos, e o mandou a esta ilha, a seu pai, ou a seu irmão; o qual estendarte andou muito tempo nesta ilha, até que se rompeu, por não o guardarem nem estimarem seus parentes, nem o saberem ter na conta que devera ser tido.

Também se conta de um parente deste Gaspar Vaz, chamado Rolão Vaz, natural desta ilha, que, havendo tido certas competências um seu tio, João de Sousa, homem já de dias, e ele bem mancebo, com André Gonçalves de Sampaio, chamado o Congro, mui aparentado e rico, sendo eles ambos, tio e sobrinho, idos às Furnas negociar sua fazenda, os foi o André Gonçalves esperar com dez ou doze parentes seus e criados à ribeira da Abelheira, aquém da Ponta da Garça. E, querendo eles partir das Furnas, disse o Rolão Vaz ao tio, arreceando já o que poderia ser, que fossem por outro caminho, que se chama do Sanguinheiro, que é pela serra, e não pela estrada comum, por não cair em algum encontro ou perigo, ao que Ihe respondeu o tio, dizendo: ah, rapaz, já isso parece medo! E não querendo o tio senão vir pela estrada comum, vindo ambos até junto da mesma ribeira da Abelheira, havendo vista da gente que estava emboscada, disse ao sobrinho: saiamo-nos da estrada, subamos cá por riba. Ao

***Capítulo LXII*** 276

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

que respondeu o sobrinho: agora já não é tempo, como quem dizia: não quisestes isto quando eu vo-lo dizia que era tempo em que sem prejuízo da honra se pudera fazer; agora adiante havemos de ir, para saberdes se sou covarde ou não. Indo por diante, Ihe saíram os contrairos ao encontro e mataram ao tio, e o sobrinho Rolão Vaz ficou mal ferido; mas eles ambos o fizeram tão valorosamente, que todos os contrairos foram feridos e deles muito maltratados. Então se foi André Gonçalves de Sampaio, chamado o Congro, desta ilha, e andou alguns anos absente dela, em África e outras partes, sem tornar a ela, até saber que era morto Rolão Vaz. E vindo se pôs em livramento.

Houve também nesta ilha dois homens fidalgos, mui valentes; um muito grande, chamado Rodrigo Afonso Colombreiro; outro mui pequeno, por nome Duarte Roiz Cabea, filho de Afonso Roiz Cabea. Desafiando-se ambos, na vila da Ponta Delgada, se encontraram uma noite e arrancaram, jogando mui valentemente as cutiladas grande espaço, sem os sentir ninguém, por eles não bradarem, e tendo o pequeno já ferido muito ao grande, se meteu tanto debaixo dele que o grande, com os terços da espada, Ihe fendeu a cabeça, e morreu logo. Sendo depois, pelo corregedor Hierónimo Luís, espiado Rodrigo Afonso, saindo ele da igreja a um pardieiro, o meirinho Francisco Vaqueiro, remetendo a ele, o prendeu; e, antes que acudisse mais gente, tomou Rodrigo Afonso às costas o meirinho, como saco de trigo, e com ele foi correndo para a igreja, e sacudindo-o de si, ficou solto no adro.

Um Simão Lopes de Almeida (que depois foi capitão da ilha do Fogo, no Cabo Verde, onde casou com Maria Ferreira, da casa do conde de Portalegre), sendo morador nesta ilha de São Miguel, na vila da Ribeira Grande, e sendo nela juiz ordinário, tendo notícia que uns negros, escravos de Pero Roiz da Câmara, tinham furtado uns porcos a um João Gonçalves, tecelão, ele os foi buscar, e prendeu somente dois que achou, aos quais trazendo pela porta de seu senhor, saíram D. Margarida, sua mulher, e D. Catarina Ferreira, sua cunhada, com outros criados de sua casa, para Ihos tomarem. Não os querendo ele largar, um Pero Gonçalves, palheiro, criado de Pero Roiz da Câmara, por detrás o feriu na cabeça; ele, não fazendo caso disso, não fez autos dele, senão delas somente, por serem fidalgas e mulheres, estimando muito a resistência que Ihe fizeram. E logo deu uma sentença que no Reino, para onde apelou, se cumpriu em parte, e não em todo, sem condenar a Pero Gonçalves, palheiro, criado delas, por ser homem baixo.

Depois, andando o dito Simão Lopes jogando as canas um dia, na praça da vila da Ribeira Grande, Ihe caiu o sombreiro da cabeça e aparecendo nela o sinal da ferida, disse o Pero Gonçalves que estava presente: assinado vai aquele galante do meu ferro. Sabendo isto Simão Lopes de Almeida, sentiu então mais a injúria daquelas palavras que a cutilada, quando a recebera; e determinou vingar-se, para o que se foi à serra da Maia, onde o outro andava, e com um seu próprio manchil, que o Pero Gonçalves trazia na cinta, Ihe deu tanta cutilada pelo rosto e pelo corpo que se não pôde alevantar. Simão Lopes despiu sua camisa e, fazendo-a em pedaços, Ihe apertou as maiores feridas, e, tomando-o às costas, como se fora seu grande amigo, o levou até sobre o lugar da Maia, em vista de sua casa, do ferido, perguntando-lhe se se atreveria ir dali para casa, senão que o levaria, porque queria ir à vila da Ribeira Grande buscar o mestre que o curasse. Pero Gonçalves se atreveu ir para sua casa. Simão Lopes foi com muita pressa, em cima do seu cavalo, e Ihe mandou da Ribeira Grande o mestre Pero Vaz, o melhor cirurgião que então havia nesta ilha, que o curasse à custa dele mesmo, que o mandava; e assim o fez. E, depois dele curado, o foi visitar, como amigo, dizendo-lhe: quando outra vez fizerdes outra tal, não vos gaveis (sic) de tal homem como eu, porque, sendo eu juiz, vos pudera então bem castigar por justiça; mas, não estimando o que me fizestes, por serdes homem pobre, o não quis fazer, e vossas palavras depois me incitaram mais a ira, que vossas obras.

Mandando el- Rei D. Manuel três sinos grandes a esta ilha, um para Vila Franca, outro para a Ponta Delgada e outro para a Ribeira Grande, e sabendo os oficiais da Câmara da dita vila da Ribeira Grande que eram chegados a Vila Franca, receosos que lá escolhessem o melhor, ordenaram de ir buscar o seu e na escolha serem melhorados; para o que escolheram certos homens honrados, forçosos e valentes de suas pessoas, para qualquer sucesso, entre os quais foi um Pero Teixeira e Baltasar Vaz de Sousa e o dito Simão Lopes de Almeida, que levavam seus homens estribeiros, e carro posto no porto da vila da Alagoa, e batel por mar com alguns deles, e os de cavalo por terra. Foram todos a Vila Franca. Chegados lá, tiveram muita dúvida com os da Vila, que tinham escolhido o melhor sino, já apartado dos outros, em cima do qual se assentou Simão Lopes de Almeida, com a capa e espada feita, dizendo em alta voz que

***Capítulo LXII*** 277

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

quem o tirasse de cima dele, ali havia de acabar seus dias. Apelidando os da Vila gente, ergueu-se Simão Lopes e com os mais companheiros levaram o sino ao porto e, metendo-o no batel, remaram para a Alagoa, e os mais, à espora fita, para lá direitos por terra, onde chegando, puseram o sino no carro, e no mesmo dia, o levaram à sua vila da Ribeira Grande, onde ficou para sempre, sendo o melhor sino das ilhas; ainda que já é o pior, por haver poucos anos que quebrou e não serve.

Um Gaspar Homem da Costa, morador em Vila Franca, indo-o buscar uma noite dois homens, Gaspar Dias, vianês, e Simão Fernandes, o Namorado, algaravio (sic), para o espancar, ele só os feriu a ambos e depois curou a um deles, à sua custa, e o teve em sua casa, até que o embarcou; o qual ferido, quando se queria embarcar, foi com alguns algaravios para se vingar do dito Gaspar Homem, e ele só os saiu a receber, com a capa e espada, e Ihe deu algumas galinhas e coisas para o mar, sem os outros ousarem de o acometer. E assim se foram embarcar, sem fazer nada.

Houve nesta ilha um Belchior Baldaia, filho de Gonçalo do Rego, grande cavaleiro, que jogava grandemente de bastão e de lança, de pé, fazendo muitas galantarias, muito para ver, com cada coisa destas. O qual, no tempo que o Imperador Carlos quinto veio a Espanha, ensinava lá os cavalos encobertados por mandado de Guterre Queixada (313), e das armas de pé e de cavalo, não achou quem Ihe fizesse avantagem. E, muitas vezes, saltou dois cavalos de um salto, sem Ihe pôr pé, pondo somente a mão no primeiro. De riba de um cavalo, a espora fita, lançava um bordo (que é uma vara de dez ou doze palmos com um cordão de linho no meio) tão longe como uma besta deita um virote, e às vezes mais. Dizem que pôs carta de desafio, na cidade de Évora, de todas as armas de pé e de cavalo, e que nenhum o venceu nelas. Foi tão grande jogador de pela, por riba da corda, que não achou em Espanha quem Ihe fosse igual senão o Pranchas. Jogando a pela com o Infante D. Luís, acabado o jogo, com uma pequena corrida, saltou a corda por cima sem bulir o cascavel, o que vendo o Infante Ihe mandou dar vinte mil réis. A mesma desenvoltura tinha no batalhar e dançar. O qual afirmava quando veio a esta ilha, vendo os cavaleiros e gente dela, que não vira outra, por onde andara, para mais, assim de forças, como de cavalgar a cavalo, onde ensinou a muitos algumas de suas habilidades, uma das quais era, correndo a cavalo, apanhar muitas vezes as laranjas pelo chão; e na carreira lançou uma cana, da cadeia das mulheres, na cidade da Ponta Delgada, até às casas de Gaspar Ferreira, atirando-a com tanta força que ficou nas ancas do cavalo e quase no meio da praça se acabou de pôr na sela. Muitas vezes quebrava com as mãos uma ferradura, por grossa que fosse; e tomava dois homens, cada um em sua palma da mão, pondo-lhe eles as mãos na cabeça, e assim os levava até vinte passos. Na praça da cidade, tomou um quarto cheio de água e, alevantando-o nas mãos sobre os peitos, bebeu pelo batoque. Punha mais a mão em uma parede e dois homens forçosos Ihe punham um pau ou tranca na palma, sem Iha poderem esmagar, antes ele os arredava para trás. Muitas vezes, no começo da carreira, dava uma palmada nas ancas do cavalo e botava a correr a pé, sem o cavalo o alcançar até o cabo dela. Uma vez, vendo em Évora um cavaleiro correr uma carreira em pé no cavalo, não podendo ele fazer outro tanto, correu outra carreira, com uma lança pelo conto, posta a mão no nariz; o que o outro cavaleiro não podendo fazer, Ihe disse ele que fosse uma por outra.

Era também Belchior Baldaia tão grande lutador que, armando-se uma luta em um império que se fazia no lugar dos Mosteiros, derribou quatro homens, com o braço esquerdo atado na coxa, estando em calças e em gibão e descalço. Sendo já homem todo branco, e um Lucas de Resende, grande de corpo e muito forçoso, mancebo de até vinte e cinco anos, lutando com ele, tendo Belchior Baldaia a mão esquerda no cinto, andando grande espaço sem se poderem derribar, por fim caíram ambos, mas a queda foi de Lucas de Resende. O mesmo Belchior Baldaia, na cidade da Ponta Delgada, aguardou no corro um touro de seis ou sete anos, muito bravo, o qual arremetendo a ele, Ihe furtou o corpo e deu um cutilada pela coxa, que quase Iha decepou toda, e caiu logo em terra. Na mesma praça, com uma pequena corrida, dava duas passadas pela parede das casas que foram do bacharel João Gonçalves e entrava pela janela. Também a cavalo, corria com duas lanças nas mãos e o freio na boca, e saltava quarenta e cinco pés, de três saltos. E com uma barra de vinte e cinco arráteis, tirava quarenta e sete pés.

Houve nesta ilha, no lugar dos Fenais, termo da Ponta Delgada, um homem que chamavam o Lutador, tão famoso em forças e luta que todos o temiam. Logo após este, havia outro, chamado João da Uça, lutador do Capitão Rui Gonçalves da Câmara, e este dava obediência ao dos Fenais. Vinham neste tempo a estas ilhas muitos algaravios buscar trigo, entre os quais

***Capítulo LXII*** 278

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

veio um marinheiro de muita força e manhoso, que em todo o Algarve era único lutador, o qual, perguntando se havia nesta ilha algum homem que tivesse fama de lutar, Ihe disseram que nos Fenais o acharia; onde se foi o algaravio e perguntando por ele, Ihe responderam que mais adiante estava armando uma casa com caibraria. Chegando a ele, perguntou aonde vivia o lutador, ao mesmo, que estava falquejando. Olhando o lutador para o marinheiro, conheceu logo que também era lutador e o vinha buscar, pelo que a resposta que Ihe deu, foi tomar um mui grosso caibro pela ponta, com uma só mão, e apontou para a casa onde vivia, dizendo: ali vive esse homem por quem perguntais. Quando viu o marinheiro tal força que com uma só mão tinha um pau tão grande e pesado, alevantando-o pela ponta e com ele apontava a casa, como se fora com uma vara ou cana muito leve, ficou maravilhado e Ihe contou ao que vinha, dizendo que com ele não queria desafio e se dava por vencido. Comeram então ambos, ficando grandes amigos. Era este lutador quase igual em forças a Marcos de Braga, da ilha da Madeira, e dele houve geração nesta ilha. Dizem que procedeu da primeira pessoa que nasceu na ilha de Santa Maria.

Na vila do Nordeste, houve dois irmãos, Baltasar Vaz e Pedro Anes, um dos quais, saindo a lutar, em um império que se fazia na festa do Espírito Santo, não ousou ninguém sair à luta; pelo que muitos homens honrados, que estavam presentes, acabaram com eles que lutassem ambos, o que fizeram com importunações e rogos. Andando muito espaço sem derribar um ao outro, enquanto lutavam, foi um parente dizê-lo à mãe deles, já casados, que não tinham pai. Ouvindo isto, a mãe tomou o manto e debaixo dele um pau que afeiçoou para isso; e chegando a eles que andavam apegados, largou o manto e com o pau Ihe deu muitas pancadas, dizendo-lhes: para isso vos pari eu, para serdes um contra o outro; comigo tende a luta e desafio. Desapegaram-se então um do outro e fugiram da mãe, com que ficou a luta e a briga desfeita.

João de Aveiro, da vila da Ribeira Grande, corria a um cavalo a anca revolta, e também tão ligeiramente pelo areal, ao longo do mar, que Ihe não achavam rasto, senão de meio pé para diante.

João Roiz Carreiro, filho de Bartolomeu Roiz, da Serra, corria a qualquer cavalo a anca revolta. E desafiando-o um Francisso Anes, criado de seu pai, dizendo que havia de correr mais que ele, Ihe respondeu: se eu correr mais que vós, nenhuma honra ganho e, se correr menos, perco muito; por isso correrei convosco ou com as mãos atadas atrás, ou com uma barra nelas, e tomando uma barra de vinte e dois ou vinte e três arrates (sic) nas mãos, correu com ela mais que ele. O mesmo João Roiz pondo dois homens de boa estatura, cada um de sua parte, uma lança nos peitos, sem correr de longe, senão dando duas passadas, rijo, saltava por cima da lança.

Adão Lopes, da vila da Ribeira Grande, corria tão ligeiro que não achou quem corresse tanto como ele, senão só um, chamado Galvão.

Um Brás Dias, da Ribeira Grande, foi o melhor jogador de pela que houve em todas as ilhas dos Açores, porque jogando de ambas as mãos, tanto Ihe dava jogar com uma, como com outra; e, logo após ele António Roiz e Fernão Martins, do lugar da Maia.

***Capítulo LXII*** 279

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

**CAPÍTULO LXIII**

DE COISAS DIVERSAS QUE ACONTECERAM NA ILHA DE SÃO MIGUEL E PESSOAS

QUE NELA HOUVE DE GRANDE IDADE

Já que não posso bem saber a ordem dos tempos, sem a guardar contarei várias coisas que aconteceram nesta ilha.

No tempo que el-Rei D. Afonso trazia guerra com el-Rei D. Fernando de Castela e Aragão, vieram a estas ilhas duas naus de castelhanos com determinacão de roubarem e meterem a saco (sic) as povoações delas, e como Vila Franca do Campo era então a mais populosa e rica que em todas as ilhas havia, lançaram âncora em um ilhéu que está junto da dita vila, determinando de efectuarem seu desejo. Vendo os da vila as naus e temendo o que podia ser, se fortificaram, com valos e tranqueiras, o melhor que puderam, e não havendo bombardeiro, nem outra pessoa que atirasse com uma espera que tinham, um religioso de São Francisco, que ali se achou, a assestou às naus e Ihe pôs fogo, e foi tão bem guiado o pelouro e o religioso fez tão bem o ofício de bombardeiro que derribou a uma nau o masto (sic) (314) do meio, matando-lhe muita gente.

Vendo os castelhanos tão grande destroço feito com um só pelouro, se alevantaram logo do dito ilhéu e foram para a ilha Terceira. Na dita vila não havia mais que aquela espera (315) e aquele só pelouro, nem mais pólvora, a qual espera se perdeu quando correu a terra sobre Vila Franca e está hoje em dia debaixo dela, sem a tirarem por não saberem lugar certo onde estará.

Chegando os castelhanos ao porto de Angra, desembarcaram nele e roubaram a vila que a este tempo era povoação mui pequena e não estava tão forte e guarnecida, como agora está, com muita artilharia e fortalezas que tem. Depois que os castelhanos se foram com as naus carregadas de presas que nesta ilha e outras fizeram, edificaram os moradores da vila de Angra um castelo, que agora está situado em um outeiro que cai sobre a cidade, que para o tempo em que se fez era assás forte, movidos a fazê-lo por arrecearem a tornada dos castelhanos.

Por esta causa também se edificou a vila de S. Sebastião em um grande vale, junto de uma serra mui alta, afastada de um bom porto que tem, tendo-se os moradores dela por mais seguros, vivendo afastados da costa do mar.

O castelo da cidade de Angra, com novas de cossairos e guerras que recresceram, foi depois bem fortalecido para se recolherem as mulheres nele, quando houver algum acometimento de contrairos; pois veio tempo que os moradores destas ilhas, dantes tão seguros e quietos, tenham muitas vezes sobressaltos e rebates de piratas, com que vivem como em fronteira de imigos, como fronteiros de África.

Um João Dorta, das partes de Besteiros, por ser homem de respeito, o fizeram ouvidor no concelho daquele lugar, o qual ofício servindo ele contra sua vontade, ouvindo dizer da fertilidade desta ilha, se foi à cadeia e fez pergunta a cada um dos presos da causa de sua prisão, a qual sabida soltou a todos, ainda que alguns tivessem graves crimes. Feito isto, se veio para esta ilha, onde teve na Ribeirinha, da vila da Ribeira Grande, algumas terras, e na dita vila parte da rua, que se chama de João Dorta. E desbaratou depois tudo para se tornar, como tornou, estando já esquecido o que fez. Depois de ser lá, se tornou a vir e morrer nesta ilha, onde tinha um filho honrado e cavaleiro, feito em África, chamado Álvaro Dorta.

No tempo que se foi desta ilha, havia nela alvará de el-Rei D. Manuel que toda pessoa, que desse fazenda ou mercadoria fiada, ficasse em vontade e querer do devedor pagar-lhe a dívida ou não. Sendo o alvará apregoado e vindo a notícia de todos, querendo-se embarcar o dito

***Capítulo LXIII*** 280

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

João Dorta, mandou um porteiro apregoar que toda pessoa, a que ele devesse, viesse aquele dia à tarde à praça e ali Ihe faria pagamento do que Ihe devia. E vindo ele com um gaiteiro de gaita de fole, como então se costumava, mandou pôr mesa e cadeiras na praça e assentar e tanger o gaiteiro, onde vieram os accredores (sic), um dos quais era Pantaleão Fogaça, mercador portalês e rico, e o dito João D’Orta disse a todos que estava ali com sua pessoa e dinheiro para Ihes pagar, com tal condição que cada um havia de bailar ao som da gaita. Aceitaram todos a condição, senão Pantaleão Fogaça, dizendo que pela vida o não faria, quanto mais por dinheiro. Mas, vendo a João Dorta fazer pagamento aos mais e não a ele, botou a capa fora dos ombros e pôs-se no terreiro a saltar e balhar, ainda que o sabia mal fazer, e com isto foi satisfeito e pago da dívida.

É esta ilha de São Miguel de tão bons ares e sadia, que vivem os moradores muito tempo nela, e muitos, assi homens, como mulheres, chegaram a cem anos e passaram, que por serem muitos não nomeio todos, por escusar prolixidade. Somente direi alguns, antre os quais foi uma Maria Anes, mulher de um João Moreno, bisavô do chançarel Belchior Gonçalves, que viveu cento e oito anos e tinha muitos filhos, netos, bisnetos e tresnetos (sic). Quando faleceu, se acharam à sua cabeceira trinta pessoas que procederam dela, a cada um dos quais deitou sua bênção, estando em todo seu siso, aconselhando-os a todos que fossem bons e acabando de deitar a benção ao derradeiro tresneto (sic), alevantou as mãos ao Céu e deu alma a Deus. Era velha muito virtuosa e devota, de muitas esmolas; nunca foi doente, mas de velhice morreu.

Também houve na vila da Ribeira Grande uma mulher que veio viúva do Algarve, chamada Inês Gonçalves, a qual trazia uma filha, por nome Catarina Gonçalves, que casou aqui com um Fernão d’Álvares, o Pequeno, medidor de terras, com o qual esteve sempre a velha Inês Gonçalves até falecer seu genro, e depois se passou a casa de Salvador Fernandes, seu neto. Quando morreu, era de cento e cinco anos; depois que entrou nos cento, tudo fazia como menina, chamando à filha mãe, e, não tendo dentes, não podia comer senão papas, dizendo: mãe, papa, papa, e engatinhava pela casa como uma criança, nem fazia mais soma que ela. Vê-la era ver uma coisa sem figura; tinha os olhos e boca metidos na caveira, que parecia a mesma morte. E Catarina Gonçalves, filha desta velha, também era perto de cem anos quando faleceu, estando ambas as velhas, mãe e filha, em casa do neto de uma e filho da outra, que era coisa de espanto vê-las ambas.

Na mesma vila, houve uma mulher, filha de um João Franco, chamada Bartoleza Franca, que viveu cento e dez anos na Ribeira Seca, a qual casou com João Gomes, de que ficou viúva com uma filha, por nome Constança Franca, que casou com Mem Lobo, da qual houve uma filha, chamada Hierónima de Matos, que casou com Jorge Nunes, das ilhas de baixo; do qual Ihe ficou outra filha, a que não sei o nome, que houve, sendo moça, um filho e uma filha de um homem estranho. E todas cinco viúvas, mãe, filha, neta, bisneta e tresneta, andavam em demandas com pessoas poderosas sobre terras que João Franco, pai de Bartoleza Franca tinha vendidas baratas, andando quatro por seu pé e a tresneta de Bartoleza Franca no colo e pela mão, pedindo pelas portas para sustentarem as demandas. E Bartoleza Franca era muito rija e brava, de grandes spritos (sic), sem trazer bordão, sendo de cento e dez anos, com seu juízo inteiro, vista e dentes. A filha, Constança Franca, andava detrás de sua mãe, com bordão, parecendo mais velha. E porque saíram algumas sentenças contra elas, se foram todas cinco com apelação para Lisboa, onde acabaram seus dias. Andavam todas em corpo, e a mãe e a filha, que eram mais velhas, traziam sempre os braços encruzados um sobre o outro; vê-las todas juntas, da maneira que andavam, era coisa poucas vezes vista, como esta, ou nenhuma.

Uma Catarina Pires, mulher de Pero Dias Solteiro, morador na Ribeira Seca, termo da vila da Ribeira Grande, faleceu de cento e nove anos, de velhice, assentada em uma baixa cadeira de pau, sem dentes, com os olhos muito sumidos e encovados, parecendo um bugio ou monstro; chorava como menina, chamava à nora mãe e não comia senão papas.

Houve também na vila da Ribeira Grande um António Martins, chamado Malaca, por ter ido a esta cidade, que faleceu de mais de cem anos e era tão disforme e desfigurado, que por nova invenção o puseram à janela, passando a procissão, um dia de Corpus Christi.

Uma Catarina Lopes, mulher de Diogo Afonso, das Grotas Fundas, faleceu de cento e cinco anos, com todo seu siso.

Rui Tavares viveu na vila da Ribeira Grande, casado, com sua mulher, Leonor Afonso, sessenta e seis anos e faleceu muito velho. Outros tantos viveu casado João Tavares, seu

***Capítulo LXIII*** 281

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

filho, com sua mulher Luzia Gonçalves, e faleceram, sendo ele de oitenta e oito anos e ela de noventa e dois, em uma mesma semana. Um preto, Adão Matoso, faleceu de cem anos. E um velho pombeiro, sendo de cem anos, ia da Grota de João Bom a Vila Franca em um dia, que pode ser caminho de oito léguas.

João Álvares, da vila da Lagoa, faleceu de noventa anos; sua mulher, Inês Anes, de cento e dez; e sua sogra, Beatriz Fernandes, de cento e vinte e dois.

Um Pedro Afonso, da Barba, porque a tinha muito comprida, faleceu de cento e vinte anos; e um chamado Lopo, de cem anos, segava ainda no verão; e um Fernão Roiz Culão, serrador, passava de cem anos e serrou o dia que faleceu, sendo tão velho; e um Gonçalo Afonso, Corpo-chão, porque ninguém o viu dormir em cama, serrador e morador em Porto Formoso, viveu perto de cem anos, o qual, serrando, fazia a cama nos farelos e ali dormia e pousava, porque não tinha outra casa. E uma Branca Roiz faleceu de mais de cem anos, na vila da Ribeira Grande.

Uma Maria Gonçalves, mulher que foi de Diogo Pires, o Feste, chamado assim porque quando veio de Portugal e queria matar porco em sua casa, chamava ao debulho feste, dizendo que havia de fazer um feste, teve do dito seu marido quatro filhas e um filho, das quais veio a tanta multiplicação que, quando faleceu, tinha de netos, bisnetos e trisnetos noventa e sete, todos vivos ao tempo de seu falecimento, e além destes eram já falecidos cinco ou seis; e depois dela falecida, a dois dias, Ihe nasceu um trisneto. E faziam por todos, mortos e vivos, cento e dois; e era, quando faleceu, de noventa anos.

Maria Gonçalves, mulher de Fernão Gonçalves, o amo do Capitão Rui Gonçalves, pai de Manuel da Câmara, sogro de Sebastião Velho Cabral, que morava na cidade da Ponta Delgada, sendo ainda vila, tendo um filho seu, que se chamava Luís Galvão, em uma dúvida que teve, morto a um seu cunhado, o qual Luís Galvão morava um quarto de légua da cidade da Ponta Delgada, em uma quinta que ele tinha, pegada com as casas de Mendo de Vasconcelos, sentindo sua mãe Maria Gonçalves que a justiça o queria ir prender e movendo-se grande parte da vila em sua ajuda, não se fiando de ninguém para mandar aviso a seu filho, nem querendo que alguém se culpasse por ele, selou ela mesmo um cavalo, tomando uma lança e adarga; cavalgando nele, se foi detrás da justiça e com muita pressa, como viu geito para isso, pôs as pernas ao cavalo e chegando a casa do dito filho, deu uma contoada na porta, dizendo: alevantai-vos, filho, que vos vêm prender. O qual se alevantou logo em camisa, e como estava na cama, e cavalgando no cavalo em que a mãe ia, se pôs em salvo, dando-lhe a mãe a lança e adarga nas mãos. E, espantando-se o corregedor de quem Ihe poderia dar aviso, Ihe disse ela que não suspeitasse em ninguém, pois ela Iho dera, porque, quando passou pela justiça, não entenderem que era mulher, cuidando que era algum cavaleiro; a qual faleceu de cem anos, parecendo que não falecia de velhice.

Uma nobre e virtuosa mulher, chamada Constança Barrosa, casada com um Manuel Velho Cabral, parente dos Capitães da ilha de Santa Maria, morador na vila da Alagoa, desta ilha de S. Miguel, e meirinho do eclesiástico nela, prendendo por um grave feito crime, ou dois, Fernão Gomes, vereador na mesma vila aquele ano, em nome do juiz, por ser o juiz absente, em uma noite, a um Marçal Barroso, filho único da dita Constança Barrosa, não estando seu pai Manuel Velho na vila, pediu ela o filho ao vereador por algum tempo, que ela o mandaria à cadeia, e dando-lhe ele, ela o entregou a um homem que o levasse; e levando-o, por conselho que Ihe deram de fora, fugiu ao homem que o levava, cuidando que para isso o pediria sua mãe à justica, e se acolheu à igreja de Santa Cruz, parróquia (sic) da mesma vila. Sabendo isto sua mãe, Constança Barrosa, ainda que era longe de sua casa, cobrindo logo seu manto, se foi com dois vizinhos honrados à igreja onde o filho estava e, tomando-o pelo braço, o levou, com o homem a que ele fugiu, à cadeia, dizendo que o prendessem e amarrassem muito bem e que se ele fizera o mal, que ele o pagasse e não outrem por ele. Vindo o marido, vendo o que a mulher fez, disse que por aquilo que fizera Ihe perdoara qualquer feito que ela Ihe pudera fazer. O mesmo Manuel Velho Cabral, indo da vila da Alagoa, a cavalo, para a cidade da Ponta Delgada, achou sete ou oito homens que levavam preso um Pedro Álvares, que fora carcereiro na mesma cidade, e Ihe haviam fugido perto de cinquenta presos, muitos deles por casos de mortes de homens e feitos graves. Ele pediu o dito preso aos que o levavam; dando- lho, o pôs nas ancas do cavalo e passando por uma freguesia de S. Roque, onde estavam dizendo missa, a foram ambos ouvir. Acabada a missa, tornando a cavalgar, disse Pedro Álvares ao

***Capítulo LXIII*** 282

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

dito Manuel Velho: pôsto o cepo de uma banda do pescoço e o cutelo da outra, corte por onde quiser e cumpra-se a palavra; e deixou-se levar à cadeia da Ponta Delgada, onde esteve preso por vinte e três meses, ao cabo dos quais se acabou de livrar. Não sei se foi maior o benefício e liberalidade de Manuel Velho, arriscando-se pelo preso, se o agradecimento do preso, cumprindo sua palavra.

Assim, em Lisboa, andando um tangendo a campainha pela cidade, se chegou um homem a ele e Ihe perguntou quem era o que havia de padecer aquele dia; o que tangia a campainha Ihe disse que um Fuão, que era o mesmo que perguntava, sem o outro o conhecer, porque andava solto com licença do carcereiro. Ouvindo isto, se foi logo meter na cadeia ou no Limoeiro. Parece que por esta fidelidade que guardou ao carcereiro o livrou Nosso Senhor, que lá teve modo com que, ainda que o levaram a enforcar, não morreu, porque não faltou quem Ihe desse remédio de Ihe pôrem o laço da corda por debaixo dos braços, com que ainda que parecia ficar enforcado, o não era pelo pescoço, senão pelos braços, e dali escapou com vida, por ser amigo de guardar sua palavra e verdade. Tanta força tem a verdade e a fidelidade, que pode livrar aos amigos dela de muitos e graves perigos, até da morte, como livrou a este.

Eram os homens tão ricos nesta terra, que não estimavam dar grossas esmolas do que Deus Ihe dava. Na era de mil e quinhentos e quarenta, sendo elegido na Casa da Misericórdia da vila da Ponta Delgada um Gaspar Homem da Costa para tirar esmola de gado vacaril para a mesma Casa, tirou por rol cento e quinze reses em toda esta ilha. E dali a um ano as tornava (sic) arrecadar, ajuntar e ferrar; e achando mortas doze, trouxe para a casa cento e três, sc., cento e duas fêmeas e um macho. Buscando-lhe pastor vaqueiro que as guardasse, vieram aquele primeiro ano sessenta vacas paridas; depois, tendo os irmãos da Casa por melhor conselho ser mais proveito vendê-las e comprar renda para o Sprital, compraram com o dinheiro delas seis ou sete moios de renda.

Na era de mil e quinhentos e quarenta, ou no mês de Março de quarenta e um, vindo o corregedor Francisco Toscano da ilha de Santa Maria com toda sua alçada para esta ilha de S. Miguel, em uma barca de um João Bravo, veio ter às Prainhas, que estão no Morro desta ilha, da vila do Nordeste, por não poderem tomar porto em outra parte. E ali saiu em terra o dito corregedor, com toda a mais gente. E não ficando na barca mais que João Bravo, deu-lhe tanto vento oeste e es-noroeste, que se desamarrou, esgarrando tanto, que foi ter em onze dias a Safim, não levando dentro mais que o dito João Bravo, o qual comia abóboras e bebia água rosada, que traziam os que na dita barca vinham. E afirmava que, quando dormia, Ihe navegavam e governavam a barca; a qual mandou o capitão de Safim, com aviso, ao feitor de el- Rei, que estava em Andaluzia. E depois foram desta ilha a Safim buscar o fato e dinheiro do corregedor e dos mais letrados e escrivães da sua correição.

Vindo do Reino António Juzarte de Melo, com sua mulher, D. Guiomar de Sá, em uma nau, com tormenta caiu um homem ao mar, o qual não puderam tomar, e vindo ter dali a certos dias a esta ilha, acharam já o dito homem vivo e descansado, porque, passando outro navio pela mesma esteira, o tomou e trouxe primeiro a terra.

Uma terça-feira, dezassete dias de Fevereiro do ano de mil e quinhentos e sessenta e oito, estando sobre amarra, no porto dos Carneiros, da vila da Alagoa desta ilha, uma caravela de um Brás Gonçalves, morador na Vila Franca do Campo, carregando de trigo para a ilha da Madeira, Ihe deu um furacão de vento nor-nordeste tão grande, sendo três ou quatro horas de noite e tendo já dentro trinta moios de trigo, quatro homens e três moços, que quebrou as amarras e atravessou, ao qual tempo os homens e moços andavam debaixo da coberta arrumando caixas e fato para Ihe o trigo não correr; e, como atravessou, sossobrou logo e o mar lançou debaixo fora, pelas escotilhas, os quatro homens e três moços, os que se acolheram sobre o costado da dita caravela, que o muito e tempestuoso vento que fazia ia levando para o pego; e, vindo um mar grande, levou de cima do costado um dos homens, sem os outros o verem mais, os quais ficaram assim até pela manhã, que Ihes deu outro mar tamanho que os levou ao mar, onde se afogaram dois homens e os três moços, e o navio se virou sem os mastros, somente o grande ficou fora e atravessado sobre o convés, ficando só um homem vivo, que se acolheu a nado ao chapitéu do navio e nele se amarrou com uma das cordas da enxárcia da mezena e andou assim no dito navio oito dias, até dia de S. Matias, sem comer, nem beber, nem dormir, vindo nele alagado ter sobre o lugar da Relva, termo da cidade da Ponta Delgada, mais de duas léguas do porto onde sossobrou, e dali o foram dizer à cidade, dizendo alguns que era baleia e outros, por causa do mastro que aparecia, afirmando ser navio. Foram lá apenados três batéis e dali o desamarraram e levaram consigo em um dos

***Capítulo LXIII*** 283

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

batéis; os quais apartados pouco espaço do navio, deu logo à costa, onde com grande estrondo se quebrou. O qual homem se chamava Gaspar Afonso, natural de Vila Franca do Campo desta ilha, e saiu tão esforçado em terra que a pé foi em romaria à ermida da Madre de Deus, onde deixou um pedaço de corda, com que vinha atado no dito navio.

Na era de mil e quinhentos e setenta e sete anos, em um domingo à tarde, um Jorge Luís e sua mulher Águeda Nunes, moradores na vila da Ribeira Grande, ambos faleceram em um mesmo dia e hora, de uma mesma doença de câmaras, e no mesmo dia que faleceram, foram ungidos e a ambos fizeram o ofício da agonia. E foram juntamente levados a enterrar no adro da igreja de Nossa Senhora da Estrela, onde eram fregueses, ele na tumba, diante, escudeirando morto a mulher morta, que ia detrás em um leito; e foram enterrados em duas covas, um junto do outro.

Uma mulher, criada de Constança Fernandes, parteira da cidade da Ponta Delgada, pariu de um ventre três filhos machos, que se baptizaram todos e viveram alguns meses.

Outra mulher honrada, de um móvito, moveu sete crianças, que todas se enxergavam de machos e fêmeas.

Outra mulher nobre moveu sete postas de carne, divididas, que eram ou houveram de ser sete crianças. Outras pariram, cada uma, três crianças vivas, que foram baptizadas.

***Capítulo LXIII*** 284

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

**CAPÍTULO LXIV**

DE ALGUNS PEIXES QUE NESTA ILHA SAÍRAM À COSTA, E DE MONSTROS QUE

NASCERAM NA TERRA

Saem à costa desta ilha, algumas vezes, baleias, mais da banda do norte que do sul, principalmente na costa do lugar de Rabo de Peixe, onde se acham muitas favas do mar, que dizem ser-lhe agradável ou natural manjar. E, posto que muitas saíssem somente se aproveita o azeite delas, sem nunca se achar ambre (sic).

Na era de mil e quinhentos e trinta e seis ou sete anos entre Porto Formoso e a Maia, na ponta de São Brás, no pesqueiro do Demo, chamado assim por ser ruim e trabalhoso, em uma angrada de calhau saiu um peixe que não era baleia, sem osso nem espinha, de quarenta e dois côvados em comprido e oito de largo, de quinze palmos de alto, e da ponta da boca até a da guelra tinha vinte e cinco palmos; o que vendo alguns homens disseram que, se abrira a boca, bem pudera caber e entrar por ela uma junta de bois com seu carro. Achando-se ali com a maré vazia, em tempo de grande tormenta, o ataram com cordas pelo rabo e cabeça, porque o mar o não levasse quando enchesse. Tinha da cabeça até ao rabo cintas pela banda de cima, por onde subiram os homens a ele, como sobem pelas cintas a um navio. No primeiro dia, andaram cem homens cortando nele com machados; no segundo, cento e cinquenta, e todos cortavam juntamente, uns de uma banda, outros da outra, e outros em cima, sem um estorvar a outro. O primeiro que meteu o machado nele foi um Afonso Pires, morador na Maia, o qual o arrombou pelo arcabouço, e deitou pela ilharga tanto azeite claro, que bem pudera encher duas ou três pipas, que logo se coalhou, entrando na água, donde depois o tiravam com cestos e joeiras, pelas quais escoando-se a água, ficava o azeite branco e coalhado como manteiga.

Cortando todos e derretendo em fogueiras que ali fizeram tiraram muito azeite, o qual, além de aproveitar para a candeia, aproveitou depois de mezinha para sarna e matadura de bestas e cangueira de bois, e para frialdade, untando-se com ele. Como disse, não tinha osso, senão um junto com o pescoço e outro perto da rabadilha, os quais não eram propriamente ossos, senão como cabos que todos se derretiam em azeite; e todo o mais dele era polpa sem osso e sem espinha. Os nervos eram de tal qualidade e tão rijos, que depois tiravam e arrastavam madeira na serra com eles, como com tamoeiros de arrastar, sem nunca quebrarem, e traziam bois e bestas presos nas relvas, como com ataferas do Algarve, e eram ainda mais seguros e fortes que elas. Enchendo depois a maré e embravecendo mais o mar, tanto o alevantou por vezes que quebraram as cordas e, partindo-se pelo meio, deitou no mar grande cópia de azeite. E ametade dele foi ter defronte da ribeira que se chama Gorreana, onde dele se aproveitaram uns mouriscos e outras pessoas. Não conhecia ninguém que peixe era; alguns dizem ser trebolha, afirmando-se todos não ser baleia. Um homem de fora, que ali se achou e já fora a Guiné, disse que era peixe espadarte, de que em Guiné havia muitos.

A dez de Junho de mil e quinhentos e oitenta anos se viu no mar, da banda do sul desta ilha de São Miguel, da Povoação Velha até a cidade uma mui travada batalha de três grandes peixes, por espaço de quatro ou cinco dias, no fim dos quais, andando dois barcos da Vila Franca pescando à vista um de outro, um Domingos Afonso, chamado Canejo, foi encontrar com um peixe morto de estranha grandura; e, capeando ao outro barco, que veio ter com ele, o fez ir a terra buscar barcos e aparelhos, ficando ele olhando pelo peixe e por marca dele, até que Ihe foram batéis da terra, o qual levaram atoado até o porto de Afonso Vaz, onde o desfizeram cuidando ser baleia, de que se fizera muito proveito, se o fora, de ambre ou bálsamo, ou ao menos azeite, que se pudera fazer muito; mas, como era outro peixe seco, não se fez dele nenhum proveito, senão pouco mais de um quarto, por se gastar mais na lenha para o queimar, e fazer mais custo do que rendia e valia o azeite, que era melhor que o da

***Capítulo LXIV*** 285

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

baleia, e mais claro alumiava, sem cheiro mau nenhum, quando ardia, e também por ser a carne dele mui dura de cortar. Seria de noventa palmos de comprido, dezoito de largo, e outros dezoito de alto, de cor preta, cuja cabeça era de quinze palmos, tão grande como um batel de pescar, e o rabo de outro tanto; e tinha de comprido duas cintas, como de navio, e em lugar de guelras, ao redor de toda a cabeça, umas barbatanas como tábuas de forro, com uns cabelos, como sedas, nas pontas. Disseram alguns que nas Índias de Castela (onde há muitos desta sorte) se chama peixe mulo; o qual parece que mataram os dois peixes espadas que com ele se viram andar pelejando, porque são grandes guerreiros e furiosos na peleja, de cujos golpes dizem que vinha aberto pela barriga. Foi muita gente a vê-lo, como coisa espantosa que era. Também antigamente saiu à costa um peixe de feição de baleia, tão grande como meio baleato, que chamam boto.

Aos vinte e sete dias do mês de Março do ano de mil e quinhentos e cinquenta e nove, no termo da cidade da Ponta Delgada, a Pedralvres Benavides nasceu um bezerro macho, com um corpo e duas cabeças pegadas uma na outra, e cada uma tinha dois olhos e sua boca, com seu focinho perfeito; não tinha mais que duas orelhas, uma em cada cabeça, e em cada uma seu gorgomilho. Morrendo, logo foi aberto e dentro Ihe acharam dois buchos.

O primeiro dia do mês de Dezembro de mil e quinhentos e oitenta anos, uma porca ruiva, de ano e meio, do bacharel Gonçalo Aires Ferreira, mestre de gramática na vila da Ribeira Grande, pariu da segunda parição sete leitões, entre os quais nasceu um ruivo, como a mesma mãe, e trazia nas orelhas o sinal de que a mãe era assinada, sc., uma orelha forcada e outra levada da reigada até à ponta pela banda de diante, sem diferença nenhuma da mãe, que havia já um ano que era assinada.

No mês de Março do ano de mil e quinhentos e oitenta e um, entre o Nordeste e o Faial, na criação do licenciado Bartolomeu de Frias, nasceu já morto, de uma sua vaca, um bezerro com duas cabeças perfeitas cada uma.

Sobre o pico de el-Rei, na serra de Vila Franca do Campo, no mesmo ano, em quinta e sexta-feira de Endoenças, de duas vacas de António Pacheco nasceram dois bezerros cegos e logo morreram.

Uma galinha de uma Maria Manuel, vizinha de Vila Franca, Ihe pôs um ovo, dentro do qual achou outro tão grande, como de codorniz, com casca, clara e gema.

Na freguesia de Nossa Senhora do Rosairo, do lugar da Achadinha, em casa de Francisco Lopes, nasceu um leitão com dois corpos e uma cabeça.

A seis de Agosto de mil e quinhentos e oitenta e um, em casa de um Pero Nunes, morador em Vila Franca do Campo, nasceu um pintão com oito pernas com seus dedos, como outra qualquer ave; duas delas, onde as têm as outras aves, e as outras, mais atrás; andava com as duas e as mais levava a rasto.

Uma terça-feira, véspera de S. Mateus, vinte de Setembro de mil e quinhentos e oitenta e três anos, na vila da Ribeira Grande, entre outros, tirou uma galinha de André Lopes e de Margarida da Ponte, sua mulher, moradores na mesma vila, um pintão que em saindo da casca, batendo primeiro as asas, cantou três vezes dentro em casa onde estava, tão alto que o podiam ouvir fora, na rua.

Por monstro, Londrino (sic), (316contarei ), de um homem, vizinho da vila de Água do Pau, chamado Francisco ainda ao presente vivo, que amamenta a criança, enquanto sua mulher parida não tem leite depois de parir; o qual, indo ter ao lugar da Relva e achando uns homens trabalhadores comendo pão e alhos somente, Ihe disse se queriam comer um pouco de leite que Iho daria, e, respondendo-lhe eles que fosse ele comer do leite de quem o parira, tomou ele os seus úberes, que tem como mulher, e os borrifou com o leite deles e, deitando dele em um pedaço de pão, o comeu. Suspeitando eles por isto e dizendo se seria mulher, disse ele que sua barba e quatro fllhos que tinha diziam que era homem macho.

Um João Fernandes, morador na sua vinha, junto com o licenciado Bartolomeu de Frias, vivendo nas casas em que ora João Lourenço, barbeiro, na cidade vive, sendo térreas, matou um porco muito gordo e grande, o qual tinha atravessados os bofes com um ferro de lança e neles tão unido e pegado, que parecia parte da fressura, sem nunca saber quando foi ferido.

***Capítulo LXIV*** 286

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

**CAPÍTULO LXV**

DE ALGUNS OFICIAIS DA JUSTIÇA ECLESIÁSTICA E SECULAR, E DE OUTROS

CARGOS QUE HOUVE NA ILHA DE SÃO MIGUEL

Deixando aparte os corregedores que vieram a esta ilha com alçada, de que tratarei quando disser algumas coisas da ilha Terceira, cabeça do Bispado de Angra, onde eles principalmente residem, direi agora de alguns oficiais da justiça eclesiástica e secular e de outros cargos que houve nesta ilha de S. Miguel, segundo pude saber, ainda que não todos.

Antes do dilúvio de Vila Franca do Campo, na era de mil e quinhentos e seis, foi ouvidor do eclesiástico (317) em toda esta ilha de S. Miguel um Frei Bartolomeu; o segundo, Frei João, vigairo de Água do Pau, na era de quinze; depois foi ouvidor o vigairo de Vila Franca, Frei Simão Godinho, que no dito dilúvio faleceu na mesma vila. E não pude saber de outros alguns que dantes deles fossem. O quarto, Frei Marcos, vigairo e ouvidor na dita vila; o quinto, o abade de Moreira, irmão de Fernão de Anes, do lugar de Rabo de Peixe, pai do licenciado Bartolomeu de Frias; o sexto, Pero Garcia, vigairo dos Fenais, termo da cidade da Ponta Delgada; o sétimo, Frei Manuel Pereira, vigairo da vila da Ribeira Grande, o qual teve muitos anos este cargo e outros de visitador e ouvidor dos agravos; o oitavo, João de Contreiras, vigairo da igreja de S. Pedro da cidade da Ponta Delgada; o nono, o cónego Francisco Álvares; o décimo, o bacharel Ascêncio Gonçalves, vigairo que foi de Santa Clara da cidade da Ponta Delgada, e agora, de S. Pedro da Ribeira Seca, termo da vila da Ribeira Grande; o undécimo, o licenciado Luís de Figueiredo de Lemos, sendo vigairo de S. Pedro da cidade, e depois foi daião da Sé de Angra, vigairo geral e governador deste Bispado, e agora é Bispo do Funchal; o duodécimo, o licenciado Berardo Leite de Sequeira; o décimo tércio, o licenciado Timóteo Roiz Teixeira; o décimo quarto, o bacharel Ascêncio Gonçalves, acima dito.

O primeiro ouvidor do secular, por el-Rei e pelo Capitão desta ilha, foi Gonçalo Vaz, o Grande; o segundo, Gonçalo Álvares; o terceiro, Antão Pacheco, que faleceu no dilúvio de Vila Franca, e era pai de Pedro Pacheco; o quarto, Fernão do Quental; o quinto, o licenciado Diogo de Vasconcelos, natural desta ilha (doze anos) (318); o sexto, o licenciado João de Teve; o sétimo, Jorge Nunes Botelho; o octavo, João Pardo; e daqui por diante vieram letrados de fora: o nono, o licenciado André Fernandes; o décimo, o licenciado Manuel Nunes Ribeiro, o undécimo, o licenciado Jorge Correia Fafes; o duodécimo, o licenciado Luís da Rocha Portocarreiro; Gonçalo o décimo Nunes Dares (tércio, 319); o licenciado Francisco Pires Picão; o décimo quarto, o licenciado o décimo quinto, o licenciado Diogo Salgado; o décimo sexto, em sua vagante, o licenciado Luís Leite; o décimo sétimo, o doutor Cristóvão de Almeida; o décimo octavo, o licenciado António Barreto Teixeira; o décimo nono, o licenciado Bartolomeu de Frias, natural desta ilha. O primeiro meirinho dos ouvidores foi Sebastião Cardoso; o segundo, João Lopes; o terceiro, Manuel de Medeiros; o quarto, Manuel Pavão; o quinto, Vasco Caldeira, cavaleiro, fidalgo, do hábito de Santiago, que agora tem o cargo.

O primeiro juiz de fora, que veio a esta ilha, foi o licenciado Lourenço Correia; o segundo, o licenciado Rodrigo Afonso Azinheiro; o terceiro, o licenciado João Usademar, que esteve nesta ilha perto de sete anos; o quarto, o licenciado Gaspar Leitão, que esteve nesta terra mais de cinco anos; o quinto, o licenciado Cristóvão Soares de Albergaria, que depois foi corregedor e agora tem o mesmo cargo na ilha Terceira e mais ilhas dos Açores; o sexto, o doctor Gil Eanes da Silveira; o sétimo, o licenciado Cristóvão da Costa Feio.

O primeiro juiz do mar e juntamente contador foi Diogo Nunes Botelho; o segundo, o licenciado Lourenço Correia, que também era juiz de fora; o terceiro, o licenciado Gonçalo Nunes Dares; o quarto, Francisco de Arruda da Costa; o quinto, Manuel Cordeiro de Sampaio, que agora tem o cargo.

***Capítulo LXV*** 287

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

Não falando nos corregedores que foram contadores, como foi o doctor Francisco Toscano, o primeiro contador que eu sei ser muitos anos nesta ilha e em todas as dos Açores foi Martim Vaz Bulhão; o segundo, António Borges de Gamboa; o terceiro, Diogo Nunes Botelho; o quarto, o licenciado Lourenço Correia, que serviu de juiz de fora e contador; o quinto, o licenciado Gonçalo Nunes de Arez, que serviu de juiz do mar e contador; o sexto, Francisco de Mares (sic) (320), que foi juiz do mar e contador; o sétimo, Manuel Botelho Cabral, filho de Jorge Nunes Botelho, que agora está servindo a el-Rei na Índia; o octavo, Francisco Mendes Pereira; o nono, Paulo da Ponte, da ilustre progénie dos Pontes de Vila Franca do Campo, de grande entendimento, rara discrição e prudência.

O primeiro juiz dos resíduos que houve nesta ilha, de que me acordo, foi o licenciado Diogo de Vasconcelos; o segundo, o bacharel Diogo Pereira; o terceiro, Gomes Freire, criado de el-Rei, que Ihe fez mercê do ofício de chançarel-mor em todas estas ilhas, andando na correição com o corregedor António de Macedo, que então servia, com os que pelo tempo adiante fossem; ao qual Gomes Freire fez também el-Rei mercê do ofício de juiz dos resíduos e provedor dos órfãos, espritais e albergarias, segundo dantes o tinha e possuía o bacharel Diogo Pereira; o quarto, Estêvão de Oliveira; o quinto, André Gonçalves de Sampaio, chamado o Congro; o sexto, Nuno Gonçalves Botelho; o sétimo, o licenciado Francisco de Maris, e, dantes e depois, os corregedores da comarca e o licenciado Gaspar Leitão, juiz que foi de fora na cidade e o licenciado Cristóvão Soares de Albergaria, e o doutor Gil Eanes da Silveira, e o licenciado Cristóvão da Costa Feio, juiz de fora na cidade da Ponta Delgada. Escrivães: João Lourenço Tição, Gaspar Gonçalves, Gonçalo Mourato, António Jorge, Manuel Serrão, Miguel Serrão e Manuel Nunes.

O primeiro juiz dos órfãos de Vila Franca do Campo, e em toda esta ilha de S. Miguel, foi Lopo Anes de Araújo, desde a era de mil e quinhentos e vinte até à de mil e quinhentos e trinta e três, pouco mais ou menos. E então foi o segundo juiz, por mercê de el-Rei, Salvador Afonso Pimentel. Depois sucedeu seu filho, Manuel Afonso Caramazel, terceiro juiz. O quarto foi o licenciado António Monteiro.

O primeiro juiz dos órfãos na cidade da Ponta Delgada, sendo ainda vila, foi Gonçalo do Rego, cidadão da cidade do Porto, pai de Gaspar do Rego; o segundo Lourençayres Rodovalho, cidadão da cidade da Ponta Delgada; o terceiro, seu filho Gaspar Correia Rodovalho; o quarto, Pero Camelo, fidalgo, que agora tem o cargo.

O primeiro que me lembra ter o cargo de juiz dos órfãos na vila da Ribeira Grande foi Simão Lopes de Almeida, na era de mil e quinhentos e vinte e nove, sendo corregedor o licenciado Domingos Garcia, por cujo mandado se fez; o segundo, Bartolomeu Lopes de Almeida, seu irmão; o terceiro, Lopo Dias Homem; o quarto, Duarte Privado.

O primeiro memposteiro dos cativos, que houve nesta ilha foi um Luís Vaz Maldonado, pai da Tarfoza (sic), a Velha, que viveu na vila da Ponta Delgada, e teve o cargo o ano de quinze e o de dezasseis; o segundo, Gonçalo Vaz, pai de André Gonçalves de Sampaio, chamado o Congro, o qual serviu até o dia da subversão de Vila Franca do Campo; o terceiro, Pero Camelo Pereira; o quarto, seu irmão, Gaspar Camelo, que serviu na era de mil e quinhentos e trinta e dois e trinta e três, até que faleceu; o quinto, Belchior Vieira, da ilha de Santa Maria, que aqui proveu o corregedor e doctor Francisco Toscano; o sexto, André Gonçalves de Sampaio, chamado o Congro; o sétimo, João Roiz Camelo; o octavo, Mateus Vaz Pacheco, de Porto Formoso; o nono, Álvaro Martins; o décimo, António Lopes de Faria; o undécimo, Cristóvão Cordeiro; o duodécimo, o licenciado António de Frias, que agora tem o cargo. Os escrivães deste tempo foram; João Lourenço Tição, João de Aveiro e Manuel Martins, seu filho. A bula dos cativos foi concedida pelo Santo Padre no ano de mil e quinhentos e quinze.

O primeiro lealdador dos pastéis foi Govarte Luís, que faleceu no dilúvio de Vila Franca, onde morava; o segundo, Pero Vaz, o Ruivo, natural da vila da Ponta Delgada, e começou de servir na era de mil e quinhentos e vinte e dois, vivendo na vila da Ribeira Grande; o terceiro, Francisco Dozouro (321) que foi sargento-mor nesta ilha, o qual o renunciou em Baltasar Rebelo, que por sua renunciação foi o quarto lealdador; o quinto, Hércules Barbosa da Silva, filho de Francisco Barbosa da Silva.

Coudel-mor da cidade da Ponta Delgada é Jorge Camelo da Costa; de Vila Franca do Campo foi primeiro Jorge Furtado, e agora é Leonardo de Sousa, seu filho. E da vila da Ribeira Grande é Rui Gago da Câmara.

***Capítulo LXV*** 288

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

Nesta ilha, sempre houve almoxarifes, que recebiam e feitorizavam a fazenda de el-Rei. O primeiro dizem que foi Gonçalo de Teive, e logo um João Roiz, chamado recebedor, em lugar de feitor. Depois, foram muitos que tiveram este cargo do almoxarifado que, por não saber todos, não nomeio algum. Dos feitores direi os que me lembram: o primeiro foi João de Belas; o segundo, Pero Trigueiro; o terceiro, Francisco de Mares (sic) (322); o quarto, Simão Vieira; o quinto, Simão de Abreu; o sexto, Diogo Lopes de Espinhosa; o sétimo, Jorge Dias; o octavo, Manuel Mousinho de Vasconcelos, dos Mousinhos, fidalgos que no Reino tiveram grandes cargos, um dos quais, chamado Francisco Mousinho, andando por capitão do Rio do Aljôfre na Índia por ter feito muitos danos aos imigos, sendo deles espreitado, por traição o tomaram, e posto dentro em uma bombarda tiraram com ele a seu próprio arraial; o nono, António Ribeiro, do hábito de Aviz.

Luís Mendes Vitória foi alguns anos, nesta ilha, feitor de el-Rei de Castela, e arrecadava os dízimos da fazenda que se vendia aqui, vinda das Antilhas. E o mesmo cargo teve na ilha de Santa Maria, sem haver outro, antes dele nem depois, com este cargo, nestas duas ilhas, até o tempo presente, em que se foi desta terra e se ajuntaram os Reinos em uma só coroa.

***Capítulo LXV*** 289

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

**CAPÍTULO LXVI**

DA PROGÉNIE, VIDA E COSTUMES DO ILUSTRE RUI GONÇALVES DA CÂMARA, TERCEIRO CAPITÃO DA ILHA DE SÃO MIGUEL, PRIMEIRO DO NOME, E DOS FILHOS QUE TEVE

Quando tratei da ilha da Madeira e de seus ilustres Capitães, disse como o primeiro Capitão dela, João Gonçalves Zargo, houvera de sua mulher, Constança Rodrigues de Almeida, com que casou no Reino, alguns filhos e filhas, o primeiro dos quais, João Gonçalves, herdara sua casa e foi o segundo Capitão da mesma ilha. E seu irmão, segundo filho do dito João Gonçalves Zargo, chamado Rui Gonçalves da Câmara, de que agora quero contar, foi depois terceiro Capitão desta ilha de S. Miguel porque, estando na ilha da Madeira muito rico, depois que o almirante de França (como tenho dito) alcançou da Rainha de Castela, D. Catarina (mulher que foi de el-Rei D. Henrique, terceiro do nome, governadora então dos regnos pelo Príncipe, seu filho, D. João, que foi o segundo Rei do nome) com título de Rei para um Mosem ou Mossior João de Betancurt ou Betancor ou Betencor, que ganhou três delas, Lançarote, Forte Ventura e a do Ferro, sem poder conquistar a Gran-Canária pela resistência que achou nela, e faltando-lhe a despesa e gente se tornou a França, deixando ali um sobrinho, chamado Mossem Menante ou Misser Maciote de Betancor, com o mesmo título de Rei, com propósito de, em chegando, Ihe mandar gente de armas, ou tornar com ela; o qual depois de lá ser ocupado nas guerras do Rei ou da morte, não tornou nem mandou ao sobrinho algum socorro. Vendo-se o sobrinho falto de gente e apertado da terra, vendeu o direito que tinha naquelas ilhas, com consentimento de el-Rei de Castela, ao Infante D. Henrique, por certa fazenda e pelas saboarias da ilha da Madeira, para onde se passou o dito Misser Maciote de Betancor, e como era de tanto nome e fama, veio ser tão rico que casou Rui Gonçalves da Câmara, segundo filho do Capitão João Gonçalves Zargo, com uma sua filha, chamada D. Maria Betancor, com grande dote que, junto com o de seu património, se fez Rui Gonçalves da Câmara, muito mais rico.

E, vivendo assim prosperamente com sua mulher na ilha da Madeira (como tenho contado), foi ter a ela João Soares de Albergaria, segundo Capitão das ilhas de S. Miguel e de Santa Maria, com sua mulher, Beatriz Godiz, muito enferma, em cuja cura, fazendo muitos custos, Ihe foi necessário vender uma das ditas ilhas; e tendo para isso procuração da Capitoa, sua mulher, Ihe comprou Rui Gonçalves da Câmara esta ilha de S. Miguel, que então estava mais erma que a de Santa Maria, uns dizem que por seiscentos mil réis, outros que por setecentos mil e cem mil réis de socos; mas o certo é, segundo a informação da ilha da Madeira, que Iha comprou por dois mil cruzados em dinheiro de contado e quatro mil arrobas de açúcar, que naquele tempo devia ser boa fazenda, pois por tanto se vendia uma ilha tão grande como é esta. A qual compra e venda foi depois confirmada em a cidade de Évora pela Infanta D. Beatriz, tutor e curador do Duque D. Diogo, seu filho, que ainda naquele tempo era de pouca idade, mestre da cavalaria da Ordem de Cristo, de cujo mestrado eram estas ilhas; feita a confirmação na era do Senhor de mil e quatrocentos e setenta e quatro anos, aos dez dias de Março.

Comprada esta ilha, ficou Rui Gonçalves da Câmara Capitão, o primeiro dela só e primeiro do nome, mas terceiro em número, por haverem precedido os dois Capitães de ambas elas, de Santa Maria e desta ilha de S. Miguel, Gonçalo Velho, Comendador de Almourol, e João Soares de Albergaria, seu sobrinho, que vendeu esta ao dito Rui Gonçalves da Câmara. O qual Rui Gonçalves foi um dos bons cavaleiros do seu tempo e fez muitos serviços a el-Rei, mas não os que se contam na relação dos Capitães da ilha da Madeira, em que se afirma ser ele o de que conta o cronista Damião de Goes, na Crónica de el-Rei D. Manuel, onde se diz que esteve em África na era de mil e quinhentos e dez, no segundo cerco de Arzila, com certa gente de cavalo e de pé à sua custa, sendo outro Rui Gonçalves, seu neto e quinto Capitão

***Capítulo LXVI*** 290

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

desta ilha (como adiante direi, quando tratar dele) que na dita era foi Capitão, sendo este Rui Gonçalves, seu avô, já então falecido.

Veio este Rui Gonçalves da Câmara, terceiro Capitão, a povoar esta ilha de S. Miguel, e trouxe consigo sua mulher, D. Maria de Betancor, e muitos homens honrados, e três filhos naturais e uma filha também natural, porque da Capitoa, sua mulher, não teve filhos, nem filha, legítimos.

O primeiro filho natural foi João Roiz, que alguns chamam João Gonçalves da Câmara, que herdou a casa e ficou por Capitão, depois do falecimento de seu pai, como direi, quando tratar dele. O segundo filho, Antão Roiz da Câmara, homem rico e abastado, muito cavaleiro e esforçado, e o que melhor se punha a cavalo nesta ilha, donde foi a África e lá serviu a ei-Rei alguns anos à sua própria custa, e fez coisas boas. E tornando de África, andando em requerimentos com el-Rei D. Manuel sobre seu despacho, estando el-Rei no Rocio de Lisboa com muitos fidalgos, ele na volta deles, aconteceu passar por ali um elefante com um índio que o trazia; sentindo os cavalos o faro dele se alvoroçaram, fugindo muitos deles com seus donos, caindo alguns da sela, alvoroçando-se também o cavalo de el-Rei e o de Antão Roiz da Câmara. Mas, como ele era homem de grandes espritos, extremado cavaleiro, tão consertador e sabedor para animar um cavalo que ninguém Ihe fazia avantage, temperou o cavalo da rédea e esporas, até afitar com os olhos e conhecer o que era, e seguro o cavalo (porque esta é a ordem que se há-de ter quando um cavalo toma medo de outra qualquer besta) bateu-Ihe as pernas tão arduamente para onde estava o elefante, que Ihe fez pôr a barba sobre o costado dele e, arrancando de um terçado que levava, deu uma espaldeirada no elefante e tornou muito recolhido e manso para onde el-Rei estava, tirando-lhe o barrete, inclinando-se-lhe todo com grande acatamento, o que el-Rei folgou muito de ver e mostrou levar gosto; e do modo com que aquilo fez, Ihe tiveram os fidalgos presentes grande inveja. Recolhido el-Rei, Ihe mandava pelo estribeiro-mor comprar o cavalo, ao que respondeu Antão Roiz que ele e o cavalo eram de Sua Alteza e que para seu serviço aí estava. Não Iho quiseram aceitar, senão que havia de ser vendido. Respondeu que não havia de vender o seu cavalo, senão fazer serviço dele a Sua Alteza. Não o querendo aceitar o estribeiro-mor, então o trouxe a esta ilha, donde o havia levado, quando foi para a África. Era ruço, rodado, muito formoso e, quando ouvia repicar os sinos, dificultosamente o podiam ter, se não estava cavalgado.

Sendo ainda solteiro, das terras que seu pai Rui Gonçalves da Câmara Ihe deu na Ribeirinha, termo da vila da Ribeira Grande, e de outras que comprou, ajuntou muita fazenda de que depois fez um rico morgado, que rende agora cem moios de trigo cada ano. Houve duas filhas naturais: Guiomar da Câmara, mãe de Rui Gago da Câmara, e Maria da Câmara, mãe de João Nunes da Câmara, vigairo e ouvidor que foi na ilha de Santa Maria, irmão de D. Dorotea, Capitoa da dita ilha, mulher do ilustre Capitão Brás Soares de Sousa que agora a governa, como em seus lugares tenho contado.

Vindo de África, casou Antão Roiz da Câmara, na corte, com D. Catarina Ferreira, por ser muito fidalga e formosa, dama da Duquesa de Bragança, e a trouxe para esta ilha de S. Miguel, onde houve dela a Rui Pereira da Câmara e a D. Mécia Pereira. Adoeceu de uma grave enfermidade; indo-se curar dela ao Reino, faleceu em Viana de Caminha, onde está enterrado; o que sabendo sua mulher D. Catarina, se foi para a Corte com os dois filhos e dali a perto de quarenta anos faleceu em Lisboa, de idade de oitenta. Rui Pereira serviu a el-Rei em África muitos anos, em muitos cargos honrosos e fez lá muitas coisas notáveis, pelo que el-Rei o tinha em muita conta, e em satisfação de seus serviços Ihe deu a Capitania de Sofala, sem nunca ter ido à Índia. Indo para lá, arribou em uma nau em que ia por capitão; chegando a Lisboa, faleceu, sendo ainda solteiro. Sucedeu no morgado sua irmã D. Mécia, que já a este tempo era casada com D. Gomes de Melo, filho de Diogo de Melo e de D. Maria Manuel; os quais houveram D. Sebastião, e a D. Maria a D. Rodrigo Manuel que foi para de Melo, que casou Castela com D. por Antónia dama de da Vilhana Princesa, (323), mãe filha de de el-Rei Pero de Toar (sic) (324) e de D. Beatriz da Silva. Este herdou o morgado, por ser filho mais velho, por falecimento de sua mãe, e passando a África com el-Rei D. Sebastião, indo também lá Manuel de Noronha, seu irmão, ambos faleceram na batalha, pelo que sucedeu no morgado seu irmão D. Francisco Manuel, que pouco há veio da Índia e casou com uma filha de Francisco Carneiro.

***Capítulo LXVI*** 291

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

Houve mais Diogo de Melo, de sua mulher D. Maria Manuel, a D. Catarina de Noronha, que foi casada com Simão Ribeiro, comendador e alcaide-mor do Pombal, e a D. Ana Pereira e a D. Leonor Manuel, ambas ainda solteiras.

Tem Antão Roiz da Câmara as mesmas armas dos Câmaras, com mais dois puxavantes ao pé da torre, que são declaração de ele sempre ir avante com suas coisas, assim nas da paz, como nas da guerra.

Houve o dito Rui Gonçalves da Câmara, Capitão desta ilha de S. Miguel, o terceiro filho natural, dizem que de uma nobre mulher, de geração dos Albernazes, chamado Pedro Roiz da Câmara, o qual casou com D. Margarida de Betancor, filha de Gaspar de Betancor, da qual teve estes filhos: o primeiro, João Roiz da Câmara; o segundo, Manuel da Câmara; o terceiro, Simão da Câmara; o quarto, Anrique de Betancor; o quinto António de Sá; o sexto, Rui Gonçalves da Câmara; e teve uma filha, D. Francisca, que casou com D. António de Sousa, como logo direi.

O primeiro filho de Pedro Roiz da Câmara, chamado João Roiz da Câmara, casou a primeira vez com D. Helena, filha do contador Martim Vaz Bulhão, de que houve uma filha, chamada D. Joana, que faleceu solteira; e porque o Capitão Rui Gonçalves, segundo do nome, tinha casada a D. Helena com um filho de Sebastião Barbosa da Silva que, em a recebendo, se foi logo desta terra, houve diferenças, demandas e brigas sobre este casamento. Por esta razão, é a el-Rei tomou a fazenda terra dos própios (sic) (325), de que D. Helena está e por também no lugar da seu pai, o contador, Iha dever, que Relva; pelo que também João Roiz da Câmara foi a África, onde em uma batalha com os mouros, em que ele e seu irmão Manuel da Câmara (que então estavam diferentes) se acharam, cativando os mouros ao dito Manuel da Câmara, indo-se recolhendo, pediu João Roiz ao Capitão Ihe desse licença para ir livrar seu irmão, e dizendo-lhe o Capitão que não era tempo, ele saiu sem licença, arremetendo com o cavalo e a lança enristada aos mouros, e matando do encontro a um deles, tomou o irmão por um braço e, ajudando-o a subir nas ancas do cavalo, o livrou dos imigos. Depois de livre, dizendo-lhe (326). E, Manuel da Câmara: — pois irmão, como ficamos?, respondeu ele: — como dantes depois de vir de África, Ihe deu el-Rei uma comenda de mais de cem mil réis na Beira, no lugar que se chama Os Trinta, no pé da Serra da Estrela, onde estando à hora, ou antes da hora, de sua morte, casou com D. Catarina, da qual houve estes filhos: o primeiro, Rui Gonçalves da Câmara, que faleceu solteiro na Índia em serviço de el-Rei, tendo vinte anos de serviço em que tinha feitas grandes sortes; e tendo-Ihe el-Rei dado despacho para ser capitão de uma fortaleza, sem o ele saber, em uma batalha o mataram. O segundo, Bernardim da Câmara, muito esforçado cavaleiro e valente soldado, que casou na Vila do Nordeste. O terceiro, Apolinário da Câmara, também de grandes forças e valentia, que foi com el-Rei D. Sebastião à guerra de África, onde o cativaram e não se sabe se é falecido.

Teve mais João Roiz da Câmara três filhas: a primeira, D. Guiomar, que indo para Castela ter com sua tia, que a fazia dama da Imperatriz na Corte, faleceu no caminho. A segunda, D. Beatriz, que também foi para Castela, onde está casada com um grande e poderoso fidalgo, a que não soube o nome. A terceira, D. Margarida, que casou com Pedro Roiz de Sousa, filho de Baltasar Roiz, de Santa Clara, e faleceu sem ter filhos.

O segundo filho de Pedro Roiz, Manuel da Câmara, faleceu solteiro na Índia, ataúde de homens fidalgos e honrados, em serviço de el-Rei; teve um filho natural.

O terceiro, Simão da Câmara, andava na Corte, sendo tão grande sabedor e astrólogo, que estando para falecer o grande piloto e astrólogo Simão Fernandes, disse- lhe el-Rei: — se morrerdes, que nos ficará? Respondeu ele: — se Simão morre, Simão fica —; dizendo isto pelo Simão da Câmara, o qual faleceu na Corte, solteiro.

O quarto, Anrique de Betancor de Sá, morador que foi na vila da Ribeira Grande, que andou na Corte muito tempo e casou com D. Simoa, filha de Baltasar Vaz de Sousa e de Leonor Manuel, de que houve estes filhos: O primeiro, Rui Gonçalves da Câmara, que casou com D. Luzia, filha de Hierónimo Jorge e de Beatriz de Viveiros, de que tem um filho e quatro filhas, três delas já freiras noviças no mosteiro de Jesus, da vila da Ribeira Grande. É fidalgo de magnífica condição, com que agasalhava muitos hóspedes que quase nunca em sua casa faltam; manso e macio para todos. O segundo filho, Manuel da Câmara, casou com dispensação com D. Maria, filha de Rui Gago da Câmara, sua parente, e de Isabel Botelho, de quem tem um filho e uma filha. O terceiro, Francisco de Sá, faleceu solteiro. O quarto, Anrique da Câmara, ainda solteiro, de grandes forças, bom cavaleiro e valente soldado que, andando

***Capítulo LXVI*** 292

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

na Índia em serviço de el-Rei, faleceu há pouco. Teve mais Anrique de Betancor de sua mulher D. Simoa sete filhas, três faleceram solteiras e uma sendo já professa; e tem agora duas freiras professas no mosteiro de Jesus, da vila da Ribeira Grande, chamadas Beatriz da Anunciação e Ângela do Paraíso, de muita virtude. E outra filha, chamada D. Margarida, que casou com Cristóvão Dias, nobre e rico, da cidade da Ponta Delgada.

O quinto filho de Pedro Roiz da Câmara, António de Sá, faleceu solteiro na vila da Ribeira Grande.

O sexto filho de Pedro Roiz da Câmara faleceu também solteiro na ilha da Madeira.

A filha de Pedro Roiz da Câmara e de D. Margarida de Betancor, sua mulher, chamada D. Francisca, casou com D. António de Sousa, viúvo, fidalgo, dos Sousas do Regno, que foi muitos anos vereador na cidade de Lisboa, homem de que el-Rei se servia em muitas coisas. Deu-lhe Pedro Roiz em casamento propriedade no Morro e no monte de Trigo, que está junto da vila da Ribeira Grande, que rendia cinquenta moios de trigo cada ano, que com o mais que Ihe deram passava de dez mil cruzados.

Era D. António de Sousa irmão do Conde do Prado e de D. Maria de Távora, mulher de Pedro Álvares Carvalho, que foi capitão de Alcácer-Ceguer, que se largou aos mouros, do qual Ihe ficaram filhos, sc., Álvaro de Carvalho, Bernardim de Carvalho e Rui de Sousa, grandes capitães de lugares de África. O primeiro filho de D. António de Sousa, que Ihe ficou da primeira mulher, chamavam D. Martinho de Sousa, primeiro morgado: o segundo, D. Jorge de Sousa, os quais foram à Índia por capitães de naus, cada um, duas vezes. Teve o dito D. António de Sousa, da segunda mulher D. Francisca, filha de Pedro Roiz da Câmara, quatro filhos: o mais velho, D. Pedro de Sousa, comendador de Cristo, muito privado de el-Rei D. João, terceiro do nome; o segundo filho se chamava D. João, ambos bons cavaleiros e gentis-homens, que faleceram solteiros. O terceiro, D. Dinis de Sousa, que casou no Reino, e nele ficou encabeçada toda a fazenda que herdou do pai e da mãe aqui nesta ilha, que houveram de Pedro Roiz da Câmara e de D. Margarida de Betancor; o qual D. Dinis tem alguns filhos e fi!has, a que não soube o nome.

Teve Pedro Roiz da Câmara de sua mulher D. Margarida de Betancor de Sá outra filha, chamada D. Maria da Câmara, que faleceu solteira, caindo de uma janela de casa, por querer colher uma pera de uma pereira que junto dela estava, da qual queda se Ihe causou a morte dali a poucos dias.

Era Pedro Roiz da Câmara bem apessoado, grave e gentil homem, e liberalíssimo de condição. Fez no assento e pomar de suas casas, na vila da Ribeira Grande, um mosteiro de freiras observantes, da invocacão de Jesus, onde estão muitas e virtuosas religiosas suas parentas, e nele está sepultado. Deixou-Ihe dezoito moios de renda na sua fazenda da Achada, e trinta mil réis que Ihe ficaram de seu pai, de juro, na ilha da Madeira. Deixou certa renda ao Esprital da vila da Ribeira Grande. Dando cada um do povo, a quem mais daria, para a igreja matriz de Nossa Senhora da Estrela da dita vila, para que se fazia finta, e, ficando baixa, ele Ihe mandou acrescentar cinco palmos à sua custa e deu um cálice grande, dourado, com suas campainhas, e um pontifical de damasco rosado para a mesma igreja, e dizem que outro para a igreja da Maia. Foi logo — tente (sic) do Capitão Rui Gonçalves, seu sobrinho, e governou a Capitania sete anos, em sua absência, com muita paz e justiça, deixando de si bom exemplo e nome, distribuindo com grande liberalidade sua fazenda, que era muita, porque quando casou tinha, cada ano, cento e cinquenta moios de trigo de renda, afora outra muita que depois Ihe cresceu; e sua mulher, D. Margarida de Betancor, filha de Gaspar de Betancor, vivendo com muita virtude, faleceu vinte anos depois dele.

Teve mais o primeiro Capitão Rui Gonçalves da Câmara uma filha natural, chamada D. Beatriz, que casou com um fidalgo que veio muito rico da Índia, chamado Francisco da Cunha, dos Cunhas do Regno, que dizem ter este apelido do primeiro, que sendo alferes de uma capitania, em uma batalha, e sendo maltratados os de sua parte dos contrairos, indo já quase vencidos, vendo este alferes o desbarato dos seus, meteu a bandeira em uma fenda de uma pedra, acunhando-a com outras, e foi pelejar com os imigos tão valorosamente que com sua ajuda alcançaram vitória. E acabada a batalha, vendo o capitão o seu alferes consigo, sem bandeira, Ihe perguntou por ela; respondeu ele que bem acunhada a deixara; pelo que Ihe fez el-Rei mercês e Ihe deu este apelido de Cunhas, para si e seus sucessores. Este fidalgo Francisco da Cunha houve de sua mulher D. Beatriz uma filha, chamada D. Guiomar da Cunha, que casou com João Soares, terceiro Capitão da ilha de Santa Maria e segundo do

***Capítulo LXVI*** 293

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

nome, que houve os filhos já ditos, quando tratei da dita ilha de Santa Maria, pelo que ficaram os Capitães destas duas ilhas liados com estreito parentesco.

Estando o Infante D. Henrique em Sagres favorecendo o descobrimento destas ilhas, como tenho dito, comprou a Misser Maciote de Betancor, Rei das Canárias, e Ihe deu pelo que tinha delas subjugado e direito da empresa as saboarias da ilha da Madeira e vinte e cinco mil réis de juro na alfândega, e por dadas as Lombas dos Esmeraldos e a Ribeira de Água de Mel, sobre o Funchal. Com isto se passou o dito Maciote de Betancor à ilha da Madeira e casou sua filha, D. Maria de Betancor, com Rui Gonçalves da Câmara, segundo filho do primeiro Capitão dela, João Gonçalves Zargo; o qual Rui Gonçalves, comprando esta ilha a João Soares de Albergaria, segundo Capitão da ilha de Santa Maria, se passou a ela com sua mulher e como dentre eles não houve filhos legítimos, por razão de João Roiz da Câmara, filho natural mais velho do dito Rui Gonçalves da Câmara, ficar encabeçado na Capitania e jurdição, fizeram partilha em sua vida, ele e sua mulher, D. Maria de Betancor, que ela ficasse com cento e cinquenta mil réis de foro cada um ano, para sempre, nas Lombadas dos Esmeraldos, seus foreiros, por eles mesmos Ihas aforarem, quando da ilha da Madeira se vieram com a compra desta ilha, com mais a Ribeira de Água do Mel e com trinta mil réis de renda de foros em Vila Franca do Campo desta mesma ilha, que tudo o que agora rende, esta parte de D. Maria de Betancor, importa dois mil cruzados cada ano, que ela fez em morgado, encabeçado em Gaspar de Betancor, seu sobrinho, filho de sua irmã, que mandou vir da ilha da Madeira para nesta Ihe fazer companhia, por não ter aqui parente nenhum, em vida de seu marido Rui Gonçalves, e daí em seus descendentes, no filho mais velho. E seu marido Rui Gonçalves ficou com a Capitania, que então importava tão pouco que, para ficar igualado na partilha com sua mulher, ficou com mais o quarto da fazenda que se chama Ribeira de Água do Mel, sobre a cidade do Funchal, na ilha da Madeira.

Esta D. Maria de Betancor, francesa, nesta terra, ou por humildade, ou pelo muito que deixara das ilhas Canárias e isto ser pouco naquele tempo, ou por descender de geração dos Reis (como se afirma que foi seu pai, das Canárias) nunca se nomeou por Capitoa, nem ninguém Ihe chamava senão D. Maria; era muito formosa e liberal. Deixou em Vila Franca, para o concelho da mesma vila, dois moios de terra que está arriba da vila e parte da banda do sul com os Pomares, e da banda de levante com uma grota que vai antre a fazenda de Rui Gago da Câmara e a própria terra do concelho, e da banda do ponente com terra foreira do mosteiro dos frades de Nossa Senhora, e do norte com terras que foram de João d’Outeiro, a qual terra deixou que rendesse para as coisas do concelho, com condição que os gados, que viessem de caminho, pudessem dormir ali uma noite e mais não, e nunca andassem éguas nem fêmeas nela. Mandou também fazer uma capela no Funchal, no mosteiro de S. Francisco, no cruzeiro à mão direita, onde disse que levassem sua ossada. Dizem alguns que depois faleceu, e outros que primeiro, que o Capitão seu marido, alguns anos; que foi enterrado (sic), segundo alguns dizem, na capela do mosteiro de S. Francisco; mas outros afirmam que na capela-mor da igreja matriz do Arcanjo S. Miguel, que havia antes da subversão de Vila Franca.

Tinha este Capitão Rui Gonçalves seu assento principal em Vila Franca do Campo, onde residia o mais do tempo, por ser então única vila nesta ilha. Era homem bem apessoado, grande e grosso, discreto e solícito em fazer cultivar e povoar a terra, visitando-a pessoalmente muitas vezes, só, a cavalo, vestido com uma peliça de martas e uma touca na cabeça, como naquele tempo se costumava, e com um cão grande detrás de si, chamado Temido, sem trazer outros pages consigo, e algumas vezes andava em uma mula, dando ordem à sua gente que roçavam as terras, que agora possuem os Capitães seus sucessores, que são a Salga e a Criação, chamada assim porque criava nela seu gado, perto dos Fenais da Chada, onde ele morava algum tempo, com sua mulher e família.

Este Capitão Rui Gonçalves da Câmara me parece que mandou vir de Guiné, ou da ilha da Madeira, as galinhas chamadas de Guiné, que nesta ilha multiplicaram muito e duraram pouco.

Repartiu a maior parte das dadas ou doações das terras desta ilha, de sesmaria, que é desta maneira: quando dava o Capitão dada ou fazia alguma repartição de terra nova, povoada de mato e espesso arvoredo, a alguma pessoa, de obrigação, na terra que Ihe davam fazia curral e cafua, curral para gado e casa para morar, e tudo era para tomar posse do que recebia; e dentro em cinco anos eram obrigados, estes moradores e possuidores, a terem terra feita e roçada a maior e melhor parte daquela que Ihe era dada e eles recebiam; e não o

***Capítulo LXVI*** 294

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

fazendo assim, dentro no termo de cinco anos, ia outro pedir ou o Capitão podia dar a outrem aquela terra, e a dava, porque o primeiro não fazia benfeitoria nela.

Chamava-se terra de sesmaria, uns dizem que porque no sexto ano ficava livre do que a não aproveitara em cinco; de seis se chamava seismaria. Outros dão outras razões não tão boas. Pode ser que se diz terra dada de sesmaria, deste verbo ou desta palavra *scemo* em italiano, em que estas letras juntas só soam x e se há-de pronunciar *xem*o, que quere dizer dividido ou dividir, roçar, cortar, cultivar, porque a terra, dividida e repartida por muitos, para isso se dava, para se aproveitar, cortando- a, roçando-a e cultivando-a, que isto quere dizer *scem*o; e para fazer isto e os homens a quem se davam terem cuidado, era necessário pôr-lhe termo em que as beneficiassem, com pena de as perderem e ficarem devolutas e livres para as darem a outros colonos e lavradores, que as fizessem dar fruto. O mesmo quere dizer este vocábulo *scemat*o, dividido ou cortado. Também se pode com mais razão dizer que deste nome *scisma* (que quere dizer divisão de ânimos ou apartamento da obediência e congregação devida) se disse sesmaria, porque se dividem as terras por cada um, que dantes estavam juntamente devolutas e comuns a todos, em uma comunidade, porque *scisma* se diz deste verbo *scind*o, *scindi*s, que quere dizer cortar, e *scism*a, que quere dizer cortadura ou coisa cortada e parte dividida do todo, como se dividiu esta ilha no princípio, dando de scismaria (sic) e divisão ou partilha, a cada um dos que a vinham povoar, sua parte.

Fez seu testamento Rui Gonçalves da Câmara, filho do primeiro Capitão da ilha da Madeira, aos 21 dias do mês de Novembro da era de mil e quatrocentos e noventa e sete anos, em Vila Franca do Campo desta ilha de S. Miguel, estando enfermo em cama, da qual enfermidade faleceu, havendo bem governado a capitania vinte e um anos, pelo que parece que começou a governar na era de mil e quatrocentos e setenta e quatro anos, quando foi confirmada a compra e venda desta ilha por el-Rei D. Afonso, o quinto, e governando-a vinte e um anos, faleceu na era de mil e quatrocentos e noventa e sete ou oito, pouco mais ou menos. Deixou por herdeiro da Capitania a João Roiz da Câmara, seu filho, tendo-o já dantes nomeado também na sua legitimação, da maneira que era dada e confirmada pelos Infantes e Duques e Reis passados, e por el-Rei D. Manuel que então reinava, e depois por seus sucessores.

Toda outra fazenda e herança, que tinha em qualquer parte e lugar, tomou para se distribuir por sua alma e para pagar o que devesse.

Deixou por seu testemanteiro a João Roiz, seu filho.

Foi enterrado seu corpo dentro na capela-mor da igreja do Arcanjo S. Miguel, na sepultura onde jazia já sua mulher, a Capitoa D. Maria de Betancor, de que encarregou a seu filho que houvesse licença de el-Rei para se enterrar na capela-mor, que ele chamava capela dos grandes trabalhos, pelos que teve e pelas despesas grandes que fez em fazer povoar esta ilha.

Neste testamento deixou seis escravas, que tinha prometido em casamento, a seu genro Francisco da Cunha.

Deixou um anal de missa quotidiana na capela-mor onde seu corpo se enterrasse, e obrigou para isso o quarto da fazenda da Ribeira de Água do Mel, da ilha da Madeira, e as mais rendas que tinha; e o remanescente de sua terça se distribuísse cada ano por pobres, como se faz.

Era este Capitão Rui Gonçalves da Câmara, primeiro do nome, mui temente a Deus e de boa consciência, e assim fez o seu testamento como muito amigo de Deus, segundo dele se pode bem coligir.

No dito testamento se vê que o dito Capitão Rui Gonçalves e Gaspar de Betancor ficaram por testamenteiros de D. Maria de Betancor, sua mulher, primeira Capitoa desta ilha, depois que se apartou a capitania da ilha de Santa Maria, mandando-lhe que o dito cargo de testamenteiro ficasse aos descendentes de Gaspar de Betancor, filho, neto, bisneto e mais descendentes; e assim nomeou o dito Rui Gonçalves, primeiro Capitão, por testamenteiro depois da morte de Gaspar de Betancor a seu filho João de Betancor, e depois seus filhos, netos e bisnetos, declarando que era melhor sê-lo uma só pessoa que duas, como mandava D. Maria, sua mulher, em seu testamento, que diz que fossem testamenteiros o dito seu marido e Gaspar de Betancor, e por falecimento de seu marido nomeasse uma pessoa que fosse com Gaspar de Betancor.

Estava esta quinta da Ribeira do Mel aforada por setenta mil réis cada ano; a qual teve Gaspar de Betancor e seus descendentes, que é como morgado, e agora rende muito mais.

***Capítulo LXVI*** 295

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

O Capitão Manuel da Câmara, bisneto deste Capitão Rui Gonçalves, comprou depois um quinhão de vinte mil réis de renda que tinha Luís da Silva de Meneses, fidalgo, e D. Maria, sua mulher, na quinta de Água do Mel, da ilha da Madeira, os quais vinte mil réis herdam (sic) por morte de João Brandão, seu pai.

Nos derradeiros dias deste ilustre Capitão Rui Gonçalves da Câmara se fez alardo geral, por seu mandado, nesta ilha, das armas que nela havia, porquanto os andaluzes, naquele tempo das guerras de Castela com Portugal, vivendo el-Rei D. João, segundo do nome, soíam vir por estas ilhas, em armadas, a roubar e fazer entradas, principalmente e sendo avisado o dito Capitão de certa armada que vinha para entrar nesta ilha de S. Miguel; e se acharam nela cento e setenta lanças de costa, que tiveram em muito, e trinta e seis gibanetes que o mesmo Capitão, por seu dinheiro, mandou pedir ao Capitão da ilha da Madeira, seu irmão, e sobre isso escreveu uma carta a el-Rei, dando-lhe conta do ânimo dos moradores desta terra e da razão que havia para Sua Alteza fazer mercês e dar liberdades aos fidalgos, cavaleiros e homens honrados pelo muito esforço que neles achara, para defensão da terra e seu serviço.

***Capítulo LXVI*** 296

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

**CAPÍTULO LXVII**

DA VIDA DO ILUSTRE JOÃO ROIZ DA CÂMARA, QUARTO CAPITÃO DA ILHA DE SÃO

MIGUEL, ÚNICO DO NOME, E DOS FILHOS QUE TEVE

Por morte do ilustre Rui Gonçalves da Câmara, terceiro Capitão desta ilha de S. Miguel e primeiro do nome, Ihe sucedeu na capitania seu filho João Roiz, que outros chamam João Gonçalves da Câmara, grande cavaleiro, muito discreto e benigno, tanto amigo de seus súbditos, tratando-os com amor, dádivas e cortesia, que convidava e afeiçoava muitos homens fidalgos do Reino para virem viver à sua boa sombra nesta ilha; como de feito vieram alguns, que já tenho atrás ditos, porque, além de ser naturalmente bem acondiçoado, humilde, liberal e grandioso, foi criado na Corte que artificiosamente realça a virtude e habilidade, engenho, discrição e bondade natural com que cada um nasce; como também, pelo contrário, acrescenta e refina a doidice, soberba condição e malícia do que nasceu mal ensinado, em cuja má inclinação a desenvoltura da Corte é como espada em mão de doido. Este Capitão, sendo mancebo, foi a África, onde esteve por fronteiro alguns anos em serviço de el-Rei. E na mesma Corte, onde andava, casou, em vida de seu pai, com D. Inês da Silveira, dama do Paço, a que el-Rei D. João, segundo do nome, tinha feito mercê de dezasseis mil réis de tença em sua vida dela, e pagos das suas rendas nesta ilha, para onde a trouxe seu marido, João Roiz da Câmara, em vida de seu pai, Rui Gonçalves, segundo parece.

Houve João Roiz da Câmara da dita D. Inês da Silveira, sua mulher, os filhos seguintes: o primeiro, Rui Gonçalves da Câmara, que herdou sua casa e Ihe sucedeu na capitania, de que adiante direi.

O segundo filho, chamado João de Melo, foi frade professo da ordem de S. Bento, no mosteiro de S. Bernardo de Alcobaça, de que depois contarei alguns sucessos, e por um desastre que Ihe aconteceu, se foi fora do Reino e dizem que faleceu no mar, indo em uma nau para Frandes; o qual, sendo mancebo, houve de uma Maria Dias um filho natural, chamado Rui de Melo, que casou na Índia e veio dela por capitão de uma nau de seu sogro, e tornando nela, se perdeu seiscentas léguas além da Índia, onde foi ter. De lá tornou para Goa, em uma barca que mandou fazer da madeira da nau.

O terceiro filho, por nome Diogo Nunes, foi esposado com D. Maria, filha de João d’Outeiro e de Guiomar Raposa (327), mulher que fora de Rui Vaz Gago do Trato, sendo moço de pouca idade, sem fazer vida maridável com ela; o qual, andando em Portugal, na Corte, se passou a África e lá o mataram os mouros em serviço de el-Rei.

Teve mais o Capitão João Roiz de sua mulher D. Inês da Silveira outro filho, chamado Garcia de Melo, e três filhas, D. Joana, D. Beatriz e D. Catarina, que faleceram solteiras, como logo direi.

Dizem alguns antigos que logo quando D. Inês veio a esta terra com seu marido João Roiz da Câmara, em vida do Capitão Rui Gonçalves da Câmara, primeiro do nome, seu sogro, por ela ser ainda muito moça e dama delicada, quando ouvia berrar os touros, que andavam muitos no mato junto das casas e povoados, perguntava a seu marido que era aquilo, e ele zombando Ihe respondia que eram demónios, de que ela ficava muito espantada e cheia de medo; e achando-a uma vez o Capitão, seu sogro, chorando, Ihe perguntou porque chorava, ao que ela respondeu: — Choro, senhor, porque me trouxeram a terra onde andam demónios, que João Roiz me disse que eles eram os que berravam. Ele Ihe tirou o medo com brandas palavras e Ihe provou o contrairo, com mandar ajuntar e trazer diante dela muitas vacas e touros, que com ciúmes berravam e pelejavam, dizendo-lhe: — Vedes aqui, filha senhora, os demónios que vosso marido disse. Com que ela ficou tão satisfeita e contente que, dali por diante, muitas vezes ia onde enfogueiravam (que era pôr fogo ao mato cortado ou alevantado

***Capítulo LXVII*** 297

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

para fazer roça) a ver os touros pelejar e berrar, e também tomava por passatempo ajudar a enfogueirar. Ela e o Capitão, seu marido, fizeram muito tempo habitação na Ribeira Grande, desta ilha.

Este ilustre Capitão João Roiz da Câmara ainda deu muitas terras de sesmaria a alguns homens principais que em seu tempo vieram a esta ilha por seu respeito. E muitos adquirira e trouxera a si, como a pedra de cevar atrai o fino aço, se vivera muitos anos; mas viveu pouco, depois que teve a capitania, a qual governou com muita prudência, justiça, paz e bom exemplo. E, adoecendo de uma grave enfermidade, se foi curar ao Reino, onde lá faleceu na era de mil e quinhentos e dois ou três anos.

Depois de seu falecimento esteve sua mulher D. Inês nesta terra dois ou três anos, até que veio da Corte seu filho Rui Gonçalves da Câmara, com sua mulher, a tomar posse da capitania em que sucedeu a seu pai, João Roiz. Chegado ele, se partiu ela para Portugal, em uma caravela que se chamava a Jaca (por ser de um mestre e senhorio dela, por nome Pero Jaques, de Lagos do Algarve) levando consigo Garcia de Melo, seu filho, e as três filhas já ditas, D. Joana, D. Beatriz e D. Catarina, com tenção de as meter freiras em algum mosteiro no Reino, ou casá-las. E todas morreram no mar onde se perdeu o navio com tormenta (segundo dizem) na mesma noite que partiram, logo junto desta ilha, onde algumas pessoas afirmaram ouvir de noite gritos de gente. Outros dizem que se perdeu nas Formigas; outros no ilhéu de Vila Franca; outros que em Vale de Cabaços, onde se ouviu a grita. Mas parece que mais longe devia ser, pois não saiu à costa nenhum sinal deste naufrágio.

Este Capitão João Roiz da Câmara governou esta ilha com cargo de Capitão, por seu pai Rui Gonçalves da Câmara, algum tempo, sendo ele no Reino, com provisão do Duque, que assim dizia:

«Eu, Duque, vos faço a saber a vós, juízes e oficiais, fidalgos, cavaleiros e escudeiros e homens bons e povo da minha ilha de S. Miguel, que a mim disse Rui Gonçalves da Câmara, fidalgo de minha casa e do conselho de el-Rei meu Senhor e Capitão por mercê da dita ilha, como ele deixara ora lá em seu cargo de Capitão a João Roiz da Câmara, fidalgo de minha casa, seu filho; da qual coisa a mim me apraz, por sentir dele que é tal, que usará do dito cargo assim como pertence a serviço de el-Rei meu Senhor e meu, e bem da justiça; pelo qual vos rogo e encomendo e mando a todos em geral e a cada um em especial que obedeçais ao dito João Roiz em todas as coisas que ao cargo da dita capitania pertencerem, assim tão cumpridamente como fareis (sic) ao dito Rui Gonçalves, seu pai, se lá estivesse, e de direito sois obrigados fazer. O que de um e outro assim cumprirdes vo-lo agradecerei e terei em serviço. E do contrairo (o que eu de vós não espero) me desprazeria e tornaria a isso como fosse razão. E por este mando ao dito João Roiz que, no dar das terras, tenha esta maneira, sc., que as que forem dadas, não Ihe dê espaço nem Ihe bula com elas, nem dê terra de novo a homens que tiverem terras na dita ilha, e somente dará das terras maninhas àquelas pessoas que terras não tiverem, assim aos moradores da dita ilha, como àqueles que de novo a ela vierem viver. E qualquer coisa que ele acerca do que dito é fizer em contrairo, mando que não seja valiosa. Feito em Santarém aos vinte e cinco de Dezembro. — João Cordovil o fez, ano de mil e quatrocentos e oitenta e sete».

Dizem os antigos que, vindo a Vila Franca do Campo, desta ilha, armada castelhana no tempo das guerras entre Portugal e Castela, este ilustre Capitão João Roiz da Câmara, ou governando ele por seu pai, ou quando já era Capitão, por ver a pouca gente que havia na ilha, mandou pôr à vista, de longe, todas as mulheres e homens velhos e moços, com canas compridas arvoradas, de modo que parecessem lanças e gente armada, e os mais que podiam pelejar, junto do mar, quando os castelhanos quiseram cometer o porto, para os espantar e atemorizar. E cuidando eles que toda aquela mostra era de homens de armas, se foram, não ousando entrar na terra.

***Capítulo LXVII*** 298

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

**CAPÍTULO LXVIII**

DA VIDA DO ILUSTRE RUI GONÇALVES DA CÂMARA, QUINTO CAPITÃO DA ILHA DE

SÃO MIGUEL, SEGUNDO DO NOME, E DOS FILHOS QUE TEVE

No tempo do falecimento do quarto Capitão João Roiz da Câmara, estava na Corte seu filho mais velho, Rui Gonçalves da Câmara, que Ihe sucedeu na capitania e foi quinto Capitão desta ilha de São Miguel, segundo do nome. E por ficar de pouca idade, governou por ele seu tio, Pero Roiz da Câmara, até o ano de mil e quinhentos e quatro. Em vida de seu pai já era casado, no Reino, com D. Filipa Coutinha, filha de Lopo Afonso Coutinho, irmão do conde de Marialva, que casou uma filha com o Infante D. Fernando, irmão de el-Rei D. João, terceiro do nome, dos Coutinhos do Regno, que dizem terem este apelido, porque procederam de um alferes de uma bandeira, que andando em uma batalha, levavam os imigos aos seus de vencida, o que vendo ele, metendo-se na envolta também a pelejar, e apegando alguns contrairos com ele para Ihe tomar a bandeira, ele aferrou nela de tal modo que, ainda que Ihe cortaram ambas as mãos, Iha não puderam tirar dos braços, e tornaram a ter vitória, a qual alcançada, quando o capitão o viu sem mãos e com a bandeira, Ihe perguntou com que tivera mão nela, já que não tinha mãos; ele respondeu que com os cotinhos dos braços a tivera. Daqui veio ele e seus sucessores terem este apelido de Cotinhos, que outros dizem Coutinhos, fazendo-lhe el-Rei entre outras mais mercês esta dele.

Era esta Capitoa D. Filipa Coutinha dama da Excelente Senhora, e daí casou; foi recebida em casa de D. Gastão, seu tio, com o dito Capitão Rui Gonçalves da Câmara, que foi de mediana estatura, mas bem proporcionado; era gentil homem, de rosto bem assombrado e muito grave, no que bem representava o ser de sua pessoa e o cargo que tinha, e dotado de todas as boas partes, em especial muito largo de condição, amigo de seus criados e assim os teve muito honrados e ricos, porque o eram seus pais naquele tempo. O qual sabendo do falecimento do Capitão, seu pai, se veio na era de mil e quinhentos e quatro anos, pouco mais ou menos, com a dita D. Filipa Coutinha, sua mulher, para esta ilha, a tomar posse da capitania, onde a esteve governando alguns anos com muita prudência, paz e quietação.

Mas como a não há neste mundo (em que, segundo diz o Santo Job, a vida do homem é uma guerra sobre a terra) não faltaram invejosos ou agravados dele, que o inquietassem, porque (segundo se diz) o contador Martim Vaz Bulhão, com que teve dúvidas, e um Frei Bartolameu (sic), então ouvidor do Eclesiástico nesta terra, João d’Outeiro, cavaleiro do hábito de Cristo, sogro de D. Gilianes da Costa, Simão de Santarém, freire do hábito de Aviz, escrivão na mesma vila, Luiseanes, cavaleiro do hábito de Santiago, genro de Gonçalo Vaz, o Velho, Francisco da Cunha, fidalgo, marido de D. Beatriz, filha natural do Capitão Rui Gonçalves da Câmara, primeiro do nome, todos moradores em Vila Franca, e João Fernandes Examinado, pai de João Álvares Examinado, da Alagoa, por diferenças de uma demanda que teve com ele, e outros que se ajuntaram na mesma consulta, fizeram a el-Rei capítulos dele. Uns dizem que por causa dumas escrituras que desapareceram, outros que por causa de mulheres, outros que por recolher homiziados em sua casa.

Tão importunado se viu el-Rei que o mandou ir emprazado à Corte, pelo que foi forçado ir-se desta ilha, da qual levou consigo muitos homens, fidalgos, nobres e honrados, dos principais da terra, seus amigos que, às suas próprias custas de cada um, o quiseram acompanhar naquela trabalhosa jornada, que dizem ser: Sebastião Barbosa, o Velho, grão dizedor, e seu filho Hector Barbosa, Jorge Nunes Botelho, Diogo Nunes Botelho, Pero de Teive, Rui Gonçalves e Gonçalo Vaz, filhos de João Gonçalves Botelho, do lugar de Rosto de Cão, Álvaro Lopes, o Velho, de Santo António, Pero Roiz Raposo e Diogo Roiz Raposo, filhos de Rui Vaz Gago do Trato, Estêvão Álvares de Rezende, João Álvares do Sal, João Roiz Badilha, Pedralvres Benavides, da Ponta Delgada, Diogo Dias Brandão e João da Grã, de Vila

***Capítulo LXVIII*** 299

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

Franca, Rui Tavares e Gonçalo Tavares, irmãos, Baltasar Vaz de Sousa e João do Penedo, da Ribeira Grande, Guterres Lopes, Pero Manuel, Estêvão de Oliveira, Gaspar Pires Carvalho, de Água do Pau, Vasco de Medeiros, Fernão Lopes de Frielas, João Roiz, da Alagoa, pai de Manuel Roiz, vigairo dos Fenais da Maia. E outros a que não soube os nomes partiram desta ilha na era de mil e quinhentos e dez, pouco mais ou menos.

E chegando à Corte foi despedido por el-Rei, com os que levava em sua companhia, caminho de África, aonde foi ter a Tânger, e estando ali alguns meses, sabendo el-Rei D. Manuel que el-Rei de Fez, movido das afrontas que Ihe cada dia os fronteiros faziam, determinava de ir cercar outra vez a Arzila, com muita gente e munições de guerra (como foi e depois alevantou o cerco pola ter bem apercebida); entre outros fronteiros que nela então se acharam foi este ilustre Capitão Rui Gonçalves da Câmara que, de Tânger, donde estava por mandado de el-Rei, se foi a Arzila, por Iho el-Rei assim mandar por uma carta, levando consigo quarenta de cavalo, desta gente nobre que tenho dito, e cinquenta besteiros e outros homens de pé, onde esteve alguns meses até se alevantar o cerco, como acima disse. E por todo o tempo esteve em África um ano, que foi o de mil e quinhentos e onze, pouco mais ou menos.

E o dito cronista Damião de Goes no capítulo terceiro da terceira parte da Crónica de el-Rei D. Manuel diz que estas e outras coisas aconteceram na era de mil e quinhentos e nove e mil e quinhentos e dez e mil e quinhentos e onze, pelo que não se pode entender que fosse este Capitão Rui Gonçalves o terceiro Capitão desta ilha, primeiro do nome, como se diz na relação dos Capitães da ilha da Madeira; pois esse e seu filho João Gonçalves ou João Roiz, que Ihe sucedeu na capitania, já então eram ambos falecidos e já era, nestes anos sobreditos, este Rui Gonçalves da Câmara quinto Capitão desta ilha de S. Miguel, segundo do nome, neto do outro Rui Gonçalves da Câmara, a que alguns sem razão queriam atribuir o sobredito socorro.

E em África fizeram os naturais desta ilha muitas cavalgadas, no tempo que lá estiveram acompanhando seu Capitão, que foi um ano inteiro, onde todos foram armados cavaleiros.

Depois do Capitão fazer estes serviços um ano à Coroa, em África, se veio à Corte com sua gente, bem concertada e muito lustrosa, a beijar a mão a el-Rei D. Manuel, onde, pelos capítulos que dele haviam dado, saiu a sentença contra ele, por onde perdeu a jurdição e capitania, o que vendo ele se deixou andar na Corte seis anos em que veio criar estreita amizade com Jorge de Melo, monteiro-mor, com o qual se concertou que Ihe daria seu filho, Manuel da Câmara, para casar com D. Joana de Mendonça, sua filha, e que Jorge de Melo Ihe entregaria a jurdição e capitania perdida; o que cumpriu daí a pouco tempo, porque uns dizem que um dia ao jantar, outros que uma noite, véspera da festa de Natal, estando o Capitão Rui Gonçalves da Câmara jantando ou consoando, Ihe mandou Jorge de Melo (como tinha impetrado de el-Rei, de que era muito privado) entre dois pratos, por dois criados, a sua jurdição, dizendo que aquela iguaria Ihe mandava Jorge de Melo, com o que Ihe acabou de confirmar também de sua parte a promessa feita, de casar seu filho com sua filha, sem a Capitoa D. Filipa ser sabedora, nem ser contente no tal casamento depois que o soube; mas isso não foi parte para deixar de haver efeito, como houve. E depois contarei, quando tratar do dito Manuel da Câmara, que sucedeu a seu pai Rui Gonçalves da Câmara, na casa e capitania.

Havida a jurdição pelo modo sobredito, tendo feito de custo, nestas idas de Portugal e de África e estada na Corte, perto de vinte mil cruzados, se veio, no ano de mil e quinhentos e dezassete, muito endividado, o dito Capitão Rui Gonçalves da Câmara para esta ilha, onde foi recebido no porto de Vila Franca, quando desembarcou, com muita festa e procissão solene e levado à igreja Matriz do Arcanjo S. Miguel, onde deu muitas graças a Deus, por o trazer livre de tantos trabalhos. Mas os que fizeram os capítulos, não se tendo por livres, cobraram carta de immizidade (sic) contra ele, para que não entendesse em seus casos, nem se antremetesse em coisas suas. E nos sete anos que esteve absente, seu tio, Pero Roiz da Câmara, governou a capitania por ele.

Teve este ilustre Capitão Rui Gonçalves da Câmara de sua mulher, D. Filipa Coutinha, três filhos, Simão Gonçalves da Câmara, Manuel da Câmara e João de Sousa, e duas filhas, D. Hierónima e D. Guiomar. Também teve um filho natural, chamado Miguel da Silveira. Simão Gonçalves da Câmara, o mais velho, morreu mancebo, antes do dilúvio de Vila Franca; todos os mais faleceram no mesmo dilúvio, tirando Manuel da Câmara que não se achou aquela noite na dita vila, como direi adiante.

Procurou este Capitão, em seu tempo, dar lustro a esta ilha, atraindo a si muitos homens honrados, fazendo-lhe todas as honras e favores possíveis. Alguns dizem que ele mandou vir a

***Capítulo LXVIII*** 300

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

semente de pastel, de Tolosa, de França, e muitas aves e árvores diversas. E assim mandou fazer o mais rico pomar de toda a ilha, na sua quinta do Cavouquo (sic) onde tinha uma fonte de água, além de muitas árvores de espinho de toda a sorte que nele havia; não faltavam grandes castanheiros e nogueiras que davam muitas nozes e castanhas, pereiros e pereiras, de que se colhiam em seu tempo infinidade de peros e outras frutas, e esquisitas árvores que com muita curiosidade mandava vir de remotas terras. Fez também, na vila de Alagoa, uns fortes e ricos paços de grão casaria, com compridos esteios de cerne por dentro das paredes, até o sobrado, para assim ficarem mais seguros contra os contínuos terramotos que nesta terra então havia; os quais paços, ainda que estão quase arruinados, mostram a magnificência e grandeza de quem os mandou fazer. Depois os fez consertar o conde D. Rui Gonçalves da Câmara, seu neto. Fez também a quinta do Cavouquo que, por honra de seu autor, deveram de acrescentar e conservar seus ilustres sucessores, já que pelo proveito e refresco, que destas coisas colheriam, o não fazem. Mas a causa disto é por nesta ilha, que é sua morada, serem hóspedes e lá no Reino terem seu principal assento, de que fazem mais cabedal. Mandou também fazer um formoso galeão e bem artilhado, com que se servia das coisas do Reino e de outras partes, quando Ihe era necessário.

Mandou este Capitão em seu tempo fazer muitas atafonas na vila da Ponta Delgada, junto do mosteiro de S. Francisco e abaixo da igreja paroquial de S. Pedro, por aliviar a opressão que o povo padecia em mandar fazer as farinhas aos moinhos da vila da Ribeira Grande, que estavam longe. Mandou trazer de Portugal codornizes e coelhos, que multiplicaram muito. Também mandou trazer perdizes, que se perderam.

Porque (como tenho dito) João de Melo, irmão do dito Capitão, se foi desta ilha, sendo mancebo, fazer frade da ordem de S. Bento, no mosteiro de S. Bernardo em Portugal, e nunca fez partilha nem pediu sua parte ao dito Capitão, depois da morte de seu pai e mãe; falecendo o dito João de Melo, mandou o prelado daquele mosteiro onde ele professou arrecadar a fazenda que Ihe cabia da sua herança, havendo-a por sentença julgada, a qual dizem que montaria mil cruzados, pouco mais ou menos. Veio o Capitão a pagar e entregar tudo, uns dizem que ao procurador do mosteiro, outros que, por João Pardo, homem nobre, veador de sua casa e seu ouvidor muitos anos, enviava os mil cruzados em dinheiro e juntamente muitas peças de ouro e prata e móvel rico de casa, como foram duas baixelas de prata branca e outra dourada, um cavalo muito formoso, três ou quatro pipas de cadeiras de estado com a guarnição de veludo e outras coisas a seu filho Manuel da Câmara que estava no Reino, e por isto e a contia da dívida fazerem muita soma, ou por ele o pagar de má vontade, que Ihe deu trabalho a juntá-lo, pelo tomar em tempo que ainda não tinha acabado de sanear as feridas dos vinte mil cruzados que gastara em África e no Reino, recolhendo-se depois de jantar a descansar em seu leito, deu a alma a Deus que a criou, sem mais estrondo nem rumor da morte trabalhosa. E não faltou quem dissesse que morreu assim agastado de se Ihe cobrir o coração pelo dinheiro que entregou. Mas o certo é que acabou como acabaremos todos. A Capitoa D. Filipa, vendo que era tarde, o foi acordar por não dormir tanto, e achando-o com o sono da morte, se tomou a casa, e a vila da Ponta Delgada (onde faleceu uma quarta-feira, vinte dias de Outubro da era de mil e quinhentos e trinta e cinco anos) e depois a ilha em redondo, toda um grito e pranto, pela perda de tal senhor.

Era de idade perto de sessenta anos, ao menos dos cinquenta e cinco para cima, dos quais governou a capitania (entrando os sete anos que, em sua absência, foi seu logotente seu tio Pero Roiz da Câmara) trinta e três anos.

Foi sepultado na capela-mor do mosteiro de S. Francisco. Tinha ele e a Capitoa D. Filipa feito juntamente um testamento em que mandaram fazer muitas obras pias (ficando um por testamenteiro do outro) aos vinte e nove de Janeiro de mil e quinhentos e vinte e quatro anos, em que nomearam por herdeiro a seu único filho Manuel da Câmara e o mesmo e seus descendentes deixaram também por testamenteiros. Mandou dar largas esmolas a pobres envergonhados e vestir logo doze, e dizer muitas missas, anais, capelas e trintairos (sic), e algumas cantadas, em cada um ano para sempre, e que do remanescente de sua terça (a que couberam novecentos e quarenta e um mil e dezasseis réis) o seu testamenteiro tirasse cada um ano dois cativos de terra de mouros, os mais desamparados e sem remédio que achasse.

A Capitoa D. Filipa foi sempre muito virtuosa e de muitas esmolas, e discreta em saber repartir. Afeiçoada a pessoas virtuosas e religiosas, folgava de falar com pessoas discretas, pela qual razão falava com poucas mulheres; era de grande autoridade na pessoa e na fala, muito caridosa com os enfermos de sua casa e de fora, de tal modo, que pelo mais pequeno

***Capítulo LXVIII*** 301

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

negrinho de sua família, gastara liberalmente toda sua fazenda para Ihe dar saúde; havia de ver fazer as mezinhas que se ordenavam para os seus doentes. Não queria ouvir dizer mal de ninguém. Se no povo, ou entre oficiais de justiça, ou religiosos, havia discórdias, procurava pôr paz. Tinha cada dia, antes de comer, sua oração secreta diante de um retábulo onde estava um crucifixo, em que chorava muitas lágrimas. Todos os dias ouvia missa que mandava dizer em sua casa e sempre teve capelão até que faleceu. Quando era casada, mandava fazer muitos vestidos afim de os dar por amor de Deus, o que fazia secretamente.

Fez de sua terça a maior parte do mosteiro da Esperança, na vila da Ponta Delgada, em que recolheu as freiras de Vale de Cabaços, da vila de Água do Pau, em uma terra que Fernão do Quintal e sua mulher deram para se fazer o dito mosteiro; e depois fez umas casas encostadas a ele, em que morou viúva muitos anos, e por sua morte Ihas deixou. Depois do mosteiro acabado, fez tresladar os ossos de seu marido para a capela dele. Recebeu os sacramentos necessários antes de seu falecimento (havendo trinta dias depois de um acidente que Ihe deu) com dizer muitas palavras devotas e discretas, que em sua enfermidade sempre teve; faleceu de idade mais de oitenta anos, dia de Janeiro de madrugada, acabando o ano de mil e quinhentos e cinquenta e entrando o de cinquenta e um. Foi enterrado seu corpo, vestido no hábito de Santa Clara, na sepultura do Capitão seu marido, no mosteiro das Freiras da Esperança, onde mandam cantar dois anais. Mandou dizer muitas missas e trintairos, aprovando o que seu marido e ela mandaram em o testamento que ambos ordenaram. Fizeram-se solenes ofícios por sua alma. Deixou as casas em que vivia, junto do mosteiro da Esperança, e dois moios de terra no termo da vila da Alagoa ao mesmo mosteiro, por trinta e tantos moios de trigo que Ihe tornou na Salga, da Achada dos Fanais da Maia, para dar a seu filho Manuel da Câmara, que ficou por administrador e testamenteiro, a qual terra rende para sempre dois moios de trigo cada ano. Foi sentida sua morte de todo o povo e muito mais de muitos pobres que ela com suas esmolas sustentava.

***Capítulo LXVIII*** 302

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

**CAPÍTULO LXIX**

DE ALGUMAS COISAS QUE PRECEDERAM O TREMOR DA TERRA, QUANDO SE SUBVERTEU VILA FRANCA DO CAMPO, QUE ACONTECEU NO TEMPO DE RUI GONÇALVES DA CÂMARA, QUINTO CAPITÃO DA ILHA DE S. MIGUEL, SEGUNDO DO NOME

Certo sabemos que muitas coisas, primeiro que se viessem a efectuar, andaram muito tempo na boca das gentes, sem saber donde nasceu a tal opinião. Assim a destruição de Vila Franca do Campo que quero contar, primeiro se dizia que viesse, ora procedesse de revelação divina, posta na boca dos meninos para denunciarem o castigo que Deus queria dar àquela vila, ou de outra qualquer causa.

E poucas vezes manda Deus a execução de sua justiça, para castigar os pecadores, sem primeiro (para citação das partes) mandar pregoeiros e mensageiros que declarem o rigor da sentença que ele tem dada na sua mente divina, como as visões e sinais que se viram sobre Hierusalém (328), antes de ser destruída por Tito e Vespasiano, e outros muitos pronósticos (sic) de desolações futuras de lugares e povos, que antes de serem chegadas já eram sabidas e apregoadas, até pela boca de meninos, de que não faço particular menção por evitar prolixidade.

Assim, querendo Deus castigar Vila Franca do Campo, a mais populosa vila destas ilhas dos Açores, onde com a grande abundância e viço vicejaram muitos males naquele antigo tempo fertilíssimo, sem saber donde nascera o prognóstico, permitiu Deus que andassem os meninos inocentes alguns dias dantes de seu dilúvio (como alguns Ihe chamam), apregoando pelas ruas que havia de vir cedo, e na sua véspera diziam claramente: amanhã havemos de morrer todos e se há-de alagar esta vila. Seus vizinhos diziam uns a outros: dizem que nos havemos de alagar esta noite; ceemos bem e morreremos fartos. E uns compadres diziam a outros: compadre, comamos hoje nossos capões, pois que havemos de morrer amanhã; tão cego andava todo aquele povo que em lugar de temer e tremer e fazer penitência, zombando se dava e entregava mais a deleites e manjares. Todavia, alguns temendo, fugiam para outras partes, outros, não o crendo, ficavam na vila, outros escaparam fora em suas quintas onde moravam, outros, por acudirem a seus negócios, se iam a suas granjearias fora dela, como aconteceu a alguns que irei dizendo.

Antes desta subversão e tremor da terra que quero contar, veio ter a esta ilha um padre pregador da ordem de S. Domingos, chamado Frei Afonso de Toledo, o qual, dizem, era irmão do arcebispo de Toledo e parente chegado do duque d’Alva. A causa de sua vinda a esta terra, dizem ser porque, no tempo das comunidades que houve em Castela, era ele um dos comuneiros, e dizem também ser o abade de Tentule (sic) que pretendia ser Bispo de Çamora, e o de Çamora arcebispo de Toledo. Este pregador, dizem alguns que naquele tempo pregara, aqui na vila da Ponta Delgada, que se havia de alagar uma vila ou ilha; outros dizem que não pregava senão que se emendassem todos nesta ilha e fizessem penitência, porque Ihe arreceava vir sobre ela grande castigo, pelos males e pecados que via na gente dissoluta, com a grande abundância e fartura que então havia nesta ilha, onde todos viviam ricos e abastados, sem se achar um pobre a quem se pudesse dar esmola, para o que fazia fazer algumas procissões muito devotas, o que parece ser assim; porque, como outros antigos contam, foi chamado o dito pregador uma sexta-feira, seis dias antes da subversão, de mandado do ouvidor do eclesiástico; do qual perguntado deste caso, como sabia que se havia de alagar esta ilha, respondeu: *No digo io esso, sino que será lo que Dios quisier*e; dizendo que pregava contra os vícios que via, arreceando que viesse algum grande castigo por eles.

Véspera da subversão, o tornou a mandar chamar o ouvidor do eclesiástico da (sic) Ponta Delgada; e chegando à Vila Franca já tarde, chamando à porta do dito ouvidor para falar com

***Capítulo LXIX*** 303

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

ele, Ihe foi dito de sua parte por um pagem de casa que ao outro dia Ihe falaria; ao que respondeu Frei Afonso: *Puede ser que mañana no me podra habla*r; a qual palavra o dito pregador confessou depois a algumas pessoas nobres que a dissera assim à ventura, sem adivinhar o que havia de ser. Também não passou assim o que outros contam dele, que acabando de dizer esta palavra, se foi além da ribeira, a uma pousada de um homem pescador, chamado o Gago, que servia de estalagem, onde estando recolhido em oração, mandou um seu moço fora, olhasse se via alguma coisa para a parte do mar, e tornando o moço dizendo que não via nada, o tornou a mandar com aquela sete vezes, e na derradeira Ihe disse o moço que vira uma nuve (sic) pequena, como pegada de um homem, subir do mar, e que então dissera o dito pregador que era chegada a hora que se havia de destruir Vila Franca. A qual história, posto que ele estivesse então recolhido naquela estalagem onde soía pousar, não passou assim. Mas alguns, não certos relatores, Iha aplicaram, sendo caso que aconteceu a Elias, profeta, no Monte Carmelo, como se pode ver no fim do décimo octavo capítulo do terceiro Livro dos Reis.

Gomes Fernandes, homem nobre, que depois viveu no lugar do Faial, oito dias antes do terramoto, se partiu de Vila Franca para a ilha da Madeira, e o dia que se subverteu a dita vila sentiram os marinheiros e passageiros tremer a nau no mar; e chegando à ilha da Madeira, acharam nova que era perdida esta ilha de S. Miguel, do que eles se riram e disseram que tal não era. Mas não tardou muito um navio que foi desta terra, com o qual se soube que era destruída Vila Franca.

Segunda-feira, dois dias antes do dito tremor, se foi Pero da Costa embarcar com duas suas irmãs, Isabel da Costa, que depois se chamou Isabel do Espírito Santo, e Maria da Costa, que depois, sendo freira, foi seu nome Maria da Trindade, que então eram moças solteiras, e partindo de Vila Franca, onde moravam, para a Povoação Velha, para governar a fazenda de seu pai, que lá tinha, ainda que então também era mancebo bem moço, ia para começar a lavrar e semear as terras, com as ditas irmãs, para ministrarem o mantimento à gente de casa. Deitado o batel ao mar para fazerem sua viagem e saídos do porto tanto como meia légua, sendo ante-manhã uma hora, não taparam a jaja do batel, pelo que fez tanta água que não lha podendo tomar, se tornaram ao porto donde haviam partido, e daí para casa, onde ficava seu pai e mãe e outros irmãos.

À terça-feira seguinte, de madrugada, querendo-se embarcar só no mesmo barco o dito Pero da Costa, oferecendo- se suas irmãs sobreditas a ir com ele, como dantes iam, Iho quisera estorvar sua mãe; mas uma das irmãs, Isabel do Espírito Santo, que desejava ir, por ver ser assim necessário, ainda que a outra tinha pouca vontade e a mãe muito menos, posto que porfiava, já cessava sua ida; todavia, como Deus as tinha guardadas para serem suas servas, como tanto depois foram, veio Maria da Trindade conformar-se mais com a vontade da outra irmã, e partindo, chegaram com boa viagem à Povoação, terça-feira ao meio-dia. A horas de véspera, Ihe pediu um vaqueiro de seu avô o barco, para nele vir a Vila Franca buscar coisas necessárias para o monte, e chegando com seus companheiros, varando o barco no porto da vila, donde havia partido, se recolheu a negociar e negociou para sempre, porque a madrugada seguinte foi espantoso tremor e coberta a vila de terra, onde ele e todos os demais ficaram sepultados.

Eis aqui como escapam muitas vezes vivos, pelos rodeios que Deus ordena, os que estavam no perigo, e vão buscar de perto a morte os que estavam fora e longe dela. Assim ficaram vivas as duas irmãs, como treslado (sic) da vida contemplativa que depois tiveram, com seu irmão, não menos servo de Deus na outra vida activa, em que, por muitos anos que viveu naquela vila, depois de reparada ou de novo feita, Ihe fez muitos e notáveis serviços, dignos de celestial galardão e perpétua memória, ficando também sepultada toda a mais casa de João de Arruda, pai do dito Pero da Costa, na dita vila, convém a saber, sua mulher e duas filhas e um filho e um escravo e uma escrava. Mas João de Arruda por ter que fazer na Ponta Delgada, para onde também André Gonçalves de Sampaio, chamado Congro, estava de caminho, para se recolher a sua fazenda do lugar de Rosto de Cão, ordenaram de irem ambos em companhia, e estorvava-se a ida por faltar uma cilha para a besta em que havia de ir a mulher de André Gonçalves, pelo que cessava sua partida; mas tinha-lhe Deus dado vida, porque João de Arruda Ihe ordenou de uma corda remédio, pelo que fizeram seu caminho e escaparam, ficando a mais gente de sua casa soterrada debaixo da terra, como todos os mais da vila ficaram. Donde se podem conjecturar outros muitos acontecimentos semelhantes, que haveria então em um povo tão grande.

***Capítulo LXIX*** 304

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

Também o Capitão Rui Gonçalves da Câmara, três ou quatro dias antes do tremor, se queria partir só, de Vila Franca onde morava, para uma sua quinta do Cavouquo (sic), que tinha acima da vila da Alagoa; mas por D. Filipa Coutinha, sua mulher, ter ciúmes dele, o quis acompanhar na jornada, deixando na dita vila filhos e filhas e toda a mais gente de sua casa. Alguns dizem que queriam levar consigo seu filho Manuel da Câmara, que era então de pouca idade, contra sua vontade, querendo ele antes ficar com suas irmãs, para o qual fim foi à estrebaria encravar a mula em que havia de ir, por ao tal tempo andar de amores na dita vila. Outros dizem que seu pai e mãe o deixavam ficar com os mais de casa, e partidos, ele como moço de pouca idade e muito mimoso, os vinha de trás seguindo e por mais que o Capitão o fazia tornar para a vila, não deixava ele de os seguir, até que por rogos dos cavaleiros que o iam acompanhando, o mandou tomar às ancas de um e levou consigo para o Cavouquo, com que escapou da morte, ficando morgado e herdeiro da casa de seu pai, por falecer em Vila Franca seu irmão mais velho, que o era, com toda a mais gente da dita casa.

A própria noite da subversão de Vila Franca, houve homem que ouviu um ronco muito grande vir da banda do noroeste e ir para oriente, e chegando o dito ronco como sobre a vila de Água do Pau, começou tremer a terra.

***Capítulo LXIX*** 305

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

**CAPÍTULO LXX**

DO GRANDE E FURIOSO TREMOR OU TERRAMOTO DA TERRA QUE HOUVE NA ILHA DE S. MIGUEL, EM TEMPO DE RUI GONÇALVES DA CÂMARA, QUINTO CAPITÃO DELA E SEGUNDO DO NOME, COM QUE SE SUBVERTEU VILA FRANCA DO CAMPO, A MAIS NOBRE E PRINCIPAL DAS VILAS QUE NELA HAVIA

Deus, que é causa primeira de que tudo depende, quando por seus justos e ocultos e às vezes manifestos juízos, quer castigar algumas das criaturas que ele criou, toma por instrumentos as causas segundas, que são os elementos; e às vezes, contra grandes e desaforados males, coisas pequenas e baixas, como são os bichinhos da terra, ou a mesma terra, como a tomou nesta ilha de S. Miguel para cobrir e assolar a mais populosa vila que nela e em todas as ilhas dos Açores naquele tempo havia, chamada Vila Franca do Campo, onde residiam os ministros da justiça eclesiástica e secular, e a mais nobre gente da ilha tinha suas moradas, e estava o porto principal, e escala, e alfândega, e ricos e grossos lavradores e mercadores; o que tudo veio a parar em dores, com vários e desastrados casos, que em sua subversão aconteceram, como agora direi, para com tal exemplo ser Deus engrandecido em seu poder e temido em seu juízo e castigo.

Em tempo que governava esta ilha de S. Miguel o muito ilustre Rui Gonçalves da Câmara, quinto Capitão dela e segundo do nome, servindo de seu ouvidor Antão Pacheco, e sendo ouvidor do eclesiástico Simão Godinho, na era de mil e quinhentos e vinte e dois anos e vinte e dois de Octubro da dita era, sendo quarto dia de lua, em uma quarta-feira, menos de duas horas antemanhã, não havendo sinais do céu, nem da terra, mais que a notícia confusa e voz e murmurinho do povo, que atrás tenho dito, estando o tempo sereníssimo, sem fazer bafo de vento que então era levante, estando o céu estrelado e claro, sem aparecer nuvem alguma, se sentiu em toda a ilha um grandíssimo e espantoso tremor de terra, que durou por espaço de um Credo, em que parecia que os elementos, fogo, ar e água, pelejavam no centro dela, fazendo-a dar grandes abalos, com roncos e movimentos horrendos, como ondas de mar furioso, parecendo a todos os moradores da ilha, que se virava o centro dela para cima e que o céu caía. E acabando o espaço do Credo, ou de um Pater-Noster e Avé Maria a todo mais, e ainda não foi tanto, tornou outra vez a tremer mais brandamente outro tanto; a horas de terça, no mesmo dia, tornou a tremer muito rijo por pouco espaço; ao meio dia tremeu outra vez, e à véspera, outra.

Do primeiro tremor antes que amanhecesse, arrebentou e quebrou grande quantidade de terra, correndo por muitos lugares, dos baixos para os altos, e de outras partes, dos altos para os baixos; principalmente sobre Vila Franca quebrou grande quantidade de faldra de um monte, do pé da serra, que está sobre ela; e alagando-a e cobrindo-a de terra, lodo e alguns grandes penedos, da banda do norte, totalmente a subverteram.

Em uma só triste noite foram acabadas muitas vidas e ficou tudo tão coberto, que nem nobres casas, nem altos edifícios, nem sumptuosos templos, nem nobres e vulgares pessoas pela manhã apareceram, ficando tudo raso e chão, sem sinal nem mostra onde vila estivesse, porque com o tremor caíram os mais dos edifícios primeiro e a casaria, que acolheu a mais da gente debaixo, depois, sobrevindo a terra correndo, arrasou tudo, como raio ligeiro que desbarata quanto acha mais forte e duro.

Da ribeira para a parte do oriente, onde estava a vila, tudo foi assolado e os moradores todos quase mortos. Somente na mesma ribeira, para o ponente, escaparam algumas casas, delas caídas, onde ficaram vivas até setenta pessoas, pouco mais ou menos, as quais todas começaram a dar grandes gritos, chamando uns por Deus, outros por Santa Maria, na qual aflição Ihe foi grande consolação a presença e doctrina do padre Frei Afonso de Toledo, que com eles escapou no mesmo arrabalde, amoestando-os que se confessassem e pedissem a

***Capítulo LXX*** 306

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

Deus misericórdia, pondo por intercessora a Virgem Nossa Senhora, a que fez fazer uma casa de invocação do Rosairo, onde depois se fez mosteiro de frades franciscos, porque o que estava arriba da vila, quase ao pé da serra, foi o primeiro edifício que se cobriu de terra, onde morreram até vinte pessoas, entre sacerdotes e coristas e hortelão.

Dois homiziados que ali estavam, sentindo o tremor, fugiram por uma rua abaixo, bradando à gente que fugisse; um deles alcançou a terra e morreu; o outro, fugindo mais prestes, escapou; e sós três frades escaparam, que foram do mosteiro para a vila, não se sabe como, se por seu pé, se por os levar a terra sobre si, até junto onde está agora o mosteiro das freiras, e aí se tiveram em uns dragoeiros derrocados e caídos.

Pouco antes disto havia que eram vindos dois clérigos do bispado do Algarve, fugidos das asperezas do Bispo, que os tratava muito mal; um deles, homem de respeito e de idade de cinquenta anos arriba, e outro, mancebo, e se recolheram em uma casa sobre a ribeira, onde ambos pousavam e, como não ficaram muito cobertos de terra, os comeram os cães.

Uma menina, de idade de três ou quatro anos, que depois foi mulher de um Fernão Pires, escapou em cima de uma tábua, não se sabe como, mas o pai e mãe e toda mais gente de casa ficou soterrada e morta.

Um padre, chamado Álvareanes, beneficiado na dita vila tinha uma negra, a qual, ficando a casa de seu senhor coberta da terra e ele soterrado nela, foi sã e salva, estando na mesma casa, ao barco em que havia vindo o barqueiro atrás dito, da Povoação, o qual estando varado, parece que o ímpeto da terra o levou ao mar e pela manhã apareceu a negra dentro dele, onde se salvou.

Da banda do ponente da ribeira, onde estava a cadeia, foi também correndo a terra, encostando-se a ela, mas não a derribando, escaparam os presos, os quais logo foram soltos pela gente que acudiu. Abaixo da cadeia morava uma mulher viúva, a qual, alevantando-se da cama pelo tremor que ouvira, abrindo a porta, deu o entulho da terra ou barro nela, encostando-a a uma das ombreiras da porta, e ainda que a não cobriu de todo, ali apareceu, ao outro dia, entalada e morta. Dali foi correndo uma lista de terra ao longo da ribeira, onde havia mui formosa casaria, a qual também toda se destruiu e morreu toda a gente que nelas morava, salvo Estêvão Nunes de Atouguia e um negro seu, o qual, ouvindo o tremor, se saiu de uma câmara que estava da banda da ribeira, por onde ia a maior força da terra, para a sala, e ali escapou, ainda que da mesma sala ficou pouca parte em pé. Isto era às costas da ermida de Santa Catarina. Dali para o ponente, onde havia poucas casas, escaparam todas e os moradores delas, que seriam (como já disse) setenta almas.

O Capitão Rui Gonçalves da Câmara, que era ido, dois ou três ou mais dias havia, para uma sua quinta do Cavouquo com sua mulher D. Filipa e seu filho Manuel da Câmara, lá escaparam; mas suas casas, ainda que estavam desta mesma parte da ribeira, chegadas a ela, se perderam e nelas Ihe morreram duas filhas, D. Hierónima e D. Guiomar, e seu filho morgado, e uma sua irmã, chamada D. Melícia, e um filho natural, com muita gente que ficou em casa.

Escapou também Augustinho (sic) Imperial, genoês, e sua mulher Aldonça Jácome, saindo da câmara para a sala, e quantos ficaram nas outras casas morreram.

Assim que correndo esta terra logo no princípio, assolou a vila toda em tão breve espaço que se não pôde ninguém salvar, e tomou grande posse do mar, entrando por ele.

Ficaram também outras duas casas em pé à borda dele, porque ia a terra cansada e não com tanta fúria: uma foi a de Rui Vaz da Mão, por cansar ali o entulho da terra que corria, cobrindo um dos dois sobrados que a dita casa tinha; a outra era de João d’Outeiro, um dos mais ricos homens desta ilha, que foi sogro de D. Gilianes da Costa; mas as câmaras e recâmaras ficaram mais danificadas.

Muitos se acolhiam dos lugares onde a terra que corria não chegou para a igreja de S. Miguel, principal, cuidando ter nela refúgio, e os afogou o lodo e polme, que já ali não corria com muita pressa e ligeireza, senão com algum vagar; quase como foi aqui o biscoito que correu na vila da Ribeira Grande e outros biscoitos que correram vagarosos; pelo que parece que se correra de dia, tomando a gente acordada, que vira por onde e para onde fugia, se salvaríam quase todos os que as casas caídas não mataram; mas como era de noite, no quarto da modorra, quando dorme quem de noite às vezes não pode dormir, alcançou tantos a morte

***Capítulo LXX*** 307

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

dormindo e amanheceu-lhe aquela noite na outra vida aos que, vigiando, pode ser que ficaram ainda vivos nesta. E não seria para eles grande mal amanhecer na outra vida, ou dormindo acordar lá, se não houvesse ali alguns dormentes em pecado mortal, que com culpas mortais amanhecessem na noite do inferno para sempre.

Está o monte donde arrebentou a terra, como sabão e pedra pomes tudo misturado, um quarto de légua da vila que cobriu; com o qual polme saíram grandes penedos pela concavidade da ribeira, por onde ia a maior quantidade e enchente dele, um dos quais ficou abaixo do mosteiro de S. Francisco que então havia, de cujas oficinas não ficou figura alguma, nem rasto. E outro penedo muito grande atravessou a vila toda, da serra ao mar, onde se foi assentar no porto antigo, que então servia, entrando pela água alguns quarenta passos e, chegando ao lugar onde está posto, e aparece parte dele sobre as águas, quase defronte da casa que foi de Jorge Furtado; parece que não podia trazer outro caminho senão pela igreja principal, que era um sumptuoso templo do Arcanjo S. Miguel, que havia pouco tempo que se acabara, mas em mais poucos acabou de desaparecer de todo.

Havia no porto então quatro ou cinco navios, abrigados ao ilhéu, para partirem para Portugal, o que foi causa de morrer mais gente ali, onde se ajuntava de toda a ilha para fazer aquela viagem.

Depois de coberta a vila da terra corrida, e sendo já dia claro, se ajuntavam algumas pessoas que viviam pelos montes e nas quintas e os que ficaram vivos no arrabalde, espantados todos dos grandes tremores e estrondos que ouviram, e vendo a vila no estado em que estava, pasmavam.

Foi um deles dar as tristes novas ao Capitão Rui Gonçalves e sua mulher D. Filipa Coutinha e a seu filho Manuel da Câmara (que estavam na sua quinta do Cavouquo, três léguas da dita vila assolada) que então seria de catorze anos, como alguns dizem; o qual Capitão, com grande tristeza e maior pressa, acudiu logo a ver o que era e chegando à grota do Barro, que está perto da vila, não pôde passar por estar arrasada de lodo; pelo que foi buscar outro passo mais arriba para a serra, por onde passou. Chegando à vila, não viu figura nem sinal dela, nem os soberbos paços de grande casaria, nem filhos e filhas, irmã, criados, criadas, escravos, escravas e a grande família que ali poucos dias antes tinha deixado. Tudo estava coberto de terra e campo raso que agora serve de lavoura e onde estão ricas hortas e muitos pomares.

Chegou neste tempo também à dita vila o contador Martim Vaz Bulhão e outra muita gente de toda a ilha, ajuntando-se com a que ali escapou, todos tão desconsolados e tristes, como tal perda a tal tempo requeria; e estando presente o pregador Frei Afonso de Toledo (que com suas pregações foi grande alívio e consolação para as relíquias do povo que escaparam) Ihe fez fazer a ermida de Nossa Senhora do Rosairo, que tomaram por advogada, a qual brevemente fizeram em poucos dias e com muitas lágrimas e devaçam (sic), acarretando todos a pedra, madeira e achegos necessários, a seus próprios ombros, em a qual se recolhiam e foi sua paróquia alguns dias, servindo-lhe, dantes dela feita, de freguesia a ermida de Santa Catarina, que escapou sem cair.

Fez também o dito pregador fazer um voto a todos de irem a esta casa do Rosairo com procissão, todas as quartas-feiras, e dizerem uma missa, que ao seu dia dizem, e de que há confraria, em memória daquela quarta-feira, triste dia, indo ali procissões de noite ou de madrugada, o que se cumpriu sempre; mas de poucos anos a esta parte, por algumas justas e honestas razões, já cessaram, fazendo-as cada ano, de dia, em toda a ilha.

O Capitão Rui Gonçalves da Câmara, ainda que mui sentido com a mágoa de perder filhos e filhas, parentes e família, antes de acudir a sua casa, fez fazer uma procissão em que foi direito, com todo o povo, ao lugar em que estivera a igreja de S. Miguel, onde mandou cavar primeiro tanto, direito do altar da capela-mor, esforçando o povo, até que os que cavavam entenderam cavando que primeiro com o tremor fora derribada e depois correra a terra sobre ela e sobre a igreja, também caída, em pouca altura. E buscando no sacrário o Santíssimo Sacramento, o não acharam, senão somente um pequeno cofre em que estava dantes e costumava estar, já aberto e com uma lasca quebrada. E, não o achando dentro, começaram a dar grandes gritos e, com um grande coro, derramar muitas lágrimas, não sabendo se o levara o lodo para o mar, ou os anjos para o Céu, pedindo todos a Deus misericórdia e perdão de suas culpas, vendo tal maravilha, entendendo que seus pecados foram causa de seu Deus se absentar deles; e esta foi, para todos os que ali se acharam, a maior e mais triste de todas as mágoas.

***Capítulo LXX*** 308

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

Parece que nem a terra que correu levou o Santíssimo Sacramento, pois o cofre estava cerrado (ainda que a fechadura aberta e uma lasca pequena dele fora), nem os anjos o levaram para o Céu, ou ele mesmo subiu lá; mas ele se foi ou o levaram os anjos pelos ares a algum sacrário de alguma igreja mais perto da dita vila, como é a igreja da vila de Água do Pau, onde conjecturo que o puseram, por alguns sinais que algumas pessoas disto viram, como foi um Fernão Vanhegas, castelhano, e outras pessoas que então se acharam em Vila Franca; os quais estando no arrabalde, viram alevantar pelo ar, do lugar onde a igreja matriz estava, uma grande claridade e logo disseram todos que era o Santíssimo Sacramento que alguns anjos levariam para o pôr em algum sacrário de outra igreja, que devia ser, como tenho dito, a da vila de Água do Pau, que estava mais perto. Concorda com isto o que aconteceu a uma Constança Vicente, que foi casada duas vezes, a primeira com um João Pires, de que estava viúva no tempo da subversão de Vila Franca, a segunda com um João Pequeno, de que também viuvou; a qual, estando aquela noite na mesma Vila Franca, no sobrado de sua casa, fiando à roca, com o tom dela não sentiu o tremor, e ouvindo rumor de uma procissão e som de campainha, cuidou que levavam o Santo Sacramento a algum enfermo; cuidando nisto, com um bafo de vento se Ihe apagou a candeia; indo então à cozinha para a acender, achou-a derribada com o tremor que ela não sentiu. Depois, por não acharem o Santo Sacramento no sacrário de Vila Franca, quando cavando o buscaram, se suspeitou que aquela procissão e rumor, que aquela mulher ouvira, seria de anjos que o levavam para o pôr em algum sacrário com outras hóstias sagradas, ou para onde Deus ordenaria. E posto que a igreja matriz da vila de Água do Pau caiu aquela noite, não houve lesão no sacrairo onde o Santissimo Sacramento estava, nem se achou menos.

Depois mandou cavar o dito Capitão em outras partes, e muitas pessoas de toda a ilha, que ali tinham suas casas, parentes, amigos e conhecidos, mandaram cada um cavar onde Ihe doía, uns para tirar os corpos mortos, outros para ver se achavam dinheiro e alfaias que tinham em suas casas, outros para fazer o mesmo aos corpos e fazenda de seus parentes e conhecidos. E assim se cavava em muitas partes da vila juntamente cada dia, e a uns achavam mortos pelas ruas, outros em suas casas e leitos, entre os quais achavam alguns vivos, como foi um João Cordeiro, que depois foi beneficiado na freguesia de S. Sebastião na cidade de Ponta Delgada; e um moço, chamado Adão, se tirou debaixo de uma casa e viveu servindo na Casa da Misericórdia da dita cidade muitos anos.

Em outra casa escapou um Simão Lopes, que esteve dois dias debaixo da madeira da casa, ao longo de uma empena, coberto de terra, e indo um seu filho por cima dela chorando, ouvindo-o ele, chamou pelo filho a brados, dizendo: Domingos, Domingos; cavando então ali, o tiraram e viveu depois muitos anos.

Cavando e sem cavar achavam muitos homens e mulheres mortos e vestidos, uns com um braço alevantado, outros com as cabeças, outros com os pés, parecendo claramente que com o tremor fugiram dele e a terra os tomara assim fugindo e os envolvia em si ou consigo, da maneira e postura em que os achavam.

O pai de Nuno de Atouguia mandou a uns seus escravos, que levava consigo, que cavassem em um certo lugar, onde ele tinha sua casa e dantes morava, prometendo alforria ao que Ihe achasse o cofre do seu dinheiro; e em poucas enchadadas deram com ele, o que mostra não ter muita altura a terra que correu naquela parte, ou que primeiro caíram algumas casas com o tremor, que alagadas depois com o lodo que sobreveio, ficava dele pouca grossura sobre elas e em cima das coisas, que com pouco cavar e menos trabalho se achavam (como se viu depois, dali a muitos anos, que cavando para fazer outra coisa no lugar onde esteve a igreja matriz, em mui pouca altura, quase à superficie da terra, se achou uma caixinha dos Fiéis de Deus, com alguns ceitis ferrugentos, que não havia então outra confraria na freguesia principal e acharam campas e outras coisas); o qual cofre de Nuno de Atouguia desacravaram, tendo bem que fazer seis homens em o levar, e por também estar a terra mole feita massapez, pela qual se não podia bem andar. E o escravo que primeiro deu com o cofre, vendo-o em salvo, pediu ao senhor que o forrasse como prometera; ao qual Ihe respondeu que o dissera zombando, mas importunado do escravo Ihe deu carta de alforria.

Com a pressa do correr da terra, uma mulher se apegou em uma tábua e a corrente a levou ao mar, aonde andando na tábua, foi ter a um penedo muito grande que a mesma terra levou, que está hoje em dia no mar, onde estava dantes o porto da dita vila; e pondo-se sobre ele, foi depois um batel de um navio, que no porto estava, a tomá-la, e assim se salvou e achou sobre as líquidas águas a vida que na massiça terra houvera de perder, se nela ficara.

***Capítulo LXX*** 309

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

Na mesma quarta-feira da subversão da vila, que foi de noite, em amanhecendo, entre outras coisas que se acharam, viram uma menina de dois até três anos, pouco mais ou menos, estar sobre umas tábuas, brincando com umas palhas, que parece serem as tábuas e as palhas da cama em que jazia quando o tremor veio; e pondo umas tábuas sobre o lodo, por elas a foram tirar das outras tábuas; a qual foi conhecida por filha de um homem principal e rico, e depois a deram a criar e casou na mesma vila, que se tornou a reedificar da outra parte da ribeira.

Em outra casa onde morava um negro, casado com uma negra, sentindo ele o tremor, se levantou da cama e fugindo, não apareceu mais, pelo encravar a corrente da terra. Mas a negra dormindo, por cima do lodo e polme que corria, foi ter junto do mar, na cama em que dormia, e ali acordou, quando com as mãos deu no lodo, espantando-se e cuidando que era água que chovera na sua cama, mas vendo o que era, se saiu de gatinhas fora, por cima do lodo, para onde ele não chegava, e assim escapou. E escapa quando Deus quer a que dormia e o que dorme; e morre o que vigia e foge, como morreu o marido desta, que vigiava; porque, como diz David, se o Senhor não guarda a cidade, em vão vigia o que a guarda.

Muitas pessoas se enterraram fora de suas casas, que iam fugindo, e depois achadas, as enterraram no adro, onde outras morreram por fugirem para a igreja. E muitos e mais foram os que desta maneira morreram, que os que ficaram debaixo das casas; nas quais se achou muito dinheiro daqueles defuntos e todo por mandado do Capitão se depositava na mão de um depositário, que se chamava João Loução, e de outras pessoas.

Poucos tempos há que um Sebastião Pires (que escapou daquele dilúvio, cortando a tranca da porta com um machado, que já com o lodo a não podia abrir, e fugiu atolando já pelo mesmo lodo até o joelho), achou, cavando, uma taça de prata e conhecendo cuja era, a deu a seus herdeiros.

Cavando em uma casa, acharam marido e mulher e filhos, todos deitados em uma cama, com uma trave atravessada por cima de seus pescoços, que todos os afogou. E porque cansavam muito os homens cavando, todo o fato e dinheiro que tiravam Ihe davam de meias. Iam enterrar os corpos mortos onde estivera a igreja principal.

Estando a terra que correu sobre a vila, dali a muitos dias, como lêveda e bêbeda da água, pondo os pés em uma parte dela, tremia em outra dali a certo espaço, como faz o caramelo, e por isso andavam por cima de tábuas que punham sobre ela, enquanto esteve desta maneira brande e mole.

Outro Simão Lopes, homem solteiro, de fora desta ilha, ficou em uma casa em que morava, debaixo da terra que correu, onde agora chamam as Hortas e dali foi tirado vivo e viveu depois muitos anos.

Um Diogo Pinheiro, sacerdote, que depois foi capelão na Casa de Misericórdia da cidade, também escapou vivo. E um homem, por alcunha o Calcafrades, que morava arriba da vila, onde agora se chama a Abegoaria, ali Ihe escapou a casa e curral com o gado, sem morrer ninguém dentro, nem pessoa, nem gado, porque cercou a terra a casa e curral por todas as partes sem a cobrir, estando no princípio da maior força da corrente da terra, por estar ao pé do pico que correu; o qual não correu todo, mas uma pequena parte, que seria como a vigésima, e não parece que saiu debaixo do centro aquela terra, senão uma quebrada da flor dela, só da superfície, que fez uma cava, a qual pelas bordas será em algumas partes de altura de uma lança.

Andando cavando dali uns dias (porque durou a cava mais de um ano) foram dar em uma casa, onde em um vão dela acharam uma mulher que estava de parto, e a parteira debaixo dela com a criança nas mãos, já nascida, todas mortas. E por não estarem afogadas com a terra, se conjectura que morreram à fome e à míngua de não cavarem ali mais prestes.

Uma negra por nome Luzia, cativa de Cristóvão de Braga, genro de Gonçalo Vaz Botelho, que era filho de Gonçalo Vaz, o Grande, e cativa de Helena Gonçalves, mulher do dito Cristóvão de Braga, indo a terra alagando a vila, foi a dita negra naquela volta sobre ela, apegada em uma figueira, ter ao mar, onde escapou com a vida. E disse muitas vezes que vira seu senhor andar no mar, vivo, embrulhado naquela terra, e da mesma maneira dois frades.

***Capítulo LXX*** 310

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

Por estar a terra feita lodo, depois de três dias por diante da subversão da vila, começou a gente que escapou a andar por cima dela, chorando seus pecados e a absência e saudade de seus pais e mães, parentes e fazenda.

Um filho de João Gonçalves, do lugar de Rosto de Cão, estando a cavalo, dentro na lógea de seu pai, aquela noite e hora da subversão da vila, com as esporas nos pés e um arremessão na mão, já cavalgado, querendo sair pela porta fora, caiu a casa e o atupiu a ele e ao cavalo, porque assim se julgou, pelos que o acharam sobre o cavalo da maneira sobredita.

Afirmam os antigos que ainda que toda aquela noite era mui serena e apareciam claras as estrelas, depois de correr a terra como ondas do mar, uma diante da outra, sendo já dia claro, cessando a terra de correr, choveu uma chuva miúda.

Da casa de António de Freitas, cavando, tiraram uma sua filha solteira, mulher moça, achando-a na cama deitada de ilharga, com a mão debaixo da face e os toucados de dormir na cabeça; e assim morreu. Parece que não sentiu o tremor e, estando dormindo, a tomou a terra que correu.

Como em Vila Franca estava o porto principal e alfândega, iam deferir a ela e nela moravam muitos mercadores de fora da terra, onde tinham muita fazenda e diversas mercadorias, que ali iam comprar os moradores de toda a ilha. Mandando o Capitão Rui Gonçalves ajuntar muita gente de todas as partes para cavarem e desacravarem os mortos e muita fazenda dos naturais e estrangeiros, dizem uns que andando cavando, outros que indo em uma procissão, cantando as ladainhas, ouviram tom e grita de gente, como chamando por misericórdia; o qual tom ouvindo o Capitão Rui Gonçalves, entendendo que era de gente que ali estava soterrada, mandou cavar no mesmo lugar a grande pressa (era isto já aos nove dias depois do tremor e subversão da vila, contando neste número o mesmo dia da subversão) e cavando não muito espaço, descobriram uma ponta de uma trave, que jazia encostada com outra a uma parede de uma casa de um ferreiro, sobradada, com as traves muito bastas, a qual caindo com o tremor e amassando- se o telhado sobre o sobrado, caiu a parede da banda donde estava a ponta da trave que descobriram, e caíram também todas as traves daquela banda, ficando as outras pontas encostadas à outra parede, que ficou em pé, e tiveram a madeira e pedraria que caiu e terra que correu sobre elas e o sobrado. Viviam naquela lógea (que tinha o sobrado no andar da rua) três homens naturais de Guimarães, convém a saber, dois irmãos, chamados Marcos Pires e Nicolau Pires, os quais, estando para partir para sua terra em um dos navios que no porto estavam de partida, pousavam ali com um seu natural, que estava com Lopo Anes de soldada, e morava naquela lógea, que tinha uma porta da outra banda para a ribeira, ainda que o sobrado no andar da outra rua se servia para ela. Vindo o terramoto e terra que correu, caíram (como tenho dito) as traves do sobrado, pondo as pontas no chão, da parte da ribeira, e ficaram eles ali debaixo das traves do sobrado coberto de terra. Quando cavaram, deram na ponta de uma trave daquelas caídas e fizeram um buraco para o vão, por onde logo os ditos três homens saíram, como viram a luz pelo buraco; e, alevantando as mãos, começaram a dar graças a Deus de joelhos, pasmados de ver gente, e a gente pasmada de ver a eles, amarelos, mirrados e quase sem figura, com que se alevantou então um grande grito e choro, bradando todos a Deus por misericórdia.

Tinha o Marcos Pires em um saquinho trinta mil réis em dinheiro, e tornando a entrar pelo buraco o foi tirar. Contam uns que o pai de Nuno de Atouguia o fizera tirar do navio, poucos dias antes de se alagar a vila, por uma dívida que Ihe devia; o qual, vendo-se fora daquele obscuro cárcere, como desenterrado, vendo o pai de Nuno de Atouguia, se foi para ele indignado, dizendo: ó homem, tu me matavas, tu me matavas, e que o Capitão Rui Gonçalves o quisera mandar prender, pois, tirado da prisão de Deus, tinha indignação contra seu próximo; mas não o castigou então, senão com branda repreensão, porque todos os corações então andavam brandos. Até o Capitão, chamando-lhe algum: Senhor, respondia: — não me chameis Senhor, que só Deus o é.

Perguntados estes homens que pensamentos tinham ou com que se mantiveram debaixo da terra aqueles nove dias, responderam que cuidavam diversas coisas: ou que o mundo se acabara e fundira, ou que a só eles acontecera este desastre, e, finalmente, que não sabiam o que cuidassem, tão confusos estavam, sem saber o que acontecera; e que se mantiveram com biscoito, que tinham feito para a viagem do mar, e bebiam água que gotejava do lodo e recolhiam em uma panela, a qual misturavam com um pouco de vinho que tinham em uma pipa, quase já feito vinagre. Nem sabiam determinar as horas, nem a manhã do dia, senão pelo

***Capítulo LXX*** 311

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

cantar de um galo que consigo tinham. E a maior pena que sentiam era porque, das pessoas que no sobrado moravam, ficou um homem meio metido em um buraco dele e gritou tanto que eles o tiraram do buraco, e vivera com eles três ou quatro dias, acabados os quais faleceu, parece que de ir já ferido ou pisado, e entre si o tiveram os mais dias que ali estiveram, sofrendo com grande pena o seu fedor, o qual morto também tirou o povo logo e Ihe deram sepultura.

De escaparem estes estrangeiros e morrerem os naturais, parece que para o contar eles mandou Deus este castigo e grande açoite, por espelho e exemplo para uns e outros se verem e todos juntamente temerem o juízo de Deus e se emendarem. Como então não havia nenhum dos que ali se acharam que não estivesse muito contrito, porque com grande contrição e dor de seus pecados partiram dali com aqueles homens desenterrados, e com devota procissão, pedindo a Deus misericórdia, até uma ermida de Santa Catarina, que no arrabalde ficou em pé e Ihe servia então de paróquia, onde todos deram graças a Deus por escaparem, uns debaixo da terra e outros sobre ela. Estes homens, que saíram vivos daquela lógea, se foram depois para Portugal, dizendo que nunca cá tornariam, e logo dali a um ano tornaram. Tal esquecimento costuma trazer consigo o perigo passado.

Um João Lourenço Tição fugiu da cama nu para a banda do arrabalde, onde escapou vivo, como outros alguns escaparam, de que não soube os nomes.

Uma mulher, chamada Filipa Gonçalves, ficou debaixo duma casa soterrada; e, tirada dali, viveu 50 ou mais anos, perdida a fala sem mais a cobrar, somente dizia tudo o que queria com esta voz: tefas, tefas; também sabia dizer sim e não, sem mais poder pronunciar outra palavra. E ainda que perdeu a fala, não perdeu o juízo, nem o ouvir e outros sentidos.

Como tenho dito, por haver muitos mortos debaixo da terra e muitos seus parentes, que ficaram vivos em outras partes da ilha, que pretendiam herdar suas fazendas, durou a cava daquela mina todo um ano. E, andando cavando, acudiam ao mais necessário, principalmente onde os cães uivavam, sentindo os homens que bradavam debaixo da terra e alguns mortos.

Uma mulher, tirando de casa uma menina que criava e não era sua filha, ouvindo o tremor, a pôs sobre um carro que tinha à porta, e tornando dentro a buscar outras crianças, veio a terra e levou a casa e a ela, e ao marido e filhos, e escapou aquela menina ali sobre o carro.

O contador Martim Vaz Bulhão mandou cavar em uma casa, onde acharam uma moça pequena ainda viva, a qual não podendo comer, Ihe deitaram leite de mama pela boca, e, não o podendo levar, faleceu dali a pouco espaço.

Muitos pobres cavaram então ali, que, pela cobiça que Ihes cresceu, ficaram ricos do que escondiam, dinheiro, alfaias, roupa e vestidos que acharam. E algumas pessoas, logo depois de correr a terra sobre aquela vila, viam de noite andar muitas lanternas, candeias e luminárias acesas ao longo do mar de Vila Franca até Água de Alto, e não caindo na conta do que era, uns diziam que seriam os Fiéis de Deus que ali andavam (como supersticiosamente o povo ignorante costuma dizer) ou as almas dos que ali morreram. Mas, depois se soube que eram homens que naquela praia andavam buscando alguma fazenda, dinheiro ou peças, das que a terra levara, que o mar depois ia descobrindo. Desta maneira, ficaram alguns pobres ricos daquelas minas, que as ondas e mar, e não seus braços, cavaram. E outros muitos pobres das outras partes da ilha ficaram também ricos com as grossas fazendas que herdaram por morte de seus parentes ali mortos.

Assim ficou aquela populosa vila feita um campo raso, como onde Troia estivera, que depois serviu e serve de ricos pomares de frutas de diversa pomagem.

E a vila se tornou a povoar mui lustrosa, como agora é, da outra banda da ribeira, da parte do ponente, onde o arrabalde estava, e ficou o arrabalde vila e a vila arrabalde. E para animar os homens que a povoassem e não se apartassem daquele lugar com medo, el-Rei os dotou de muitos e mui largos privilégios e liberdades, iguais e maiores ainda que os da sua nobre cidade do Porto, em seu Reino; pela qual causa se acabou de reedificar e fazer mui prestes, mais sumptuosa que a primeira, que agora floresce habitada, povoada, regida e governada de muitos nobres e honrados cidadãos e luzido povo.

***Capítulo LXX*** 312

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

**CAPÍTULO LXXI**

DE OUTRAS PERDAS E DANOS QUE O MESMO TREMOR DA TERRA FEZ E CAUSOU

EM OUTRAS PARTES DA ILHA DE SÃO MIGUEL

Não somente subverteu a terra, que correu, a Vila Franca, onde afogou todos os seus moradores e não escaparam vivos (que se saibam) senão os que atrás tenho dito, mas também quebrou terra (com ímpeto do Espírito que causou o dito tremor) em outras partes da ilha, onde matou a muitos, como foi na Ponta da Garça, uma légua de Vila Franca para o nascente, além da freguesia, onde se chama as Grotas Fundas; ali quebrou um grande pedaço de terra que levou casas e gado e quanto achou diante e morreram alguns moradores, entre os quais foi um João Afonso, muito rico e de condição com que ninguém podia; todavia pôde a terra com ele; foi este tremor a horas de terça, e, indo fugindo duas mulheres, não puderam escapar, porque as alcançou a corrente da terra, e assim em cima dela, (como quem vai em corção) à vista de muitos, as levou ao mar.

A quarta-feira do dilúvio de Vila Franca, a horas de almoço, tornou a tremer a terra muito, e na freguesia da Ponta da Garça, no lugar que se chama as Grotas Fundas, arrebentou outra faldra de outro pico, que se chama o pico da Velha, porque era de uma velha, viúva, mulher que foi de João Afonsinho, e levou a casa da mesma velha e a casa de Afonso Rafael e a casa de Pedro Afonso, em que morreram trinta pessoas, pouco mais ou menos. E Pedro Afonso, saindo-se, foi ter a uma casa, onde morava uma sua filha, e metendo-se dentro com a filha, dizendo: metamo-nos aqui e não vejamos a morte; correu a terra e rodeando a casa, ali ficaram ambos e escaparam vivos.

Neste terramoto, no mesmo lugar, uma filha de Afonso Rafael se viu ir em mangas de camisa, viva, sobre a terra até o mar e desapareceu assim, sem a mais verem.

Logo além das Grotas Fundas, onde se chama o Loural, correu também uma lomba e morreu um Simão de Santarém, rico lavrador que ali vivia, e toda sua família.

Na vila de Água do Pau, que está mais vizinha de Vila Franca, para a parte do ponente, caiu a igreja e muita casaria e morreram nela catorze pessoas. E na Ribeira Chã, entre Vila Franca e Água do Pau, em uma casa que caiu, quatro.

Na cidade da Ponta Delgada, que então era vila, caíram muitas casas e morreram algumas pessoas. O mesmo aconteceu na vila da Lagoa. Na vila da Ribeira Grande não caiu dentro nela senão um pedaço de uma casa; mas na Lomba, de uma banda e da outra, não ficou casa que não caísse, e só uma pessoa morreu no Telhal, que foi um filho de Baltasar Vaz de Sousa, ainda menino, que andava na escola, chamado Nuno.

Na vila do Nordeste, caiu a igreja Matriz de S. Jorge, e quase todas as igrejas desta ilha caíram, e muita casaria em todas as vilas, onde morreram muitas pessoas de que não soube o número. O mesmo estrago foi nos casais que estavam pelo campo e nos lugares ou aldeias, onde não houve casa em que não houvesse perdas e gemidos. E não houve grota nenhuma, assim da parte do sul como do nordeste, por onde não corressem ribeiras de lodo, que os homens nem as bestas podiam passar, porque atolavam nelas; mas deitando em cima paus e tábuas, passavam como por pontes, até que depois secou o lodo e fizeram caminhos.

Levou a terra que corria árvores muito grandes ao mar, paus, pedras, gados e casas, e matou muita gente em muitas partes, movendo-se a terra com grandes abalos, desfechando como trovão com grande ímpeto e fúria, ferindo fogo com tanta força, como pelouro de bombarda, corriam as pedras, matando e desbaratando quanto achavam diante.

Indo do Nordeste, que está ao nascente, para o ponente, está primeiro o pico de D. Inês, mulher que foi do Capitão João Roiz, e após ele, o pico do Barbosa, ambos no limite dos

***Capítulo LXXI*** 313

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

Fenais da Maia. E logo outros dois picos de Luís Fernandes da Costa estão no limite da Maia, que é termo de Vila Franca, da banda do norte, um dos quais está ao levante, outro ao ponente, perto um do outro, sem haver entre eles mais que uma ribeira, que se chama a Ribeira Funda, por ser a mais alta que há da parte do norte; que, ainda que a ribeira da Salga seja também alta e funda, é mais larga, mas a Ribeira Funda é mais estreita, pelo que parece mais funda. Esborralharam-se estes picos e correram, cobriram e alagaram muitas terras de pão até ao mar, junto do qual quebraram muitas rochas que dantes tinham tamujais, azevinhos, urzes e outras árvores; e todas quebraram desde o Nordeste até a vila da Ribeira Grande, ficando as rochas limpas e esbrugadas (sic) de todo o arvoredo, como agora estão. Levou a terra, que correu, muito gado e currais ao mar, e os moinhos da Maia, onde estavam dois casais, em que podiam estar nos moinhos e casais até quarenta pessoas, porque dentro nos moinhos estavam somente vinte e duas e escaparam só dois homens, João Luís e Amador Martins, filho de Martim Lourenço. E com o tremor, caindo uma casa, colheu a parede debaixo uma mulher prenha, casada com um calafate, chamada Catarina Afonso, e Ihe fez deitar a criança pelas ilhargas e, arrebentando assim, morreu logo.

Chamavam-se a estes picos, e chamam hoje em dia, picos Escalvados, como agora estão, pela terra que correu deles, e também picos dos Costas, por serem de Luís Fernandes da Costa. Estão no termo da Maia, como já disse, os quais abriram e deitaram de si terra como barro amassado, com a madeira que em si tinham, ficando escalvados; e cobriram quantidade de doze moios de terra ao redor, desde a cumieira da serra até o mar, correndo mais quantidade para a banda do norte e do levante que para o sul, e ainda hoje em dia estão escalvados, sem madeira, somente, com alguma erva, e não tem buraco nem cova alguma, mas correu a capa da terra de cima, como o pico do Rabaçal que correu sobre Vila Franca no mesmo tempo e dia. E na terra corrida nasceu algum mato miúdo, como uveiras, louros e tamujos, mas não nos picos, que ficaram sem o mato que dantes tinham e sem outro algum que depois nascesse.

Também outro pico de grande altura nos Fenais da Maia, chamado o pico do Barbosa, se abriu no cume dele, e correu terra por todas as bandas, não que abrisse boca alguma, senão ficou, ficando em cima somente um taboleiro de largura de dez palmos e de compridão de trinta, como dantes estava; todo o mais ficou esfolado. E correndo, cobriu quantidade de terra lavradia até seis moios, em tanta altura que, depois lavrando a terra, não aparecia a madeira.

Outro pico, chamado da Senhora, por ser de D. Inês, mulher do Capitão João Roiz da Câmara, correndo também, levou muita madeira e cobriu quantidade de dois moios de terra e mato, ficando esfolado da superfície de cima somente, sem ter boca alguma; pelo que se vê claramente que em todo aquele tremor, estes picos e o de Vila Franca não arrebentaram, mas com o tremor sacudiram de si a capa e solo de terra de cima, altura de uma lança, e ficaram naquelas partes que quebraram nus, esfolados e escalvados, como hoje aparecem, onde somente criam algum azevém e alfacinha e alguma erva curta, como trevina e outras ervas que o gado pasta, mas não madeira alguma, como dantes tinham.

Estando os filhos de Luís Fernandes da Costa, da Maia, ao longo da ribeira do Preto, que eram quatro: Luís Fernandes da Costa, Gaspar Homem da Costa, Baltasar da Costa e Francisco da Costa, e com eles um alfaiate, chamado Rabelo (estando seu pai em Vila Franca, onde faleceu o dia de sua subversão) jazendo todos em uma cama, dormindo em uma casa térrea, pegada com uma torre sobradada, com medo dos grandes tremores que três dias antes haviam botado fora uma madre, que estava posta por baixo das paredes, como seta ligeira, do solhado e traves da torre, com aquele grande tremor da noite da quarta-feira (em que se subverteu Vila Franca), caiu a torre sobre o sobrado, estando em cima dele um seu irmão, chamado Belchior da Costa, de idade de dezoito anos, e estando uma imagem de Nossa Senhora dependurada em uma parede da torre, no sobrado, quando a casa caiu em cima dele na cama onde jazia, se achou na rua com a imagem de Nossa Senhora na mão, e assim escapou, com uma ferida somente na maçã do rosto. E o alfaiate Rabelo, com o medo que teve, Ihe deu tão grande tremor que Ihe durou alguns dias, sem poder comer, nem beber, até que por fim faleceu. E os mais que estavam em toda a casa, homens e mulheres, escaparam sem perigo.

Defronte desta casa, da outra banda da ribeira do Preto, que está junto da Ribeira Funda, morava um Sebastião Roiz com Isabel Teixeira, sua mulher, naturais da vila de Guimarães, do Reino de Portugal; e, jazendo na cama, dormindo com dois filhos de pouca idade entre si, vindo aquele grande tremor com que arrebentou a terra em um monte ali perto, partiu a casa

***Capítulo LXXI*** 314

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

pelo meio e caindo um tirante sobre o pai e mãe e filhos, os tomou pelas cabeças e ali os pisou e matou, passando a terra por cima deles; e assim os acharam deitados na cama mortos e a trave em cima. E toda a benfeitoria da casa foi na volta da terra, caminho do mar, ficando só um pedaço em pé, onde escaparam um seu genro e sobrinho, chamados Pedro Afonso e Manuel Martins, e também um filho do mesmo Sebastião Roiz, chamado Hierónimo. Pegado com a casa, ficou tamanho espaço como seis ou sete varas de medir terra, que se não cobriu da enchente, onde escaparam quatro bois sem perigo.

Na mesma noite, dentro no lugar da Maia (onde caíram algumas casas com o tremor) se pegou fogo em uma casa de um João Lopes, pescador de batel, onde estavam dois mil réis em tostões, atados em um pano, em um escaninho de uma caixa, que se acharam ao outro dia derretidos, feitos uma pasta. Este lugar da Maia está sujeito a três montes e alturas de terra muito grandes, convém a saber, ao pico do Barbeiro, e à lomba do Funchal, e a um monte a cujo pé nasce a fonte das Pombas, chamada assim por virem muitas de diversos lugares a beber nela, de que se serve o dito lugar. E nenhum deles correu, pela misericórdia de Deus. Mas outra terra arriba, muito longe deles, contra a serra, e muito chã, arrebentou e correu pela grota que vai ao longo do lugar até dar no mar, sem perigar casa, nem pessoa.

Foi tanto o lodo e terra branda e mole, como lama, que deste dilúvio correu, que não ficou caminho nem herdade por onde se pudessem servir, nem andar. Estava ali um curral, ao longo da ribeira de Lopo Dias, avô de Lopo Dias Homem, da vila da Ribeira Grande, onde estavam quarenta vacas paridas, com outro muito gado, para as ordenharem o dia seguinte; todas foram alagadas e afogadas da enchente da terra com todo o outro gado, sem mais aparecer alguma.

No tempo da desolação de Vila Franca, se alevantou na Chada Pequena um redemoinho de vento tão grande que se deitavam as pessoas no chão, por o vento as não levar; e levou duas mulheres, uma, filha de uma Branca Gonçalves, que chamavam Marqueza, e outra, de uma sua vizinha. E vendo-as muitos ir pelo ar, caíram no mar e nunca mais apareceram.

Uma mulher, mãe de uma Leonor de Proença, que morava na Maia, ficou debaixo da terra com um frade, seu filho, sacerdote de missa, alguns dizem que cinco dias, onde o filho confessou a mãe e esforçou, dizendo que o coração Ihe dizia que haviam de sair dali, e assim foi, porque no fim dos cinco dias, cavando naquele lugar, os tiraram e viveram depois muitos anos. Um Gaspar Homem da Costa, filho de Luís Fernandes da Costa, um dia de Reis, na era de mil e quinhentos e vinte e três anos, perto de quatro meses depois da subversão de Vila Franca, indo para casa, de ouvir missa no lugar da Maia, com seus criados, a buscar de jantar, acharam treze alimárias, entre bois e vacas, atoladas até o pescoço no lodo, e se ocuparam grande parte do dia em as desencravar e tirar, com dó de as verem perecer. E em outras muitas partes aconteceu naquele Inverno o mesmo. E nestas partes se alagaram e cobriram (afora as casas ditas) muitos pomares e colmeiais, que nunca mais apareceram.

Nas Furnas, estavam em uma cafua dezassete pessoas e estava por senhor da cafua (que era casa grande) um João Delgado, homem preto, de muita verdade e bom cristão, que fazia muito gasalhado a todas as pessoas que ali iam ter àquela criação de seu senhor, chamado Pedro Anes Mago, pai de Pedro Anes Mago, vigairo que agora é da vila da Lagoa; uns bardeavam, e outros eram pastores, outros iam para outras partes da ilha, e aquela noite acertaram de pousar ali, e com o tremor morreram todos, ficando só o preto João Delgado vivo, que escapou mui escalavrado, e sendo depois forro, faleceu no lugar de Rabo de Peixe e foi enterrado, por sua virtude, dentro na igreja de cima, que então servia de paróquia.

Na mesma noite da desolação de Vila Franca, arrebentou junto das mesmas Furnas (onde se chama a Lomba das Camarinhas) terra de compridão de um tiro de arcabuz, com tanta altura e concavidade que as árvores que nela estavam, nada se moveram nem arrancaram, mas sim, pela ordem em que estavam, correram por uma terra chã, passando duas ribeiras, a ribeira Quente e a Fria, e cobriram mais de vinte moios de terra; e ali cessou a corrente da terra, mais abaixo para a banda do mar, apartada do lugar onde dantes estava com as ditas árvores, que nela também dantes estavam prantadas, algumas das quais se cortaram depois, mas durou muitos anos uma grande faia, verde e fresca, junto da qual o negro João Delgado fez outra cafua, e na mesma faia, que correu sobre a dita terra, dependurava os cabritos e cabras, e carne, pão e miúdos das reses que matava; a qual faia, contam os antigos, que ia na dianteira da terra corrida, aquela noite do tremor.

***Capítulo LXXI*** 315

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

Um canário, chamado Pedralvres, natural de Tenarife, que foi de João Álvares do Sal, morador na vila da Lagoa, achando-se aquela noite no sítio das Furnas, deitou quatrocentas cabras ao pé da rocha, que se chama Pé de Porco, da qual com o tremor quebrou e caiu um pedaço e soterrou as cabras, sem aparecer mais alguma.

Desta maneira fizeram outras quebradas da terra, em outras partes da ilha, grandes danos, matando gente e gado, pelo que se chama nesta ilha àquele dia do tal tremor Mandado de Deus. Outros Ihe chamam Dilúvio, outros Mistério e outros nomes diversos e todos Ihe quadram por diversas razões.

A Deus, que mandou este castigo, prometeram os povos desta ilha fazerem procissões no tal dia, cada ano, como sempre fazem. Dizem que morreriam em Vila Franca cinco mil almas debaixo da terra, o que não parece poder ser, nem haver então na vila tanta gente, pelo que dizem outros que entra neste número toda a mais gente que morreu em outras partes da ilha. Mas, o que a mim me parece mais certo, é que neste número de cinco mil almas entram também os que morreram na peste, que depois veio e começou no ano seguinte.

No mosteiro antigo de S. Francisco, de Vila Franca do Campo, estava uma imagem de Nossa Senhora, de grandura de uma menina de quatro ou cinco anos, a qual no dia da subversão da dita vila correu com a terra, ou sobre a terra, do altar onde estava até o mar. E daí a perto de um ano, ou menos, foi ter a Tenarife, uma das sete ilhas das Canárias, onde indo uns pescadores, naturais de Orotava, da banda do norte, em um barco pescar à banda do sul, no rio de Adeixe, que é uma freguesia, andando pescando viram ao longo da costa, em uma praia de areia branca (como algumas de Portugal), entre o sargaço que o mar deita fora na areia, um vulto com feição de cabeça de pessoa e, parecendo-Ihe ser homem ou mulher, saiu do barco um dos companheiros fora, a ver o que era, e achou ser uma imagem de Nossa Senhora, e metendo-a no barco, sua tenção era levá-la a seu próprio lugar de Orotava, onde eles moravam. Indo para lá, foram ter a um arrecife, que é uma baía no porto de Garachico, outra freguesia também da banda do norte, como quatro léguas de uma à outra. Saindo ali e vendendo seu pescado, tomando refresco, sem falarem na imagem que levavam, quando foi à saída para fora de Garachico, por mais que remavam, não puderam sair; pelo que, suspeitando que a imagem que levavam era causa disso, se tornaram a terra e contaram ao povo de Garachico o que Ihe havia sucedido; fazendo-o a saber aos sacerdotes e à justiça secular, veio todo o povo e, entendendo todos que era permissão e vontade de Deus ficar ali aquela imagem de Nossa Senhora naquele lugar, a levaram com procissão muito solene, do barco até a igreja maior que é da invocação de Sant’Ana; e ali puseram no altar-mor a imagem da Filha, com a pintura da Mãe, Santa Ana, onde agora está. Indo depois desta terra um homem (cujo nome não pude saber) ter a Tenarife àquele lugar de Garachico, e, vendo no altar-mor daquela igreja de Santa Ana aquela imagem de Nossa Senhora, a conheceu por um certo sinal que tinha que era a mesma que vira no mosteiro de S. Francisco, de Vila Franca do Campo, desta ilha de S. Miguel, antes do tremor da terra que a subvertera; e assim o disse a todo o povo de Garachico, donde começou a ser tida aquela imagem em mais veneração que dantes, por saberem que de tal tremor e de tão longe a levara Deus pelo mar àqueles partes, e se fora (329) desta terra, como se foi (330) o Santo Sacramento para outra parte, e levara pelas águas do mar a Filha, para a agasalhar e aposentar na casa de sua Mãe, Santa Ana.

***Capítulo LXXI*** 316

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

**CAPÍTULO LXXII**

DA CAUSA DESTE TREMOR DE TERRA QUE SUBVERTEU VILA FRANCA E DE UM TERRAMOTO QUE ACONTECEU NO ANO DE MIL E QUINHENTOS E SESSENTA E TRÊS, NO TEMPO DO CAPITÃO MANUEL DA CÂMARA

Ver e olhar para esta ilha naqueles dias, como estava esfolada toda, assim a terra do pão, como a do mato, especialmente as das serras corridas em barreiras e quebradas, vermelhas e pardas, fazia muito espanto. E, ainda que alguns dizem que os picos Escalvados correram aquele dia sobre a Maia, todavia outros afirmam que já eram escalvados dantes e que no dia da desolação de Vila Franca, de uma boca que está meia légua à banda da serra, sobre o Loural da Maia, que terá em redondo quatro ou cinco alqueires de terra em campo chão, arrebentou a terra que correu e levou os dois moinhos da Maia e matou a gente atrás dita, levando e cobrindo muitos pomares e figueiras que por ali estavam. E no mesmo tempo correu a quebrada da terra nas Furnas entre a alagoa grande e as ditas Furnas, e levou um grande espaço da superfície sobre si, com as árvores que nela estavam prantadas, ficando todas na ordem que dantes tinham, sem se mudar alguma do seu lugar, como está dito.

O monte das Furnas parece que, quando arrebentou no tempo que se descobriu esta ilha, ou antes dela descoberta, caiu a terra e polme dele ao redor pelo mato, que se chama a Serreta, que nasceu depois sobre o acravado e sobre os montes junto de Vila Franca. O mesmo parece que foi outro monte, onde agora está a grande alagoa das Furnas, como mostram as quebradas e rochas ao redor dela; e daqui, destas partes ou de outras, em tempo de outros antiquíssimos terramotos ou tremores, antes de ser achada esta ilha, saiu a terra e polme que cobriu estes montes ao redor de Vila Franca, como terra adventícia e postiça sobre eles. E, com o tremor grande, que foi no tempo do dilúvio de Vila Franca, quebrou a terra do monte que está sobre ela e correndo sobre a vila, a cobriu toda. Na Ponta da Garça e na Maia (como tenho dito) fez o mesmo; onde é de notar que a terra que correu sobre Vila Franca era uma quebrada de um pico que está sobre ela, a qual não é o solo e torrão de uma terra natural do pico, mas é terra que parece que caiu sobre aquele pico e ao redor de Vila Franca, no tempo quando arrebentaram as Furnas, ou outros picos em tempo de outros terramotos que antigamente houve nesta ilha, antes de ela ser descoberta, nem povoada. O que claramente se vê, porque a terra que correu sobre Vila Franca foi quebrada da face do pico e não é a natural, mas lodo, como cinzeiro, misturado com pedra pomes, que em outro tempo choveu sobre aquele pico, donde ela quebrou. Quem vir a quebrada e a mossa que fez no pico, com a quantidade, espaço e altura que tem, logo julgará que abasta para cobrir a vila e fazer o dano que fez, sem sair outra do centro, pois não há aí nenhuma mostra nem buraco por onde de baixo saísse; e ainda que parece pouca a terra que correu do monte, assim parece pouca pedra a que tem uma casa feita, porque está toda arrumada nela, mas desfeita a casa, ou antes de se fazer, enche rua e ruas e não cabe nas praças.

Assim a terra estava ali arrumada naquele monte, e, espalhada dali, cobriu praças e ruas de toda a vila, e posto que parece estar a terra enxuta no lugar onde está, cavando-a, se acha húmida, e, espalhada, parece lodo, como foi a que correu sobre Vila Franca, sacudida com algum espírito ou vento que, não cabendo nas cavernas da terra, andava buscando lugar de um lado para outro, fazendo tremer a terra para os lados e não tendo tanta força para sair e fazer lugar e boca por onde saísse, fez sacudir a terra do monte que estava sobre Vila Franca, e o da Ponta da Garça e o das Furnas e o da Maia, e fazerem os danos que tenho dito; porque, como diz Aristóteles no segundo Livro dos Metheuros (sic), há duas maneiras de terramotos, uma que se chama tremor, quando se move a terra para os lados, com grande espírito ou vento que está debaixo das cavernas dela, o qual se chama tremor, o que acontece poucas vezes, porque poucas vezes se ajunta muito espírito ou vento que isto cause.

***Capítulo LXXII*** 317

**SAUDADES DA TERRA *Livro Quarto***

Outra maneira de tremor há de baixo para cima, porque se requere muito princípio e muita exalação congregada debaixo da segunda costa da terra, para que a faça arrebentar, como foi o segundo tremor da terra nesta ilha, no tempo do Capitão Manuel da Câmara (como a seu tempo direi), onde arrebentaram os montes e deitaram muita terra de si, como pelouro, o que propriamente se chama terramoto. Ainda que o arrebentar da terra, que então aconteceu, foi causado, não de exalações nem espírito ou vento, senão de minerais de salitre e enxofre que, crescendo muito debaixo da terra, se acendeu, pode ser que assoprada de algumas exalações e vento, e como fogo de bombarda deitou para cima toda a terra e arvoredo que sobre si em um monte tinha; como aconteceram desta maneira quase todos os terramotos desta ilha antes de ser achada, que foram tantos quantos são os picos dela, como eles estão dando testemunho com as bocas que têm abertas.

Mas, este terramoto de Vila Franca não foi causado por fogo, senão por ar encerrado nas concavidades da terra, que, buscando respiração por onde resfolegar, lidando e procurando ter porta sem a abrir, por não ser em muita quantidade, sacudiu a côdea da terra do monte que tenho dito, sobre Vila Franca, não correndo direita ao mar, senão de ponente (onde o monte está) para o oriente, um pouco espaço, passando uma ribeira, até se pôr sobre a vila, ao pé da serra e, alagando ali primeiro o mosteiro de S. Francisco, começou a descer direita ao mar e de caminho cobriu a vila.

Nem terá mais quantidade toda esta terra corrida que a que se vê faltar no monte; o que julgará quem bem o quiser considerar, e afirmará que nenhuma terra saiu do centro do dito monte, pois também não está feita nele boca alguma por onde saísse.

Bem podia ser este tremor causado por se converter alguma água ou humor nas concavidades e opacidades da terra, com proporção décupla em dez tanto de ar, e, não cabendo no mesmo lugar, fazer tremer a terra e dar grandes golpes para os lados, buscando parte para sair, e, sem a fazer, sacudiu a terra dos lados desta ilha, nos lugares que tenho contado.

A causa dos ventos e do tremor da terra declara maravilhosamente o Mestre Aleixo Vanhegas, no seu Livro Natural, aos trinta e dois capítulos, dizendo que, a maneira de animal, resfólega e arrota a terra, quero dizer que os espíritos que estavam encerrados nas concavidades na terra, como não puderam estar em pequeno lugar, buscaram saída, como a busca o arroto que não cabe no corpo do animal. Assim os ventos são uns arrotos que faz a terra, os quais sobem até a meia região do ar, que está mui fria, pelo qual não podem subir dali, e pelo conseguinte rebatem-se ali para os lados, como o fumo que topa no telhado e se quebra para os lados, umas vezes se acanala para um lado, e outras vezes se parte em duas partes contrairas, e outras vezes se redobra em círculo, derramado por todas as partes do circuito. Desta mesma maneira, a exalação ou vento que sobe da terra, se quebra no meio interstício, ou meia região; porque, pela densidade e espessura do frio, não a pode passar, pelo qual se rebate ali e se torna à terra e, tornando a ela, se vem pela parte do oriente, chama-se leste, e se vem pela parte do ponente, chama-se oeste, e se vem pela parte do setentrião chama-se norte, e se vem pela parte do meio dia, chama -se sul. E assim também cobra outros nomes vindo por entre estes quatro.

Algumas vezes, este arroto que faz a terra, está tão ensarrado (sic) nas cavernas da mesma terra, que não pode sair facilmente; e com a quentura do sol penetra alguma coisa do corpo da terra, resolve as humidades das concavidades e, como não cabem juntas com as exalações em um lugar, não saem remissamente como os ordinários espritos ou resfôlegos de que se fazem os ventos; mas, com o demasiado apressuramento, não se dão espaço nem vagar, e querem sair a tropel, da maneira que sai o espírito do corpo do homem. De maneira que podemos dizer que os ventos são os ordinários arrotos e o tremor o espirro que faz a terra.

Se enchemos uma alcanzia de água e a pomos ao fogo brando, pouco e pouco sai pela abertura o vapor; mas, se soldamos o agulheiro e a pomos a fogo rijo, antes que passe uma hora saltará e se fará pedaços, porque, à maneira do espirro, sairá subitamente o vapor que a quentura do fogo havia levantado da água; assim como diremos que também espirra o vapor da castanha que se deitou inteira no fogo, porque o humor da castanha, convertido em vapor, não cabe em tão pequeno lugar como é na casca. Também espirram os ovos que se põem a rijo lume quando não se Ihe quebra um pouco a casca, para que pela abertura saia o vapor que não pode caber, em forma de vapor, em pequeno lugar. Desta mesma maneira, diremos que espirra a terra o demasiado vapor que o calor do sol gerou em suas concavidades; e assim

***Capítulo LXXII*** 318